



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**ADRIANA GIAROLA FERRAZ FIGUEIREDO**

**ENTRE OS DIAS E OS ANOS:  
LEITURA DE CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ**

---

Londrina  
2007

**ADRIANA GIAROLA FERRAZ FIGUEIREDO**

**ENTRE OS DIAS E OS ANOS:  
LEITURA DE CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Londrina  
2007

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

F475e Figueiredo, Adriana Giarola Ferraz.  
Entre os dias e os anos : leitura de crônicas de Rachel de Queiroz /  
Adriana Giarola Ferraz Figueiredo. – Londrina, 2007.  
170f.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007.

Bibliografia: f. 143-146.

1. Queiroz, Rachel de, 1910-2003 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Crônicas brasileiras – História e crítica – Teses. 3. Velhice na literatura – Teses I. Simon, Luiz Carlos Santos. II .Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-

**ADRIANA GIAROLA FERRAZ FIGUEIREDO**

**ENTRE OS DIAS E OS ANOS:  
LEITURA DE CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez  
Universidade Federal do Paraná

Londrina, 11 de dezembro de 2007.

## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe, Clóris Giarola Ferraz, exemplo de dignidade e de sabedoria. Pelo amor compartilhado no dia-a-dia e pela capacidade de tornar tudo possível.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ser Ele o autor e o consumidor da vida.

Ao meu esposo, Marcos, pela ajuda, pela dedicação, pelo companheirismo e pelo amor incondicional.

Aos meus pais, Néelson e Clóris, e aos meus irmãos, Hugo Vinícius e Márcio José, por todo apoio, pela compreensão e pela fé depositada em mim, aspectos fundamentais para o meu crescimento e para a minha determinação ao longo de minha vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon, pelo desafio inicial, por dividir comigo um pouco de sua caminhada no estudo da crônica, pela orientação atenta e segura e pela amizade cultivada durante todo o percurso.

À Profa. Dra. Adelaide Caramuru Cezar, pelas valiosas e imprescindíveis contribuições no início da caminhada no Mestrado e pelas dicas importantes para a definição da pesquisa.

Ao Prof. Livre-Docente Joaquim Carvalho da Silva, pelas sábias orientações na Qualificação.

Ao Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez, da Universidade Federal do Paraná, pela importante contribuição na Banca de Defesa desta Dissertação.

Aos demais professores da UEL, por indicarem caminhos, pelos preciosos ensinamentos e por despertarem em mim a paixão pela Literatura.

Aos colegas de Mestrado, em especial, Anderson Possani Gongora, Andréya Garcia da Paixão, Paula Gerez Robles, Roberto Oliveira e Suzilene Dias de Araújo (companheira das disciplinas e das viagens), pelas trocas, pelos bons momentos passados juntos, pelo apoio e pelo companheirismo.

Aos amigos, em especial, Angela Maria Pelizer de Arruda e Rogério de Arruda, pela presença constante e pelo carinho irrestrito.

Aos funcionários da Biblioteca Central e da Biblioteca Setorial do CLCH e às secretárias da Pós-Graduação, Rosane, Lúcia e Durva, pela atenção dispensada.

A todos, os meus sinceros agradecimentos: Muito obrigada!

*Quando tudo no mundo é mocidade,  
verde a árvore, moça a natureza;  
e cada ganso te parece um cisne,  
e cada rapariga uma princesa;*

*venham minhas esporas, meu cavalo!  
Vou correr mundo em busca de alegria!  
O sangue moço quer correr, ardente,  
E cada criatura quer seu dia...*

*Nas frias tardes da velhice, quando  
É parda toda a árvore que vive;  
Em que todo desporto é já cansaço,  
E toda a roda corre no declive;*

*oh! Volta à casa, busca o teu caminho,  
vai, mesmo assim, cansado e sem beleza:  
lá acharás o rosto que adoravas  
quando era jovem toda a natureza!*

Charles Kingsley

*Há pessoas que sentem muita pena de não terem  
conhecimento dos segredos do futuro. Eu não. Este  
mundo atual já é tão rico de promessas, mas  
também de ameaças, que chego a dar graças a  
Deus por estes noventa anos já cumpridos. Pela  
falta de tempo a decorrer depois destes noventa  
anos, as surpresas serão poucas, quer as boas,  
quer as más.*

Rachel de Queiroz

FIGUEIREDO, Adriana Giarola Ferraz. *Entre os dias e os anos: leitura de crônicas de Rachel de Queiroz*. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

## RESUMO

*Entre os dias e os anos: leitura de crônicas de Rachel de Queiroz* é um estudo em que se contempla a crônica, sua capacidade de ser um gênero do cotidiano e a questão da velhice diante dessa cotidianidade. Dentro de uma perspectiva mais específica, trata-se de uma abordagem de algumas crônicas da autora Rachel de Queiroz imbuídas das circunstâncias da contemporaneidade e, nesse contexto, a presença das pessoas idosas. A intenção do trabalho é a de explorar todas as condições de a crônica ser um gênero totalmente incorporado à vida diária, portanto, capaz de captar os acontecimentos mais prosaicos decorrentes da modernidade. A escolha do tema deve-se ao fato da existência, ainda, de poucos estudos realizados acerca do gênero em questão, bem como a respeito das ações que incidem sobre a terceira idade. Mais que uma proposta de pesquisa, trata-se de uma busca de subsídios para o conhecimento das questões inerentes à problematização do gênero e, também, da senilidade. Pretende-se, com esta dissertação, demonstrar que, além da questão do gênero, o que define a arte literária é, também, a capacidade de criação, o engajamento social e a forma de expressão em que esta se consolida.

**Palavras-chave:** Crônica. Cotidiano. Velhice. Temática. Rachel de Queiroz.

FIGUEIREDO, Adriana Giarola Ferraz. *Between the days and the years: a reading of the chronicles of Rachel de Queiroz*. 2007. 180f. Dissertation (Master of Languages) – State University of Londrina, Londrina, 2007.

## ABSTRACT

*Between the days and the years: a reading of the chronicles of Rachel de Queiroz* is a study in which chronicle is contemplated, its capacity of being a genre of the quotidian and the question of oldness in this quotidianity. In a more specific perspective, this is an approach of some chronicles by Rachel de Queiroz impregnated with circumstances of contemporaneity and, in this context, the presence of elderly people. This study aims at exploring all the conditions that make chronicle a genre totally incorporated into daily life, therefore, capable of catching the most prosaic events of the modernity. The choice of this theme lies in the lack of studies about this genre and also in the actions that reflect on the third age. More than a proposal of research, this is an investigation of the subsidies for the knowledge of the questions inherent in the problematization of the genre and, as well, the senility. In this study, we intend to demonstrate that, beyond the question of the genre, what defines literary art is also the capacity of creation, the social commitment and the form of expression in which it consolidates itself.

**Keywords:** Chronicle. Quotidian. Old-age. Thematic. Rachel de Queiroz.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 CRÔNICA: UM GÊNERO PARTICULAR E CONTROVERSO.</b>	
<b>APONTAMENTOS IMPORTANTES</b> .....	17
1.1 A CRÔNICA, O TEMPO E O COTIDIANO .....	17
1.2 O FAZER CRONÍSTICO: DEFINIÇÕES, ESTRUTURA E LUGAR DA CRÔNICA .....	22
<b>2 O COTIDIANO E AS SUAS IMPLICAÇÕES: MOMENTOS QUE SE</b>	
<b>CONSAGRAM</b> .....	34
2.1 O COTIDIANO E A LITERATURA .....	34
2.2 A ESTRUTURA DA VIDA COTIDIANA.....	41
2.3 AS ARTES DE FAZER E O LUGAR EM QUE AS PRÁTICAS COTIDIANAS ACONTECEM.....	50
<b>3 O SUJEITO E O TEMPO: FALANDO SOBRE A VELHICE</b> .....	54
3.1 A VELHICE: PARTICULARIDADES DE UMA CONDIÇÃO INCONTESTÁVEL .....	54
3.2 A VELHICE E A VIDA COTIDIANA: RETRATOS DA REALIDADE .....	67
<b>4 LEITURA DAS CRÔNICAS: O OBJETO EM ESTUDO</b> .....	80
4.1 OS VELHOS E OS NOVOS TEMPOS.....	80
4.1.1 “Falso Mar, Falso Mundo” (05-11-1994).....	81
4.1.2 “De Armas na Mão pela Liberdade” (18-11-1995).....	88
4.2 OS VELHOS E A VELHICE .....	96
4.2.1 “Não Aconselho Envelhecer” (18-03-1995) .....	97
4.2.2 “A Longa Vida que já Vivemos” (08-05-1992) .....	104
4.3 OS VELHOS E OS NOVOS.....	109
4.3.1 “A Menina que vai Crescer” (26-06-1989) .....	111
4.3.2 “A Arte de ser Avó” (agosto –1958).....	117
4.4 OS VELHOS E AS DATAS.....	125
4.4.1 “A Cobra que Morde o Rabo” (09-01-1999).....	126
4.4.2 “Os Noventa” (25-11-2000) .....	133

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	138
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	143
<b>APÊNDICE</b> .....	150
<b>ANEXOS</b> .....	155
ANEXO A .....	156
ANEXO B .....	159
ANEXO C .....	162
ANEXO D .....	165
ANEXO E .....	168
ANEXO F.....	171
ANEXO G .....	175
ANEXO H .....	178

## INTRODUÇÃO

Crônica, cotidiano e velhice. Ocorrências que se encontram em pontos comuns: as pequenas histórias, os instantes que se consagram, a vida de cada dia, os homens prosaicos, a labuta diária, as transformações... Enfim, o transcorrer da existência. E se há uma intersecção entre essas circunstâncias, há que se pensar na possibilidade de exploração, de estudo e de entendimento dessa ligação e das ocorrências em consequência desse entrecruzamento.

Para tal, a presente dissertação apresenta-se com a finalidade de estudar os traços relevantes da crônica, sua ligação com o dia-a-dia (por ser mesmo este um gênero do cotidiano) e as implicações dos acontecimentos rotineiros de uma sociedade na vida dos sujeitos, especialmente dos velhos<sup>1</sup>, pessoas totalmente afetadas pelos acontecimentos diários. Para delinear a pesquisa, além dos levantamentos teóricos acerca dos temas, serão estudadas algumas crônicas da autora Rachel de Queiroz, importante representante da literatura nacional.

Com o intuito de elucidar as muitas questões surgidas, em detrimento do tema do trabalho ao longo da pesquisa, tornou-se necessária a divisão do mesmo em duas partes de igual importância: os três primeiros capítulos servirão de base teórica para o desenvolvimento da pesquisa e o quarto e último será destinado ao estudo do objeto, às leituras de algumas crônicas relevantes para o entendimento dos aspectos abordados no embasamento teórico. Nesse momento, a prática se estabelece para que a teoria levantada seja verificada.

Sobre a escritora Rachel de Queiroz<sup>2</sup>, cabe ressaltar que, sendo descendente da estirpe de José de Alencar, tentou, como ele, durante toda a sua

---

<sup>1</sup> O termo “velhos” será usado ao longo do trabalho sem nenhum valor pejorativo, nem tampouco com a intenção de empregá-lo com um sentido negativo. Trata-se, apenas, do uso de um vocábulo (e de seus muitos sinônimos: senis, idosos, anciãos, senescentes etc.) adotado para designar as pessoas com um tempo maior de existência.

<sup>2</sup> Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza (CE) em 17 de novembro de 1910. Formou-se no curso normal aos 15 anos de idade, e sua formação escolar encerrou-se aí. No entanto, dedicou-se inteiramente à leitura, hábito estimulado por sua mãe, que a mantinha atualizada com lançamentos nacionais e estrangeiros, especialmente os franceses. O constante contato com a leitura a estimulou aos primeiros escritos. Submetida a um rígido tratamento de saúde em 1930, em função de uma congestão pulmonar e suspeita de tuberculose, a autora se viu obrigada a fazer repouso e resolveu escrever um livro sobre a seca, *O Quinze*, obra que logo a transformou em uma personalidade literária. Depois disso, a escritora publicou mais sete romances, entre eles, o *Memorial de Maria Moura* (1992), que dois anos mais tarde viria a tornar-se uma minissérie transmitida pela Rede Globo de Televisão. Além dos romances, Rachel escreveu literatura infanto-juvenil, teatro, antologias, livros

vida, incorporar a linguagem que falava e que escutava em seu ambiente nativo à língua com que ganhava a vida nas folhas impressas que, segundo ela, não fazia por novidade, mas sim, por necessidade. Mesmo escrevendo romances, literatura infanto-juvenil, teatro e crônica, Rachel chegou aos noventa anos afirmando que não gostava de escrever e, se o fazia, era apenas para se sustentar.

No entanto, apesar das declarações da autora, toda a sua produção atingiu uma posição considerável na esfera literária. E, no caso do trabalho em questão, suas crônicas foram de extrema importância para que a situação dos idosos fosse analisada e estudada dentro do contexto social diário.

Frente ao fato de repugnar o termo “terceira idade”, a escritora deixa transparecer a sua posição diante da senilidade: não gosta dessa condição e desse momento que vive. O que se pode perceber, a partir de algumas crônicas da autora e de suas colocações a respeito dessa fase da vida, é que ela vive em meio a sua ranzinze, ao seu descontentamento e a sua constante indagação diante da questão de “ser uma pessoa velha”. E, apesar de não ser essa uma característica exclusiva dos idosos, que pode se manifestar em qualquer idade, é diante das dificuldades de adaptação ao ambiente social em que vivem que os senis apresentam essa particularidade (a ranzinze) com mais frequência. No caso de Rachel, sua intolerância, sua irritação, seu mal-humor e seu constante questionamento sobre a senescência podem configurar-se resultados de sua própria condição: a velhice.

Atenta observadora da realidade que a cerca, nada lhe passa despercebido, especialmente quando o que acontece diz respeito aos senescentes. Por isso, em algumas de suas crônicas, especialmente aquelas inseridas nos volumes *Terras ásperas* (1993) e *Falso mar, falso mundo* (2002), mostra uma narração generosa e profunda sobre a velhice e, por meio de sua produção, aos mais moços dá um conselho: “Não fiquem velhos!”.

O primeiro capítulo desta dissertação traça um panorama geral da crônica: um pouco da história e da crítica que giram em torno do gênero. Apesar de não haver, ainda, tantos estudos teóricos a respeito da crônica quanto há para os

---

em parceria, traduções e crônicas (obras que serão elencadas no apêndice desta dissertação). Iniciou seu livro de memórias, em 1995, escrito em colaboração com a irmã Maria Luíza, que foi publicado posteriormente com o título *Tantos Anos*. Pelo conjunto de sua obra, recebeu, em 1996, o Prêmio Moinho Santista. Faleceu no dia 04 de novembro de 2003, dormindo em sua rede na cidade do Rio de Janeiro e deixou aguardando publicação o livro *Visões*, uma fusão de imagens do Ceará fotografadas por Maurício Albano com textos de Rachel.

demais gêneros literários, todos aqueles que foram examinados se fizeram assaz importantes para o percurso do entendimento do objeto de estudo.

Numa primeira instância, foram abordadas as questões da crônica relacionadas ao tempo e ao cotidiano. A estreita relação existente entre esse tipo de texto, as situações corriqueiras e as experiências progressivas do tempo puderam ser observadas diante da instituição desses fatos em torno de um texto que se configura, em sua origem, um gênero próprio do cotidiano. De igual maneira, o fazer cronístico, as suas definições, a sua estrutura e o lugar desse gênero também foram verificados, levando-se sempre em conta a “riqueza deste gênero polimórfico” que, cambaleando ora entre o jornalismo ora entre e a literatura, não pertence, exclusivamente, a nenhum desses mundos e, ao mesmo tempo, encontra repouso em ambos. Para tanto, foram consideradas as palavras de críticos de e estudiosos como Afrânio Coutinho, David Arrigucci Junior, Margarida de Souza Neves, Antonio Candido, Jorge de Sá, Eduardo Portella e Massaud Moisés, além de conceitos retratados por alguns dos mais importantes cronistas brasileiros como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Affonso Romano de Sant’Anna.

O segundo momento do embasamento teórico ficou por conta das questões ligadas ao cotidiano: as suas implicações na literatura, a estrutura da vida diária e os lugares em que essas práticas acontecem. O fato de a crônica, comparativamente a outros gêneros, configurar-se propícia para o trânsito com as situações do dia-a-dia, favoreceu todo esse estudo já que, por ser acessível, leve e descompromissada, beneficia o entendimento dessas circunstâncias e a percepção da importância dos pequenos fragmentos diários para a construção de uma vida totalmente estruturada.

Nessa fase, estudiosos como Michel de Certeau, Lefebvre, Peter Berger, Thomas Luckmann, Agnes Heller e Lukács determinaram os caminhos da pesquisa. Do mesmo modo, algumas breves leituras de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz e Rubem Braga mostraram-se fundamentais para essa construção.

O terceiro capítulo encerra a idéia do embasamento teórico numa perspectiva de análise da condição do sujeito velho e a sua relação com o tempo e com o cotidiano. Nesse momento, são pontuadas situações sobre as particularidades da velhice, bem como a sua realização dentro da vida diária. É nesse ponto que são traçadas as condições dos idosos na sociedade: seus

infortúnios, suas decepções, seus sonhos e suas tentativas de se manter em pé diante de uma sociedade que não faz questão de facilitar, em nada, as transições de uma fase da vida à outra, especialmente na época da concretização da velhice.

São levantadas questões inerentes à senilidade e às suas particularidades: trata-se de uma condição incontestável, por isso, a não ser que a morte determine o fim desse percurso, todos passarão por essa etapa, todos ficarão velhos. E, juntamente com essa situação, todas as imposições dessa fase se tornarão totalmente visíveis e indiscutivelmente palpáveis. Além dessa retratação da senescência como um fato inerente a todos os sujeitos, faz-se de suma acuidade, nessa etapa da pesquisa, um subcapítulo sobre a relação da velhice com a vida cotidiana. Assim sendo, permite-se traçar um paralelo de alguns retratos da realidade por meio da vida das pessoas idosas, a sua ligação com os fatos do dia-a-dia, a sua postura e a sua posição diante da desenfreada transformação das novas sociedades.

Para o desenvolvimento desse capítulo, os estudos de Simone de Beauvoir<sup>3</sup> em seu livro *A velhice* fizeram-se extremamente importantes. Por se tratar de uma obra completa, que resgata todas as questões que dizem respeito ao mundo dos senis, muitas conclusões puderam ser ambientadas a partir dessa leitura. Com a mesma autoridade, autores como Ecléa Bosi, Márcia Lígia Guidin e outros foram utilizados, tendo sempre como base os levantamentos realizados por Beauvoir, certamente, o mais completo relato já concretizado a respeito da senilidade.

---

<sup>3</sup> Em maio de 1967, em Estocolmo, Simone participa, juntamente com seu cônjuge Sartre, do Tribunal Bertrand Russell, encarregado de julgar crimes de guerra no Vietnã. A partir daí, Beauvoir vive um período de intenso engajamento, no qual se sente totalmente mobilizada. Esse trabalho acaba agradando muito a autora. Assim, em meio a seu engajamento social, em junho do mesmo ano, Simone começa a escrever *A velhice*, livro sobre a condição dos idosos, que é publicado em 1970. Este ensaio, que exigiu imensa pesquisa, tem repercussão enorme e imediata, sobretudo no exterior. A imprensa, tanto de direita quanto de esquerda, reconhece que o problema dos idosos nas sociedades do mundo todo não estava resolvido. Essa obra da autora acaba abrindo uma brecha nas leis, nos usos e nos hábitos das sociedades ocidentais em favor de uma nova defesa da liberdade: “É preciso que todos os homens permaneçam seres humanos durante todo o tempo em que estiverem vivos”. O propósito da escritora fica muito claro desde a introdução do livro: não permitir que os homens continuem descartando os aspectos da natureza que não lhes agradam. Assim, Simone de Beauvoir afirma que o motivo maior de sua mobilização na escrita dessa obra concentra-se na busca de uma quebra da conspiração do silêncio das sociedades que, abrigadas por trás dos mitos da expansão e da abundância, tratam seus velhos como párias. Diante de um país (França) em que a proporção de velhos era a mais elevada do mundo – 12% da população – e que aqueles com mais de 65 anos de idade eram condenados à miséria, à solidão, ao abandono total e a uma perda de referenciais, Simone resolve, mesmo que de uma forma aparentemente cruel, porém, com muita sensibilidade, retratar a realidade daqueles que levam os sujeitos ao encontro do seu próprio destino: os idosos.

O quarto capítulo, por sua vez, compreende a leitura de algumas crônicas de Rachel de Queiroz, primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Autora de oito romances, inúmeras traduções de autores clássicos, peças de teatro, livros infanto-juvenis e memorialistas, encontrou na crônica o espaço em que melhor registrou suas lembranças, suas opiniões, seus afetos e suas indignações. Por assim ser, os textos selecionados da autora constituíram, sem dúvida, valiosos objetos de estudo, tornando-se imprescindíveis para o bom encaminhamento desta dissertação.

Para o desenvolvimento da leitura, como *corpus ficcional*, foram selecionadas as seguintes crônicas<sup>4</sup>: “Falso mar, falso mundo”, “De armas na mão pela liberdade”, “Não aconselho envelhecer”, “A cobra que morde o rabo” e “Os noventa” do livro *Falso mar, falso mundo* (2002); “A longa vida que já vivemos” e “A menina que vai crescer” do livro *Terras ásperas* (1993) e “A arte de ser avó” do livro *O homem e o tempo* (1995). Como juízo crítico para a seleção dos textos elencados, foi levada em consideração a importância dos mesmos no tocante à exploração dos temas propostos neste trabalho, tudo com a finalidade de promover um estudo mais aprofundado e relevante. Para tanto, as crônicas foram agrupadas em duplas, de acordo com a afinidade de cada uma aos subtemas reservados para o trabalho com o *corpus*.

As duas primeiras leituras, realizadas com os textos “Falso mar, falso mundo” e “De armas na mão pela liberdade”, respectivamente, foram efetivadas com o desígnio de levantar situações inerentes à posição das pessoas idosas frente aos novos tempos. Ambas as crônicas mostram a perplexidade da autora diante das transformações da sociedade, diante das mudanças ocorridas e diante das novas relações estabelecidas em meio aos novos tempos. Ante uma realidade totalmente reformulada, cronista e personagens encontram-se perdidas e totalmente desfiguradas. E o mundo, também atordoado, reserva aos seus situações contraditórias e completamente descompensadas.

No segundo grupo estão as crônicas “Não aconselho envelhecer” e “A longa vida que já vivemos”. Nelas, estão as percepções de um eu do cronista revoltado com a sua condição de sujeito idoso. Os velhos e a velhice são colocados em confronto. Trata-se de praticamente um desabafo da autora diante da sua

---

<sup>4</sup> Textos que se encontrarão, na íntegra, nos anexos deste trabalho.

condição de ser uma pessoa de terceira idade, termo odiado pela cronista, que insiste em levantar questões que pontuem os infortúnios reservados a essa fase.

Quando então se estabelece uma relação menos conflituosa entre os idosos e as outras pessoas, certamente se pode pensar na afinidade dos velhos com os mais novos, especialmente com os netos e com os bisnetos. E é nessa linha que se encontram as crônicas “A menina que vai crescer” e “A arte de ser avó”. Se o relacionamento com os filhos e com a sociedade em geral não vai bem, é na presença dos netos e dos bisnetos que o indivíduo velho encontra um pouco de dignidade e de conforto. Na presença dos mais novos, implanta-se a possibilidade da felicidade, pois nesse relacionamento as cobranças e as imposições são deixadas de lado. Apenas o sentido cordial e amoroso é estabelecido nesse contato. Como disse Rachel de Queiroz, certamente a presença dos netos e dos bisnetos seja uma forma de retratação da natureza e da sociedade diante dos senescentes.

Na última etapa das leituras, entram em foco as crônicas “A cobra que morde o rabo” e “Os noventa”, momentos em que a cronista deixa transparecer a sua indignação quando em presença de algumas datas (aniversários, passagens de ano etc.), que não a agradam muito. Ao contrário, constituem momentos que a fazem lembrar, de forma mais acentuada, da sua condição de pessoa velha. Esses dois textos refletem mais uma inevitável constatação da escritora: conforme os anos vão passando, todos passam também e, pior ainda, ficam mais velhos. Aliás, fato este que ocorre desde o dia em que o ser humano nasce. Ledo engano acreditar que, ao nascer, uma pessoa começa a viver. De acordo com Rachel de Queiroz, todo nascimento representa exatamente o início do processo de caminhada para o fim da vida.

Dessa forma, diante de todas as colocações feitas nesta introdução, o que se pretendeu fazer nesta dissertação é, por meio dos capítulos teóricos e das leituras desenvolvidas, estabelecer argumentos convincentes e coerentes para que as questões sobre a velhice e a sua ligação com o cotidiano pudessem ser compreendidas dentro da crônica, gênero que merece todo destaque e toda consideração por parte dos críticos, dos estudiosos, dos integrantes da Academia e de todos os apaixonados pela literatura.

Tudo isso porque, mais que simples relatos do cotidiano, as crônicas constituem importantíssimo objeto para que os pequenos instantes se transformem em momentos consagrados e, ao mesmo tempo, fatores determinantes para a

configuração de uma sociedade. Além disso, que a crônica possa ser reconhecida como um grande artifício da Literatura Brasileira, que deve ser visto por um outro prisma, em que seus próprios arcabouços de valores sejam estabelecidos e validados.

## 1 CRÔNICA: UM GÊNERO PARTICULAR E CONTROVERSO. APONTAMENTOS IMPORTANTES

*A crônica é na essência uma forma de arte imaginativa, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, coisas, seres. O cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se. Para isso, utiliza-se literariamente desse meio vivo, insinuante, ágil que é a crônica.*

(Afrânio Coutinho)

### 1.1 A CRÔNICA, O TEMPO E O COTIDIANO

Proveniente do grego *chronikós*, referente a tempo (*chrónos*), e do latim *chronica*, o termo crônica institui, desde o início da era cristã até a atualidade, uma estreita e íntima afinidade com o tempo: “trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido” (ARRIGUCCI, 2001, p. 51). Assim, os vários significados e as definições da palavra crônica, independente de sua etimologia ou procedência, remetem sempre à noção de tempo, fator este que possibilita uma comunicação mais próxima das situações vividas e o encontro entre as diversas manifestações culturais existentes em cada fase da história.

No início, seguindo uma seqüência cronológica, a crônica prestava-se somente a uma abordagem histórica dos fatos: foi concebida, em sua forma principal, como crônica histórica. E o cronista preocupava-se em registrar os episódios pura e simplesmente como os mesmos aconteciam, nem sempre havia um aprofundamento ou uma tentativa de interpretação dos mesmos. Dessa forma, tratava-se de uma atividade praticamente automática, que designava ao cronista da época a função de contador de histórias, o responsável por colocar no papel os

principais eventos de um período em que não existiam jornais ou outras formas de se levar à população as informações históricas<sup>5</sup>, podendo ser a crônica, considerada, então, a precursora da historiografia moderna: “Tal gênero supõe uma sociedade para a qual importa a experiência progressiva do tempo, um passado que se possa concatenar significativamente, a História, enfim [...]” (ARRIGUCCI, 2001, p.52).

Mas, por ser o cronista aquele que retrata a história da qual também faz parte, não se pode conceber a idéia de crônica e de tempo desvinculada da visão particular de cada indivíduo. A possibilidade de um afastamento total do que fica das impressões do cronista é praticamente impossível. Assim sendo, ao selecionar os fatos a serem registrados, e imprimir nestes a sua visão particular, a crônica passa a assumir certo subjetivismo, portanto, um caráter literário, deixando de ser puramente documento histórico:

Ao cronista compete ser registrador do tempo, o seu particular e aquele em que mais alargadamente vive, [...], distinguindo o tempo interior – pessoal e vivencial – do tempo histórico, aquele em que mais alargadamente vive. Para o historiador, ainda que de forma diferente, o tempo é, sem dúvida, matéria-prima essencial. Uma das categorias básicas de seu trabalho [...] (NEVES, 1995, p. 22).

O tempo passa a ser visto e abordado de forma diferenciada: tempo histórico e tempo interior encontram entre si o complemento para a construção da história de uma sociedade, a história de um povo. Carlo Ginsburg, assim como muitos outros historiadores contemporâneos, acaba por perceber que a observação dos fragmentos, aquilo que é particular a cada um, embora pareça algo sem muita importância, pode fornecer pistas relevantes de algo que se sobrepõe aos fatos miúdos, mas que, por meio deles, pode ser revelado. Sendo assim, história e crônica não podem ser dissociadas completamente, pois, conforme afirma Margarida de Souza Neves, aqueles fatos miúdos que o cronista seleciona e expõe em seus escritos tornam-se para o historiador a própria matéria de sua produção.

É no século XIX que a crônica abandona o caráter estritamente historicista e passa a assumir uma conotação mais literária. Libertando-se da

---

<sup>5</sup> A não ser os governos. Quando estes consideravam importante, transmitiam ao povo algumas informações que julgavam ser necessárias.

característica da crônica medieval de ser apenas a narração de fatos históricos e diante do aparecimento do jornal, a literariedade do gênero em questão acentua-se e firma-se em uma nova proposta de escrita.

Aproveitando-se da expansão da imprensa e da possibilidade de veiculação no jornal, a crônica surge em forma de um artigo de rodapé, o folhetim: aparece como um “pedaço de página por onde a literatura penetrou fundo no jornal, tratando dos temas mais diversos, mas com predominância dos aspectos da vida moderna” (ARRIGUCCI, 2001, p. 57), e sua função, então, passa a ser a de informar os episódios, pequenos lances da vida diária da sociedade. Segundo Margarida de Souza Neves, esses fatos miúdos que passam a fazer parte da seleção do cronista como ponto de partida para suas produções são novas perspectivas para que os puramente historiadores tenham a condição de

[...] aprender, na evidência da seleção operada pelo cronista sobre a matéria do cotidiano que interpreta para si mesmo e para seus leitores, algo essencial em seu próprio ofício: a construção que faz sobre qualquer dimensão ou duração da temporalidade – seja ela o cotidiano ou um longo processo histórico – é sempre igualmente uma leitura do real e não o real redivivo [...] (NEVES, 1995, p. 22-23).

Mesmo diante de tantas transformações, e perdendo a sua característica primeira de constituir-se um documentário, a ligação entre a crônica e a história tende a se manter. Torna-se claro e notável que a relação com o tempo, um dos traços marcantes da crônica antiga, continua presente na crônica atual, englobando, agora, mais uma condição especial, a de abordar o cotidiano, ponto de referência do cronista de todos os tempos, de uma forma distinta e particular por parte do cronista moderno. O fazer cronístico propicia ao historiador, muitas vezes cego diante das possibilidades de concretização da história por meio do que lhe possa parecer pequeno, uma alternativa para deixar de medir o tempo somente através dos anos ou dos séculos, para tornar-se aquele que se reconhece como “historiador das coisas miúdas”.

No Brasil, vários autores consagrados da época embarcam nessa nova modalidade literária. Escritores como José de Alencar e Machado de Assis encabeçam a lista dos muitos que encontram na crônica uma nova possibilidade de escrita. Esse tipo de produção também prossegue com êxito com o fazer cronístico

de João do Rio, Lima Barreto, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Rubem Braga, seguidos de inúmeros escritores como Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos:

Alencar decerto faz graça romântica, mas é que, desde o princípio, a crônica parece escolher uma linguagem lúdica e esvoaçante para cobrir o espaço enorme entre os grandes e pequenos eventos com que se defronta. (E este modo de ser, como que volátil, é característico ainda do espírito do velho Braga: um dos jeitos de se falar de tudo, escondendo o jogo, como quem não quer nada.) (ARRIGUCCI, 1987, p. 57).

Autores consagrados ou não, iniciantes no gênero ou conhecedores profundos da produção em questão, independente da época em que se escreve, quando diante da questão da ligação da crônica medieval e da crônica moderna com o tempo e com o cotidiano, o que pode ser apontado como uma das distinções entre o fazer cronístico em cada momento é a direção para onde se encaminha o olhar do cronista. Se no princípio o escritor de crônicas voltava o seu foco para as questões cotidianas apenas para retratá-las como situação histórica e preocupava-se mais com os grandes acontecimentos e com as personagens memoráveis, agora, busca, também, aquilo que é pequeno e aqueles que não figuram entre as páginas históricas. Há uma quebra na ênfase e o início de uma maior valorização do fato miúdo e das situações corriqueiras. A simplicidade e a naturalidade sobrepõem-se ao requinte gramatical, e os pequenos acontecimentos diários aliam-se aos grandes eventos para tornarem mais próximas do leitor todas as situações retratadas.

Essa nova visão do universo cronístico sob a ótica do tempo vivido possibilita ao historiador encontrar na crônica o “espírito do tempo”, favorecendo o aparecimento de uma ligação concreta e precisa entre os pequenos fatos, os fragmentos da vida diária, permitindo que se estabeleça uma nova forma de construção da memória histórica. Os fatos miúdos passam a fornecer pistas e direções certas para a construção dos documentos históricos. Desse modo, a reconstrução do cotidiano possibilita o engrandecimento das informações que passarão a fazer parte da história.

Durante o caminho percorrido pela crônica, há um abandono cada vez maior da condição de gênero unicamente informativo. Uma nova linguagem surge: o tom argumentativo e crítico cede lugar a uma fala mais leve e mais

descompromissada, no entanto, mais poética. Segundo Antonio Candido, essa nova forma de ser da crônica é o momento de amadurecimento do gênero que, a partir do fato miúdo, do toque humorístico e da poesia, ajusta-se à sensibilidade de todo dia:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Vale ressaltar nesse momento que, mesmo diante de inovações e de reformulações acerca do universo cronístico, a crônica do século XIX não é considerada nem melhor nem pior que a crônica do século XX. Mudanças expressivas acontecem no que diz respeito aos elementos formais, ideológicos e estéticos, e passam a fazer parte da produção dos escritores contemporâneos, diante da escola que viria a figurar a partir das primeiras décadas do século XX, o Modernismo. Esta escola iria instituir a incorporação de elementos ligados à linguagem coloquial na busca de uma arte mais próxima das pessoas comuns e, dessa forma, influenciaria definitivamente em alguns traços da escrita das crônicas literárias: “voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro dos costumes, o ridículo de cada dia e até a poesia mais alta que ela chega a alcançar” (ARRIGUCCI, 2001, p. 59).

Entretanto, o processo de desenvolvimento do gênero e todo o trajeto percorrido para se chegar ao que conhecemos como crônica, hoje, deve ser considerado. O que não se pode esquecer nem negar é que o fato de o texto cronístico chegar ao público leitor de uma forma mais acessível deve-se, sim, primeiramente, à modernização do jornalismo. Fato este que permitiu que esses textos passassem a fazer parte do dia-a-dia de uma parcela da população brasileira, até alcançarem as páginas dos livros, assumindo uma postura mais voltada para o lirismo, buscando entreter e dialogar com o público leitor.

Além disso, diante das transformações sofridas pela crônica durante todo o seu percurso produtivo, é certo que, devido ao interesse de alguns críticos e

até mesmo de estudiosos da Academia, a situação da crônica vem se revertendo já há algum tempo. De gênero inferior, como antes era considerado, a objeto de pesquisa e foco de interesse para uma boa leitura, o estudo do fazer cronístico vem possibilitando o entendimento da importância da análise do tempo e do cotidiano nesse tipo de texto.

Assim, a crônica tem sido incorporada às produções destinadas ao enriquecimento da construção do processo histórico, bem como, diante das ações dos indivíduos, a uma possibilidade de elaboração e de constituição da história inerente a cada um.

## **1.2 O FAZER CRONÍSTICO: DEFINIÇÕES, ESTRUTURA E LUGAR DA CRÔNICA**

Sobre a tentativa de se responder a todas as questões acerca do que é a crônica, do que a compõe e do que a rodeia, muito ainda se tem discutido a respeito. E, certamente, a insistência em se chegar a uma conclusão pode enveredar-se pelo caminho perigoso das definições e das classificações, o que, sob a ótica de Margarida de Souza Neves, seria o mesmo que menosprezar “a riqueza deste gênero polimórfico, tanto pela diversidade de suas concretizações no exercício constante e sempre renovado dos cronistas quanto pela variedade de suas metamorfoses no tempo” (1995, p. 17). Mais viável que tal empreitada seria, então, valer-se de algumas idéias que podem auxiliar na compreensão do universo cronístico.

Segundo Antonio Candido (1992), a crônica compreende um “gênero menor”. O que, para o crítico, acontece “Graças a Deus”, pois assim podemos tê-la mais perto de nós. Sendo a crônica uma descrição alegre da vida, “um relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente” (CANDIDO, 1992, p. 20), a interação com a leitura pode ser mais completa, fácil, estimulante e gratificante. Já Eduardo Portella (1986) afirma ser a crônica “uma manifestação superlativa da literatura”, uma possibilidade de invasão da poesia, uma multiplicação de forças expressivas capazes de traçar seu próprio perfil, autônomo e multifacetado.

Davi Arrigucci Junior diz que esse gênero literário, ligado ao jornal e cercado de situações triviais que alimentam o dia-a-dia, configura-se um “relato ou comentário de fatos corriqueiros”, uma possibilidade de interação com o cotidiano. Para o crítico Afrânio Coutinho, a crônica compreende um “gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura, a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas” (1986, p. 121).

Até mesmo os próprios cronistas têm opiniões diferentes a respeito do que seria, realmente, a crônica. Affonso Romano de Sant’Anna alega ser ele um escritor crônico, pois considera o cronista aquele que pode (e deve) falar na primeira pessoa sem envergonhar-se. Seu “eu”, como o do poeta, é um eu de utilidade pública, portanto, a crônica constitui uma forma de interferência no cotidiano, uma possibilidade de interagir com os “assuntos momentosos”. Para Carlos Drummond de Andrade, além de ser a crônica uma forma de produção literária característica da vida moderna, constitui-se o gênero, sempre, de “notícias & não notícias”, pois reúne em sua concretização o “inútil de extrema utilidade”, uma forma de refrigério da ânsia por produtividade. Para Rubem Braga, autor essencialmente cronista, a verdade da crônica é o instante, pois o escritor reconhece a importância desses pequenos momentos que também fazem parte da condição humana e que definem algumas situações e características de cada pessoa. Tanto o autor acredita nessa colocação, que afirma: “A verdade não é o tempo que passa, a verdade é o instante” (apud SÁ, 2005, p. 12).

Outra posição relevante é a do escritor Vinicius de Moraes, que acredita ser uma constante na crônica o seu próprio ato de produção. E a origem de tal fato está na condição de estar a crônica ligada ao coloquialismo, do sentir-se à vontade do cronista, que expõe sua própria figura dentro do texto. Trata-se de uma “prosa fiada”, da busca de

um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda de fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração (MORAES, 1991, p. 17).

Para o autor, o ato de escrever crônicas está diretamente ligado ao fato, geralmente vindo do noticiário, ou próprio e pessoal de cada cronista.

Destarte, diante dos inúmeros apontamentos referentes ao fazer cronístico, conclui-se que, verdadeiramente, definir o que é a crônica não é uma das tarefas mais fáceis. De uma forma geral e abrangente, em se tratando de um gênero que oscila entre o jornalístico e o literário, ela é um texto, primeiramente, feito para o jornal ou para a revista, que, a partir de um toque especial de alguns bons cronistas, deixou de ser apenas o que sua pretensão inicial buscava para engendrar pelos caminhos da literariedade. Ganhando as páginas dos livros, buscou alcançar a sua imortalidade. Crônica é um bate-papo ingênuo entre cronista e leitor, ora cercando as características da reportagem, ora aproximando-se da poesia ou da ficção. Como diria Arrigucci Junior, “um texto difícil de classificar”, crônica é, antes de tudo, crônica.

Mesmo antes do aparecimento das crônicas no jornal, o fazer cronístico tem se enveredado pelos caminhos da narrativa e do comentário. Um exemplo disso é a Carta de Pero Vaz de Caminha, em que, com engenho e arte, o escrivão retrata, com toda a literariedade que o momento lhe permite, o que vê no Brasil, situação que considera distante da realidade européia de sua época.

Atualmente, de acordo com os estudos feitos a respeito do gênero, o universo cronístico se diversificou. Eduardo Portella procura identificar, em seu ensaio “A cidade e a Letra”, a idéia do lugar da crônica na literatura. Segundo o crítico, a crônica constitui um “gênero literário específico e autônomo”. No entanto, sua condição ainda é muito relativa, pois não foi possível até agora delimitar as reais fronteiras do território pelo qual perambula a crônica. Ainda assim, quer apresentando-se sob a forma de poema em prosa ou de ensaio,

o enriquecimento poético da crônica é uma maneira das mais eficazes de fazê-la transcender, de fugir ao seu destino de notícia para construir o seu destino de obra de arte literária [...] E é para fugir à transitoriedade que o nosso cronista constrói uma vida além da notícia. E é justamente essa vida que, mesmo envelhecida a notícia, conserva a juventude da crônica (PORTELLA, 1958, p. 115-116).

Para Massaud Moisés, a crônica pode ser dividida em dois tipos: crônica-poema e crônica-conto. A primeira, quando o cronista explora mais o tom contemplativo e emotivo em seus escritos. A segunda, quando o que prevalece é o

caráter narrativo. Todavia, o que se percebe claramente em qualquer uma dessas formas de escrita é o caráter literário, que, uma vez assumido, zela pela primazia na escrita. Enquanto poesia, a temática da crônica gira em torno do “eu”, o qual seria, respectivamente, o assunto e o narrador. Sendo conto, a ênfase volta-se para o “não-eu”, isto é, recai sobre o fato. Para o crítico, “o percurso do ‘eu’ no rumo de sua interioridade segrega crônicas repassadas de lirismo” (MOISÉS, 1967, p. 111), enquanto que se voltando para o “não-eu”, reflete sobre o acontecimento. Portanto, conforme a visão de Massaud Moisés, o lugar ideal da crônica seria o meio termo entre o acontecimento e o lirismo, podendo ser a crônica considerada a “poetização do cotidiano”.

Afrânio Coutinho estabelece uma lista elencando as diversas formas em que a crônica pode se apresentar: narrativa (aproximação com o conto), metafísica (reflexiva), poema-em-prosa (lírica), comentário (pessoal, informal) e informativa (mais formal). Entretanto, o próprio crítico assegura-se de esclarecer que não há possibilidade de se determinar uma separação entre as categorias, pois diante da capacidade de ser um texto totalmente flexível, “essa tentativa de classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais, na realidade, se encontram freqüentemente fundindo traços de uns e outros” (COUTINHO, 1986, p. 133). Tudo isso, graças ao seu primeiro veículo, o folhetim, lugar em que se cabia quase tudo, desde os romances, capítulo por capítulo, as crônicas, o ensaio crítico até os meros classificados e boletins informativos da sociedade. Eduardo Portella coloca essa delimitação, segundo ele, “quase didática”, em cheque: “os gêneros literários não se excluem: incluem-se” (1986, p. 271).

Sob a mesma perspectiva de Afrânio Coutinho, Marlyse Meyer afirma ter sido realmente essa uma das condições para que a crônica atingisse essa capacidade mutante:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos, o esboço do caderno B, em suma. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres ou noviços no gênero, curtas ou menos curtas – adota-se a moda inglesa de publicação em série se houver mais textos e menos coluna (MEYER, 1992, p. 96-97).

Talvez essa condição primeira da crônica de “nascer” dentro de um folhetim, ou despontar nas páginas dos jornais, seja uma das contribuições para que, em determinado momento, a crítica estabeleça certa marginalização em relação ao gênero. Esquecendo-se da origem dos romances do século XIX, que eram apresentados ao seu público por meio dos folhetins, certo descaso por parte da elite acadêmica diante dessa transitoriedade em veículos populares como o jornal acabou sendo estabelecido.

Ainda hoje, mesmo diante de todas as considerações levantadas acerca do universo da crônica, alguns críticos consideram-na um gênero menor. No entanto, conforme afirma Antonio Candido, a crônica serve não apenas para a vida, mas, também, para a literatura:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

Para Davi Arrigucci Junior (1987), a crônica pode se aproximar de vários outros gêneros, ora achegando-se à prosa lírica, ora estendendo-se até a prosa de ficção. Buscando uma saída literária, pode tornar-se rebuscada, alimentando-se das ambigüidades do gênero, sem, no entanto, deixar de lado as pequenas coisas das quais trata: “Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem vôo” (p. 55). E pode, também, aventurar-se pelas veredas da prosa de ficção, quando, então, o cronista dá ênfase à “objetivação de um mundo recriado imaginariamente” (p. 55).

Sobre a estrutura da crônica, grande parte dessas produções tem seu tamanho reduzido, devido, principalmente, ao espaço que ocupavam e ocupam no jornal. Dificilmente é composta em versos, mesmo gozando de certa autonomia estética, segue pelos caminhos da prosa. Diferentemente de outros gêneros

narrativos, a personagem não é o foco central. Indo por uma via contrária, ela perde a sua capacidade de constituir-se um fator essencial para dar lugar ao próprio cronista como centro maior das atenções, pois é ele quem imprime o ritmo e o tom de sua escrita, por meio da abordagem dos episódios diários.

Por ser a crônica totalmente maleável quanto a sua tipologia, a flexibilidade é uma de suas marcas registradas. Está aí mais uma situação que cerca o universo cronístico (e que, de certa forma, também acompanha a poesia e o romance, mas não de maneira tão acentuada, por constituírem-se gêneros mais consagrados) e que torna difícil o encontro de um ponto comum entre os críticos, os teóricos e também alguns estudiosos sobre o assunto. Essa dificuldade vale-se da condição de ser o gênero em questão extremamente móvel e irregular. Conforme Afrânio Coutinho, os diversos estilos que compõem o universo cronístico (lírico, ensaístico e narrativo) ocorrem, sobretudo, em função do *habitat* da crônica, os possíveis lugares de encontro com o texto cronístico: o jornal e o livro.

Diante de tal situação, uma grande polêmica cerca a questão da literariedade da crônica. Luiz Roncari explicita claramente essa situação. Para o crítico, a crônica é como Sansão, “amparando com as mãos duas colunas enormes para que não lhe caíam na cabeça: de um lado, o jornal, e de outro, a literatura” (1983, p. 8). Já Portella, acredita que “a crônica é literatura, e isto vale para qualquer gênero literário, toda vez que o cronista se resolve ao nível da linguagem” (1986, p. 271). O fazer cronístico não deve simplesmente estar ligado ao significado ou à redução da linguagem a um mero grafema. Mais que isso, o cronista deve fugir de qualquer atitude puramente jornalística, trabalhando em harmonia com o significado e o significante, estabelecendo um equilíbrio entre ambos, para escapar dos perigos de entrar no território da não-literatura:

O que interessa é que a crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário. E quando não o é, não é por causa dela, a crônica, mas por culpa dele, o cronista. Aquele que se apega à notícia, que não é capaz de construir uma existência além do cotidiano, este se perde no dia-a-dia e tem apenas a vida efêmera do jornal. Os outros, esses transcendem e permanecem (PORTELLA, 1986, p. 272).

Portanto, o autor de textos genuinamente cronísticos recria o acontecimento diário por meio da fantasia e da sua capacidade de fazer prevalecer a metáfora, o sentido amplo que permite a identificação dos textos literários.

Ainda a respeito da relação crônica e jornal, Antonio Candido faz uma reflexão bastante auxiliadora na compreensão dessa afinidade, instituindo a concepção de que não se deve desaprovar a existência do texto nesse veículo. O crítico ressalta que a crônica

[...] não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para os livros, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (CANDIDO, 1992, p. 14).

E é justamente essa condição que permite à crônica transformar a literatura em algo muito próximo da vida de cada um. Essa transitoriedade do veículo acaba sendo incorporada pela própria crônica, revelando, nesse momento, a despreensão do cronista em relação ao gênero. No entanto, quando chega aos livros, Candido afirma que percebemos, meio espantados, que a durabilidade da crônica pode ser ainda maior do que ela mesma pensava. Isso acaba funcionando como um prêmio para o gênero que, tão desprezioso, consegue mostrar-se insinuante e revelador, capaz de consagrar-se onde quer que esteja.

Assim, reforçando as palavras de Eduardo Portella, Antonio Candido (1992) coloca também em questão a ligação da crônica com a efemeridade desse seu veículo de publicação, o jornal, alegando que o que acontece, na maioria das vezes, é uma falsa idéia do que vem a ser a seriedade no campo das produções cronísticas: “uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial” (p. 19). Ao contrário, por serem leves e acessíveis, as crônicas talvez comuniquem muito mais do que qualquer estudo sistemático e intencional sobre a visão humana do homem e a sua vida de todo dia: “Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa

que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas” (CANDIDO, 1992, p. 19).

Entretanto, não são todos que compartilham dessa mesma opinião. Davi Arrigucci Junior (professor e crítico literário) e Marcelo Coelho (jornalista) ressaltam, em seus estudos sobre o fazer cronístico, que não são apenas afinidades que constituem a relação da crônica com o jornal. Segundo os dois, a relação entre o texto e o veículo não é muito estável, o que acaba por sugerir a procura de um novo espaço em que essa produção possa circular: o livro. Arrigucci ressalta que “À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa” (1987, p. 53).

Seguindo o mesmo raciocínio, Coelho fundamenta sua posição com julgamentos similares: “O que se pode dizer, de uma forma bem genérica, é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia” (1999, p. 156).

Para reforçar a posição do crítico e do jornalista, Roncari afirma, no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, o seguinte:

a crônica antes de tudo tenta se diferenciar, como se fosse uma visitante ilustre num país bruto, inculto e insensível. Por isso [...] ocupa um espaço fixo, ao invés de ficar flutuando, perdida, seguindo a vontade do compositor ou diagramador; não se trata dos fatos que têm importância por si mesmos, ao contrário, volta-se justamente para aquilo que passaria despercebido se não fosse o cronista [...] usa uma linguagem diferente, fora dos padrões de registro da notícia, apelando para o eu, o gosto e os caprichos pessoais; abaixa ou eleva o registro da linguagem que a circunda, respondendo à rigidez e uniformidade que se dá no jornal ao material lingüístico [...] (1985, p. 14).

Seguindo um caminho contrário, Massaud Moisés resolve investir contra a instalação das crônicas nos livros, considerando esse veículo impróprio em relação ao jornal. Para o crítico, as crônicas não podem fugir do destino que lhes é assinalado desde o princípio de sua existência: são textos que nascem para ser breves e leves. Reduzindo a imensidão do cotidiano em pequenas porções de fácil digestão, a crônica possui uma estrutura limitada. É na novidade, na surpresa, no devaneio e na variedade que a crônica se torna um texto atraente e instigante. O

cronista é aquele que oferece ao leitor “alimento espiritual de consumo imediato”. No livro, no entanto, essa característica tende a se tornar uma existência menos astuciosa, cedendo aos apelos do espaço em que se encontra, buscando resistir à “erosão do tempo”:

No livro, porém, a crônica sugere o reparo de Tristão de Ataíde e gera a monotonia, e o possível sobressalto que acompanha a leitura duma boa crônica de jornal se atenua pela expectativa de uma sensação análoga oferecida pela leitura de um texto colocado a seguir. Mais do que um poema, a crônica perde quando lida em série, reclama a degustação autônoma, uma a uma, como se o imprevisto fizesse parte de sua natureza, e o imprevisto colhido na efemeridade do jornal, não na permanência do livro. Eis porque raras crônicas suportam releitura; é preciso que ocorra o encontro feliz entre o motivo da crônica e algo da sensibilidade do escritor à espera do chamado para vir à superfície (MOISÉS, 1982, p. 107).

Dessa forma, conforme Massaud, essa transferência daria à crônica uma nova condição: a perda de sua identidade e a perda do impacto do confronto entre o gênero e outros textos quando diante da sua publicação, colaborando para uma automatização do processo de contato com a crônica.

Para reforçar suas idéias, Massaud centra-se na questão de que há uma diferença muito grande entre o escrever para o jornal e o publicar no jornal. Textos escritos simplesmente para serem publicados em jornais como reportagens, editoriais, entre outros, certamente estão fadados a um único fim: o esquecimento. Por constituírem textos destinados a informar apenas o essencial àquele momento, o esquecimento é o único destino certo. Já os textos publicados no jornal utilizam o periódico única e exclusivamente como um veículo de divulgação, apenas como uma forma de facilitar o acesso do público leitor a esses textos. Assim,

a crônica move-se entre o ser no e para o jornal, uma vez que se destina inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano seu húmus permanente, não visa a mera informação: seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia (MOISÉS, 1982, p. 104).

Segundo Massaud Moisés, a transferência da crônica para as páginas de um livro não oferece garantia nenhuma de uma maior valorização do gênero ou, ainda, garantia de perenidade. Ele admite que, certamente, o manuseio do periódico dificulte um pouco o estudo e a análise das crônicas e que, no livro, talvez, a busca seja maior e mais intensa em função da facilidade de acesso. No entanto, muitas podem não resistir sendo incorporadas aos livros, pois a grande maioria não suportaria releituras ou até mesmo uma leitura em série, o que causaria monotonia e, fatalmente, o desinteresse por esse tipo de atividade.

Tal posição pode ser considerada um tanto quanto perigosa, pois não se pode afirmar que os leitores leriam as crônicas contidas em um livro na seqüência em que as mesmas se encontram, em uma sentada apenas ou até mesmo sem analisar as particularidades de cada uma. A posição de cada leitor dependerá de sua intimidade com o gênero e a sua necessidade de apropriação da leitura em questão. Além do mais, “é preciso admitir que crônicas de novos autores – alguns nem tão novos assim – continuam freqüentando as páginas de jornais e revistas e estas crônicas muitas vezes são compiladas em livros que têm êxito estrondoso de vendas” (SIMON, 2006, p. 164). Portanto, o que se pode ressaltar, aqui, é a “modificação do gênero”, juntamente com a sua fixação em determinado veículo, mas não o declínio ou a desvalorização da crônica em função de seu suporte.

Não obstante as colocações de Massaud Moisés, mas, estabelecendo a sua posição diante do fazer cronístico, Eduardo Portella prefere utilizar os livros como espaço para a divulgação e o estabelecimento das crônicas:

A constância com que vêm aparecendo, ultimamente, os chamados livros de crônicas, livros de crônicas que transcendem a sua condição puramente jornalística para se constituir em obra de arte literária, veio contribuir, em forma decisiva, para fazer da crônica um gênero literário específico, autônomo (PORTELLA, 1985, p. 111).

O que Portella tenta instituir não é uma condição contrária ao pensamento de Massaud Moisés, nem mesmo procura apenas elencar os prejuízos possíveis diante da transposição da crônica do jornal ao livro. Trata-se, aqui, da condição de repensar a situação de publicação de um gênero tão cambiante como

se tem mostrado a crônica: um gênero de uma autonomia relativa, que circula em um território tão flutuante, cujas fronteiras ainda não foram capazes de ser definidas.

Diante de todas essas posições, apenas uma questão pode ser considerada uma verdade incontestável: nem mesmo os críticos conseguem chegar a um ponto comum em suas afirmações a respeito do lugar da crônica. Afrânio Coutinho, por exemplo, prefere acreditar que a crônica é um “gênero anfíbio”, capaz de sobreviver e de circular tanto na coluna de um jornal, como nas páginas de um livro. O crítico salienta, no entanto, que há quem considere que esta deva figurar, de forma mais exaustiva, nas laudas dos livros. Mas, não acredita ser este o único veículo capaz de consagrar um gênero. Quer seja nas páginas de um livro ou no rodapé de um jornal, a crônica estará sempre a salvo, pois suas particularidades e características já a consagraram como um gênero literário por excelência.

Assim, voltando às idéias de Antonio Candido, independente de a crônica estar no jornal ou enfileirada nos livros, cabe aos leitores encontrarem a sua essência, pois, “por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana na sua vida de todo dia. É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica” (1992, p. 19).

Mais do que fatos a serem discutidos, todas as situações criadas em torno da crônica corroboram para o estabelecimento de uma maior aproximação entre o texto, o leitor e o autor, pois aquele que lê uma crônica está diante de parte da sua realidade, exposta por meio das idéias do cronista. Este recria no papel, por meio de uma linguagem simples e acessível, um cotidiano revisitado por suas personagens e as situações abordadas, estabelecendo certa cumplicidade entre os seus escritos e os leitores a quem os mesmos se destinam.

Estender a análise não apenas aos fatos, mas procurar imprimir no universo cronístico qualidades que levem o leitor à reflexão, por meio de uma elaboração poética sim, mas despretensiosa e simples, seja talvez uma das condições que faltava aos noticiários para diminuir a imagem pesada da seriedade e da objetividade das reportagens. Do mesmo modo, firmando-se como gênero literário, mesmo diante da sua condição híbrida e flexível, a crônica foi capaz de vincular a objetividade jornalística à subjetividade literária, unindo, de forma humanizadora, as características necessárias para se atingir um nível de escrita acessível e essencial.

Tímida e perseverante, a crônica foi capaz de preencher um vazio existente na literatura. Não se ornamenta dos grandes feitos literários, mas, certamente, contém alguns de seus melhores momentos. E, como gênero, dissolve-se na boca do leitor, deixando um gosto de vivência comum, passível de rápida absorção, mas de demorada recordação. Como disse Antonio Candido (1992), uma séria “candidata à perfeição”, capaz de delinear “o perfil do mundo e dos homens”.

## 2 O COTIDIANO E AS SUAS IMPLICAÇÕES: MOMENTOS QUE SE CONSAGRAM

*O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase uma retirada, às vezes velada.*

(Paul Leuilliot<sup>6</sup>)

### 2.1 O COTIDIANO E A LITERATURA

Todo dia, ao acordar e despertar para um novo começo, cada indivíduo assume para si o “peso da vida”. Essa situação pode ser considerada uma dificuldade, a dificuldade de viver diante desta ou daquela condição, ou, ainda, a pura vontade de estar e se fazer presente perante as situações cotidianas que cercam e que fazem valer cada momento diário: as “estranhezas” do cotidiano e os acontecimentos rotineiros que constituem uma sociedade, certamente, tornam mais atraente e mais significativa a vida de cada sujeito.

O cotidiano nos é dado a cada novo amanhecer, independente de nossa vontade ou não. E, para o historiador do cotidiano ou, ainda, para o cronista da modernidade, o que realmente interessa são as interligações de uma cotidianidade concreta, as relações existentes entre as diversas personagens que circulam pelas obras literárias e os instantes que as consagram como integrantes de um mundo em sua plena atividade e construção. Aquilo que é próprio do homem comum é o que fornece material considerável passível de representação e de registro. Enxergar o que é pequeno e considerado banal, torna-se ponto fundamental para que o cronista possa captar do cotidiano um instante ou um fato

---

<sup>6</sup> Estudioso do cotidiano citado e contemplado nas obras de Michel de Certeau.

que lhe permita recriar, por meio da linguagem, indo além da efemeridade e da objetividade. Veja-se a crônica “Soltar papagaio” de Carlos Drummond de Andrade, compilada no livro *Moça deitada na grama* de 1987:

Perguntei por João Brandão, o caçulinha dele informou: Tá por aí soltando papagaio. [...] De fato, a pipa de João era o que há de mais simples, pipa mesmo, nada dessas geringonças sofisticadas que a gente vê em São Conrado, muito exibicionistas. O bom da pipa não é mostrar aos outros, é sentir individualmente a pipa, dando ao céu o recado da gente. [...] Quando falo em empinar papagaio, não me refiro a título de banco, mas a papagaio mesmo, na boa tradição chinesa que se atribui a um grego, amigo de Platão, a invenção desse brinquedo. Nobilíssimo brinquedo, que antecipa as máquinas de voar, dando outra dimensão ao homem, desde a infância. [...] De um modo ou de outro, preferindo fazer o seu próprio e tradicional papagaio, ou usando o oferecido no mercado, o brasileiro está descobrindo que é hora de esticar a linha e acionar a poesia consoladora da infância. Fuga? Escapismo? Alienação? Nada disso, irmãos: simples terapia. E como funciona! Garante o João (Brandão). Nem tudo está perdido ou hipotecado. Restam as pipas, e sua delícia menineira para todas as idades (DRUMMOND, 1987, p. 107-109).

O cronista aborda a cotidianidade falando da singeleza de uma atividade tão corriqueira (soltar papagaio), que pode ser até considerada por muitos como algo banal, mas que tem seu valor como ação, e que pode servir para permitir aos indivíduos a sua “liberação” dentro do tumultuado mundo da sociedade atual. Drummond retrata a atitude de uma pessoa adulta, que usa uma brincadeira de criança para sobrepor a sua necessidade do que é simples diante das complicações do dia-a-dia. Partindo de um fato miúdo e prosaico, o autor revela os traços literários de sua escrita ao retratar a cotidianidade. Explorando a simplicidade do dia-a-dia, o cronista consegue, conforme afirmou Antonio Candido (1992), manter certo ar despreocupado, tentando falar das coisas sem maiores conseqüências, no entanto, indo fundo ao significado dos atos e dos sentimentos dos homens, caminhando até mesmo a uma possível crítica social.

Quando Carlos Drummond de Andrade contrapõe a idéia de soltar papagaio aos problemas bancários e à antecipação das máquinas de voar, consegue dar sentido de valor a esse ato corriqueiro e desprezioso, mas que carrega em si a ingenuidade e as delícias pertinentes à infância.

Conforme o pensador francês Michel de Certeau, é essa história prosaica que permite o conhecimento do que é inerente a uma coletividade:

É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos [...] Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público [...] privilegiam o anônimo e o cotidiano onde *zooms* destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo (1994, p. 57).

As práticas ou “maneiras de fazer” cotidianas surgem como importante questão dentro do universo literário, mais precisamente, como foco central e objeto de discussão e de análise nas crônicas modernas. Ao retomarem e reconstruírem os acontecimentos cotidianos em suas crônicas, autores como Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e outros, imprimem em suas obras as condições necessárias para que seja possível realizar a descoberta de cada uma de suas personagens, assim como a possibilidade de identificação das mesmas no outro e nas circunstâncias a que são destinadas e submetidas. Além disso, os escritos desses autores proporcionam o reconhecimento dos espaços em que cada uma circula e atua, como também a apropriação das questões do tempo.

Dessa forma, ante essa postura, pode-se afirmar que as práticas cotidianas inseridas no universo cronístico configuram-se como o ponto de observação que permite ao escritor perceber o condicionamento a que o ser humano é levado em seu dia-a-dia, bem como as implicações desses pequenos fragmentos para a construção de cada personagem, de cada situação e do contexto literário.

Sob o ponto de vista de Margarida de Souza Neves, a crônica moderna subsiste na condição de centrar-se naquilo que faz parte do instante, naquilo que é momentoso:

A crônica moderna, todos sabemos, é algo muito distinto. Seu tom é leve, e busca sempre ser acessível a todos os leitores. Sua marca de identidade é a de ser comentário quase impressionista. A escolha de seus temas é supostamente arbitrária e a liberdade preside na construção. Sua forma é, por definição, caleidoscópica, fragmentária e eminentemente subjetiva (1995, p. 20).

A essa condição de ser a crônica necessariamente leve, acessível e fragmentária, está ligada a questão do cotidiano, que surge como fator essencial para que os pequenos momentos sejam abordados e esclareçam, a respeito de cada personagem, a sua real situação em relação aos episódios narrados, como também a sua posição diante do universo criado dentro de cada crônica. De tal modo, sintonizado com as notícias diárias e com o cotidiano, cercado de múltiplas estratégias, “que vão do humor às reflexões e ao lirismo”, o cronista mostra-se capaz de, por meio dos pequenos acontecimentos, recriar um mundo em cada crônica que produz:

Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado como na crônica? Não são muitas as fontes em que o historiador encontrará com tanta transparência as sensibilidades, os sentimentos, as paixões de momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história (NEVES, 1995, p.25).

Nesse sentido, ninguém melhor que Rubem Braga para conseguir estabelecer um caminho partindo dos fatos pequenos e comuns para, então, revelar traços líricos. Enquanto a influência do Romantismo nas produções do autor pode ser questionada, o lirismo empregado em suas crônicas constitui um ponto indiscutível para que o mesmo reconfigure os pequenos acontecimentos diários. E assim ele o faz na crônica “O homem e a cidade”, texto escrito em 1960, publicado no livro *Ai de ti, Copacabana*, de 1994. Nessa crônica, o lirismo reconfigura o acontecimento miúdo. Braga transforma um simples caminhar pelas ruas da cidade num momento inexplicável e singular:

Agora, que não preciso mais ir à cidade todo dia, descubro um prazer novo em andar por essas velhas ruas do centro onde tanto vaguei outrora. [...] o vento espanta alegremente as nuvens esgotadas de chover; o ar é fino, a luz é clara, a manhã é assanhada, com uma alegria de convalescente que pela primeira vez, depois de uma longa doença, sai a passear entre as árvores, o mar e as montanhas azuis. [...] E sinto prazer em andar pela calçada larga da Rua do Passeio, em espiar as grandes vitrinas coloridas de presentes de Natal. (Não quero comprar nada, não preciso ganhar mais nada, não é verdade que recebi na minha porta a graça juvenil de uma rosa amarela?) [...] Muito obrigado, muito obrigado, mas não preciso de nada. Entretanto, gosto de ver essa fartura de coisas: fico parado numa porta de mercearia contemplando reluzentes goiabadas e frascos de vinho, bebidas e gulodices de toda a espécie que vieram de terras longes se oferecerem a mim (BRAGA, 1994, p. 162-163).

O cronista redescobre o prazer de uma caminhada. Faz o vento tornar-se alegre, deixa a manhã assanhada e contenta-se apenas em espiar as vitrinas, pois acredita já ter tudo o que precisa, inclusive “a graça juvenil de uma rosa amarela”, a presença das flores em sua calçada. Quem precisa de mais diante dessa graça? As goiabadas ficam reluzentes e tudo mais se torna especial, e o narrador sente como se as coisas estivessem ali apenas para o seu bel prazer, para o seu deleite. Tudo se configura qual uma boa amostra de como a prosa do autor pode ser lírica e reinventar os acontecimentos.

E o passeio pela cidade, uma ação tão corriqueira tem o poder até de levar o eu do cronista ao encontro do seu passado, ao encontro do seu grande amor:

Mas de repente houve alguma coisa – a visão de um muro, o som de uma vitrola distante, algum rosto no meio da multidão? – alguma coisa que me devolveu ao meu ser antigo. [...] Quietamente vou repetindo sem voz, para mim mesmo, teu nome, Lenora – perdida, para sempre perdida, mas tão viva, tão linda, batendo os saltos na calçada, andando de cabelos ao vento dentro da minha cidade e de minha saudade, Lenora (BRAGA, 1994, p. 163-164).

O autor consegue estabelecer certo equilíbrio ao retomar as coisas do amor junto às questões do cotidiano. São estas que auxiliam o cronista a recobrar aquelas. De acordo com Luiz Carlos Santos Simon (2004), “o monumental e a ênfase [...] são controlados pela entrada em cena de coisas e situações que não desligam da paisagem amorosa, mas, ao mesmo tempo, modulam o tom, equilibrando amor e cotidiano” (p. 202). Situações comuns e pequenos elementos que fazem parte da rotina diária das ruas ganham proporções para o eu do cronista e o levam ao encontro daquilo que, em algum momento, perdeu-se em seu passado, “reforçando a prática das crônicas de valorizar os fatos miúdos, extraíndo deles um poder lírico” (SIMON, 2004, p. 204).

Diante de tais situações, pode-se concluir que o cotidiano se inventa de mil maneiras. E essa é uma realidade que deve ser considerada e analisada para que se possa chegar às reações de cada indivíduo. Seja de forma passiva ou ativa, há sempre uma reação diante das circunstâncias. Assim, constituem-se as práticas cotidianas, dentro da literatura, importante meio de análise da representação ou dos comportamentos de cada personagem criada para figurar por entre as obras

literárias. É por meio da verificação das práticas diárias que as personagens são desvendadas e permitem a sua exploração dentro do contexto em que estão inseridas.

Tratando-se do cotidiano, trata-se, portanto, de buscar uma caracterização da sociedade em que vivemos, o que gera a cotidianidade e, conseqüentemente, a modernidade. O desafio está em reconduzir os fatos aparentemente irrisórios ao seu lugar de direito, a um espaço possível de visualização, de exploração e de entendimento. Assim, em relação aos pequenos acontecimentos do dia-a-dia, é preciso captar o supostamente insignificante, o trivial e o rotineiro, e dar a tudo isso um sentido amplo e considerável. Em relação à sociedade e à cotidianidade,

[...] trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a 'sociedade', situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura) etc. Eis, a nosso ver, a melhor maneira de tratar da questão, o procedimento mais racional para captar nossa sociedade, penetrá-la, defini-la (LEFEBVRE, 1991, p. 35).

Quando diante das práticas diárias, dos pequenos instantes que se transformam em importantes ferramentas para a construção das personagens literárias, não se pode negar que a possibilidade de construção da própria sociedade é uma realidade constante nesse processo. Ao situar cada personagem dentro de uma perspectiva metafórica, mas real, além da reflexão sobre uma realidade parcial da vida social – a cotidianidade – tal análise proporciona, também, um maior conhecimento a respeito do conjunto da coletividade. cedo ou tarde, essa situação acaba compondo uma concepção geral do homem, da sociedade ou, ainda, do mundo.

Conforme Berger e Luckmann (1976), a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e, subjetivamente, dotada de sentido. E são esses sentidos que, por sua vez, tornam o mundo coerente. Ao reconstruírem os acontecimentos cotidianos, autores como Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Drummond e outros, não só descobrem os outros por intermédio de suas personagens, como também descobrem a si mesmos representados naqueles

que circulam em suas obras. O sentido daquilo que cerca cada personagem começa a se configurar a partir dos pequenos momentos que vão surgindo e sendo edificados ao longo das narrativas, especialmente, nas crônicas. A junção do que, primeiramente, parece pequeno, permite que se trace um caminho certo, inconstante por vezes, mas preciso no conhecimento do dia-a-dia dos sujeitos.

Diante de todas as características próprias do fazer cronístico, a condição de propiciar uma ligação com os temas do cotidiano subentende a possibilidade de uma interação mais considerável com a realidade acerca da sociedade: “Ambigüidade, brevidade, subjetividade, diálogo, estilo entre o oral e literário, temas do cotidiano, ausência de transcendente, eis os requisitos essenciais da crônica” (MOISÉS, 1967, p. 119). Portanto, quando diante da crônica, há uma probabilidade maior de aceitação por parte do público leitor, visto que a identificação com as situações abordadas é facilmente reconhecida e rapidamente estabelecida:

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles (BERGER & LUCKMANN, 1976, p. 36).

Essa identificação do leitor com os fragmentos apresentados nas crônicas propicia a ligação do mesmo com a realidade da vida diária estampada por meio de objetos que foram designados antes mesmo da entrada de cada personagem em cena. Face à utilização de uma linguagem também denominada representante da vida cotidiana, o sentido da própria vida vai sendo determinado e tornando-se real para cada personagem e, conseqüentemente, por representarem aquilo que poderia figurar na vida de cada indivíduo, para cada leitor, que se envolve no processo e vê a possibilidade de perceber-se naquilo que lê. Enquanto todos puderem viver o cotidiano, as antigas relações se reconstituem e as novas vão sendo traçadas. De acordo com Marília Rothier Cardoso,

o homem da rua pode ter o mundo nas mãos, lendo reportagens, entrevistas e crônicas [...] Significativamente, nomeia-se crônica o texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais) e o presente (registro do instante, resgatado da voragem para a fama) (CARDOSO, 1992, p. 137).

A literatura vale-se, então, do cotidiano para deixar à mostra aquilo que é pertinente a cada um de seus leitores. O cronista, mais especificamente, tem a capacidade de buscar novos sentidos na rotina diária e transformá-los em importantes objetos de construção de identidade. Desse modo, de acordo com Davi Arrigucci Junior, a crônica torna-se, “pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética e pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história” (1987, p. 53). Portanto, uma configuração subjetiva e essencial no conhecimento dos procedimentos que constituem tanto as relações coletivas quanto as práticas individuais em um determinado espaço e em certo tempo.

Enquanto sujeito de um mundo em constante atividade, passível dos mais variados acontecimentos, cada leitor de crônicas poderá identificar-se e encontrar-se diante das leituras realizadas. Se as crônicas possuem a particularidade de apresentar os pequenos instantes que compõem e constituem a vida diária das pessoas, têm, igualmente, a capacidade de propiciar o encontro entre a realidade da vida cotidiana e o sujeito dessas implicações: o homem, muitas vezes perdido em meio a toda essa situação.

Nesse contexto, as personagens que auxiliarão a arquitetar a história de uma sociedade vão sendo construídas e moldadas, partindo de suas próprias atitudes, da sua interação com o meio e do que lhes cabe como resultado dessa interação.

## **2.2 A ESTRUTURA DA VIDA COTIDIANA**

“A vida cotidiana é a própria vida do homem inteiro”, ou seja, o homem participa da vida cotidiana em todos os aspectos de sua personalidade e de sua individualidade:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade [...] Nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (HELLER, 1972, p. 17).

O homem da cotidianidade é, certamente, atuante, ativo, receptivo, questionador e fruidor. No entanto, não tem a capacidade, em função do movimento diário com o qual se defronta, de absorver todos esses aspectos. Desse modo, a literatura torna-se um importante mecanismo de conhecimento e de interação com o próprio mundo criado pelo homem, mas impossível de ser totalmente explorado pelo mesmo, pois possibilita a visualização das circunstâncias, dos acontecimentos e da realidade que cerca cada indivíduo.

Constituem partes da vida cotidiana situações como: o trabalho, a vida privada, os lazeres, o descanso, a atividade social e o próprio conhecimento. Todos esses fragmentos compõem aquilo que denominamos o universo de cada pessoa. Assim, quando se pensa em cada uma dessas situações, é possível realizar uma ligação mais estreita, ainda, da crônica com a história, pois:

A vida cotidiana não está fora da história, mas, no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social [...] As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade [...] (HELLER, 1972, p. 20).

Mesmo tratando-se, às vezes, de uma assimilação inconsciente, o ser humano acaba por apoderar-se dos diversos fatos que ajudam a arquitetar cada dia, tornando possível a identificação e a construção da própria história da humanidade.

Por configurar-se sempre e simultaneamente, o indivíduo, um ser particular e um ser genérico, as apropriações do mesmo das situações diárias constituem uma forma natural de expressar suas particularidades, seu ser “isolado”, como também de buscar uma interação com as necessidades humanas consideradas num geral, compreendendo, assim, a natureza da humanidade. Todas as necessidades do “eu”, são, primeiramente, as necessidades humanas generalizadas. Todas se apresentam sob a forma de indagações que rodeiam a vida de cada indivíduo, mas, que, por meio das vivências diárias, acabam por transformarem-se em algo genérico, que atinge a toda uma sociedade. Na literatura, os pequenos fatos diários, além de apresentarem as condições que norteiam e que

fazem parte da constituição de cada personagem, colaboram na organização e no entendimento da vida da coletividade.

Para Agnes Heller (1972), ninguém consegue se identificar com as suas possibilidades humanas desligando-se totalmente da vida cotidiana. O homem já nasce inserido em uma cotidianidade, por isso, torna-se adulto aquele que é capaz de viver por si mesmo o seu cotidiano. E isso compreende desde as atividades mais simples da vida, como utilizar os talheres, aprender a escrever nas linhas de um caderno, até as atividades mais complexas, como as relações pessoais, a realização de um trabalho artístico e o próprio desenvolvimento profissional. A assimilação e a manipulação das coisas e das atividades é o que propicia ao ser humano a capacidade de estabelecer as relações sociais. Essa assimilação é o que torna possível a mediação entre os indivíduos e os costumes, as normas, a ética e até mesmo o aprender a se mover no ambiente particular e genérico pertinente a cada pessoa.

Em sua trivialidade, o cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora dele, atitudes dentro e fora de casa, formas de comportamento e de tomada de decisões, movimentos mecânicos, atitudes que marcam as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos, como também toda e qualquer manifestação nos espaços privados e nos espaços públicos. Drummond exemplifica essa trivialidade na crônica “Anda a pé”, texto componente do volume *Cadeira de balanço*, ao retratar o simples fato de se andar a pé como algo notório e exemplar:

O Filósofo já me dissera: ‘Vou do Leme ao Leblon a pé, e às vezes não me satisfaz; então volto a pé do Leblon ao Leme, e sinto-me em plenitude.’ [...] Do Leme ao Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho. A meta é visível, a curva da praia dá ilusão de proximidade. O caminho reto, no mar, não levaria tempo. Contudo, sinto que é tempo de desperdiçar tempo, e nenhum veículo dará transporte igual ao dos pés, ambiciosos de marcha. [...] Andar a pé, no flanco dos motorizados, dá uma imprevista calma. [...] Nada porém distrai o andar-a-pé do homem, que com o simples andar-a-pé se confirma em sua soberania perante as coisas. [...] O andar-em-mim, do princípio, tão leve se fez que agora é um andar fora e acima de todos os mins pontiagudos, feridos, desarvorados, que a vida ia acumulando. Amendoeiras e jogos infantis do Posto 6 desabrocham como um continente. Chegar, e sua plenitude (DRUMMOND, 1998, p. 51-53).

O autor confere ao ato de andar a pé uma carga de valor profunda, atribuindo a essa ação corriqueira tamanha importância. Andar a pé configura-se um avanço para os indivíduos que, ao alcançarem cada lugar, cada esquina ou cada destino, sentem-se aptos a continuar seguindo em frente, pois o “ato de andar vale por si mesmo, sublima o entendimento do corpo com o que se costuma chamar de espírito, e naquele vigia e sofre” (DRUMMOND, 1998, p. 52).

Essa bucólica atitude, assim como as atividades recorrentes do dia-a-dia abarcam aquilo que é “repetitivo” e que ajuda na compreensão dos pequenos acontecimentos, na elaboração de uma condição de buscar o entendimento da importância dos pequenos instantes na construção de uma identidade. Ao cotidiano, conjunto do que poderia ser até considerado insignificante, responde e corresponde o moderno, o conjunto das situações pelas quais a sociedade se justifica, se estabelece e se significa:

O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É portanto aquilo que não tem data. É o insignificante (aparentemente); ele ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito, é uma ética subjacente ao emprego do tempo, uma estética de decoração desse tempo empregado. É o que une à modernidade [...] É o audacioso (aparentemente), o efêmero, a aventura que se proclama e que se faz aclamar (LEFEBVRE, 1991, p. 31).

Sendo a crônica o espaço em que o cotidiano aparece numa condição privilegiada, conforme afirma Antonio Candido, “como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante e reveladora” (1992, p. 15), podemos identificar nesse espaço todas as particularidades da vida cotidiana. Crônica e cotidiano se encontram, se completam e se afirmam na condição de permitir ao leitor que este se sinta e se reconheça na força de suas manifestações e de seus próprios valores. Conforme Lukács no capítulo introdutório de sua obra *Estética*, todo produto artístico é um momento de suspensão (momento em que o homem particular reconhece-se como homem genérico e passa a compreender a realidade social que o cerca de uma forma diferenciada) que volta à cotidianidade, e seu efeito sobrevive na cotidianidade dos outros. Assim, podemos considerar as crônicas uma forma de

expressão do cotidiano humano, o lugar em que as personagens representam as situações que envolvem e que constituem a composição da vida de cada ser.

Sobre a estrutura da vida cotidiana, Agnes Heller estabelece alguns momentos que considera primordiais para o conhecimento completo e eficaz das características dominantes desse processo: a espontaneidade, a heterogeneidade, o pragmatismo, a ultrageneralidade e a imitação.

A espontaneidade surge como uma tendência e como uma forma da atividade cotidiana. No entanto, a autora afirma que “nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível” (1972, p. 30). Em graus diferentes, cada atividade acontece conduzida de um jeito específico, e nem sempre se apresenta identicamente espontânea. No entanto, em qualquer uma dessas condições, a espontaneidade é a tendência primordial de toda e qualquer forma de atividade cotidiana:

A espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas que nela têm lugar. O ritmo fixo, a repetição, a rigorosa regularidade da vida cotidiana (que se rompem quando se produz a elevação acima da cotidianidade) não estão absolutamente em contradição com a espontaneidade; ao contrário, implicam-se mutuamente (HELLER, 1972, p. 30).

Do mesmo modo, a assimilação dos comportamentos exige, para a sua efetivação, certa espontaneidade, pois, se cada indivíduo se preocupasse em refletir sobre todos os acontecimentos e deles extrair a sua essência, a realização das mais frívolas situações cotidianas se transformaria em situações impossíveis, como também seria impraticável a reprodução da vida da sociedade.

Mas, a espontaneidade não acontece sozinha. Ela se concretiza diante das motivações efêmeras e em constantes alterações que aparecem e desaparecem a cada dia, inseridas na efetivação da vida diária. Mesmo atuando como peça importante na concretização da espontaneidade, “na maioria das formas de atividade da vida cotidiana, as motivações do homem não chegam a se tornar típicas, ou seja, as motivações em permanente alteração estão muito longe de expressar a totalidade, a essência do indivíduo” (HELLER, 1972, p. 30). Entretanto, compõem o universo daquilo que é considerado essencial para que a pessoa se sinta estimulada e capaz de, espontaneamente, atuar em seu dia-a-dia.

A heterogeneidade constitui o lugar da diversidade das possibilidades humanas, sendo assim, outra importante característica da estrutura do cotidiano. Igualmente, nesse contexto heterogêneo, está a base da atuação do homem: as probabilidades que surgem ao longo das realizações diárias. Frente às atividades realizadas estão as conseqüências das mesmas, configurando uma relação de probabilidade. Jamais seria possível calcular, com certeza, a conseqüência de uma ação realizada, nem tampouco seria possível realizar tal proeza perante a multiplicidade das atividades cotidianas. Dessa forma, pode-se concluir que as “catástrofes” da vida cotidiana são involuntárias, e acontecem sem o consentimento daqueles que as vivem. Na cotidianidade, podem-se estabelecer as probabilidades e as possibilidades em presença dos fatos, sem, no entanto, efetivar a garantia do sucesso de tal investida: “Decerto, essa situação implica no risco da ação baseada na probabilidade; mas não se trata de um risco autonomamente assumido e sim de um risco imprescindível e necessário para a vida” (HELLER, 1972, p. 31).

Ainda como questão fundamental da estrutura da vida cotidiana está o pragmatismo, visto que a cotidianidade une o pensar e o agir como uma unidade imediata. O pensamento cotidiano orienta-se para a realização das atividades diárias. A teoria torna-se, portanto, um ponto descartado dentro do contexto da cotidianidade. Não há espaço para tal situação, pois as idéias necessárias à constituição do cotidiano não se elevam ao plano da teoria, elas configuram a própria prática diária. A unidade imediata entre o pensamento e a ação implica na existência da diferença entre o “correto” e o “verdadeiro” na vida cotidiana: na atitude da vida diária o que é correto acaba por ser, também, verdadeiro. Dessa forma, a vida cotidiana é totalmente pragmática, ou seja, calcada na praticidade da relação entre os pontos estabelecidos pelo pensamento e pela ação. E o correto passa a ser verdade na medida em que se pode prosseguir na cotidianidade com os menores atritos possíveis:

Até mesmo os juízos e pensamentos objetivamente menos verdadeiros podem resultar corretos na atividade social, quando representarem os interesses da camada ou classe a que pertence o indivíduo e, desse modo, facilitarem a esse a orientação ou a ação correspondente às exigências cotidianas da classe ou camada em questão (HELLER, 1972, p. 32).

Para prosseguir com o pensamento de Agnes Heller acerca dos momentos que compreendem a estrutura da vida cotidiana está a questão da ultrageneralização, que organiza a concisão do pensamento, instituindo o pensamento cotidiano como algo marcado por juízos provisórios, pré-juízos e preconceitos, que são constitutivos inevitáveis do conhecimento cotidiano dos homens, mas que estão sujeitos aos perigos da cristalização por meio da experiência individual.

Esses juízos ultrageneralizados são juízos provisórios que a prática cotidiana confirma, ou, pelo menos, não refuta. Trata-se, aqui, das formulações que norteiam as ações do dia-a-dia, as quais favorecem o aparecimento de conceitos pré-determinados antes mesmo de certas práticas. No entanto, é necessário que não se estabeleça um excesso de pré-julgamentos, para que não haja uma perda de capacidade diante das práticas cotidianas e, nem tampouco, da individualidade de cada pessoa, porque

[...] quando já não se trata da orientação na vida cotidiana e sim da nossa inteira individualidade, de nossa integridade moral e de seu desenvolvimento superior, caso em que só podemos operar com juízos provisórios pondo em risco essa integridade, então devemos ter a capacidade de abandoná-los ou modificá-los (HELLER, 1972, p. 34-35).

Isso deverá ocorrer quando todos esses juízos provisórios caminharem para a ultrageneralização, não permitindo que a particularidade de cada um transite livremente em meio a essas situações. É uma característica comum da vida cotidiana o “manejo grosseiro do singular”, o esquecimento das peculiaridades e das singularidades. Para que tal fato não aconteça, para que haja uma reação por parte do indivíduo diante dos instantes diários de sua vida, é preciso que a universalidade seja considerada partindo da particularidade. Em suma, o tratamento grosseiro do singular, a desconsideração daquilo que é próprio a cada um e a banalização do que concerne a cada indivíduo, pode, mesmo que não seja prejudicial, converter-se em um dano irreparável ou, ainda, acarretar em uma das catástrofes da vida cotidiana.

E, por último, concluindo as idéias de Heller sobre a estrutura da vida cotidiana, aparece a imitação, pois, conforme a autora, não há vida cotidiana

sem imitação. O ser humano jamais procede meramente de acordo com a sua intuição, a sua vontade e a sua necessidade. O ser humano imita os outros. Sem a mimese, sem a imitação ou a representação do real, sem a recriação da realidade, a arte literária certamente não seria a mesma. Contudo, a vida cotidiana não vive apenas da imitação, há momentos em que a mimese torna-se desnecessária, supérflua, “ademais, os tipos e os graus de individualização são necessariamente diversos nas várias esferas, nas diferentes épocas e situações” (HELLER, 1972, p. 36). A crônica, assim como as demais produções literárias, compreende tal questão e trabalha com a imitação de acordo com a necessidade de apresentar ao leitor as possibilidades de aprendizagem diante dos fragmentos diários e das probabilidades de representação do comportamento humano.

E, comparativamente a outros gêneros, é a crônica o “lugar” propício para esse trânsito com o cotidiano. Todos os fatos que constituem e colaboram para a construção da vida diária “colam” à própria estrutura da crônica. Os diferentes tipos de crônicas (desde a crônica lírica de Rubem Braga até a crônica narrativa de Luís Fernando Veríssimo) têm essa característica de poder dialogar com aquilo que é fragmentado, que é prosaico e corriqueiro, mas que tem a possibilidade de representar o próprio desempenho e o desenvolvimento dos sujeitos.

A vida cotidiana não deve caminhar para a alienação. Para tal, cronistas e historiadores, os contadores da cotidianidade, devem operar a coexistência entre a particularidade e a generalidade, oferecendo ao público leitor uma dimensão da vida social capaz de apresentar a luta contra a desumanização e a construção do caráter e da realidade de cada pessoa por intermédio das suas personagens.

Todos esses momentos característicos do comportamento e do pensamento cotidianos compreendem um atrelamento necessário para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade. Não há vida cotidiana sem espontaneidade, sem pragmatismo, sem ultrageneralização e sem imitação. Todavia, essas formas da estrutura e do pensamento da vida diária não devem ser consideradas como verdades absolutas e únicas, elas devem propiciar ao indivíduo a possibilidade de movimento e de explicitação dentro do universo criado diante das situações momentosas, das atribuições do cotidiano.

Todo homem pode ser completo, inclusive na cotidianidade, diante da fragmentação diária a que é submetido. Independente da hierarquia determinada

pela época, pela sociedade e pela condição do indivíduo no meio em que vive: à individualidade, cabe um espaço de movimentação e de exercício das próprias vontades. Conforme as palavras de Goethe citadas por Agnes Heller em seu livro *O cotidiano e a história*, a “condução da vida” pode acontecer na construção da hierarquia da cotidianidade. E essa possibilidade existe dentro das obras literárias. Aos escritores cabe a condição de determinar até que ponto suas personagens viverão cada momento da vida cotidiana, suas particularidades e a sua inserção dentro de uma universalidade:

A condução da vida supõe, para cada um, uma vida própria, embora mantendo-se a estrutura da cotidianidade; cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade. [...] E é a condução da vida porque sua perfeição é função da individualidade do homem e não de um dom particular ou de uma capacidade especial (HELLER, 1972, p. 40-41).

Sob essa ótica, a compreensão da vida cotidiana consiste em adentrar o lado sensível e prático das relações do vivido e do concebido, da subjetividade, das representações e das imagens, contudo, sem perder de vista a criticidade, a historicidade e a contextualidade.

Como um dos movimentos que marcou e que marca a modernidade, a cotidianidade apresenta-se como ponto fundamental nas produções literárias, especialmente nas crônicas. E permite que os fatos miúdos e corriqueiros ganhem importância e mudem a ênfase das produções artísticas, estabelecendo a capacidade de traçar o perfil dos homens e do mundo por meio de uma exposição acessível, leve e estimulante.

E ainda, conforme afirmou Carlos Drummond de Andrade, à crônica não cabe tratar de assuntos graves ou sérios, isso deve ficar para o jornalismo objetivo. Ela até pode portar-se a isso, no entanto, deve estar muito mais preocupada em apresentar-se com emoção e com sensibilidade, do que por meio da objetividade e da tensão que recaem, respectivamente, sobre o jornalismo e sobre a literatura.

Em resposta a um leitor, no texto “O frívolo cronista”, o autor declara que, para ele, a crônica constitui:

[...] a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) [...] Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral [...] É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres (DRUMMOND, 1984, p. 178-180).

Afinal, tratar de assuntos da vida cotidiana implica em abordar temas concernentes à realidade humana, portanto, compatíveis às expectativas dos leitores. Assim, cotidiano e crônica fundem-se numa mesma perspectiva: a de reinventar a vida por meio dos acontecimentos diários.

### **2.3 AS ARTES DE FAZER E O LUGAR EM QUE AS PRÁTICAS COTIDIANAS ACONTECEM**

As práticas cotidianas constituem aquilo que podemos chamar de procedimentos. Essas artes de fazer são próprias a cada indivíduo e acontecem em momentos diversificados e nos mais inusitados espaços. São esquemas de realizações humanas que acabam por apresentar, delimitar ou definir a personalidade das pessoas nos ambientes em que as mesmas transitam, independente do tempo em que acontecem.

Rachel de Queiroz, em sua crônica “Cena carioca”, do livro *Terras Ásperas*, de 1993, apresenta ao seu público leitor um exemplo de experiência que pode ser comum a muitos sujeitos. A cena em questão corresponde ao encontro de quatro amigos em um ambiente em que muitas personalidades se encontram e se confrontam:

Eram quatro senhores sentados em torno da mesa do botequim. Botequim, essa instituição perseguida pelas famílias, pelas esposas, pelos padres, pelos delegados, por tudo que fale em nome da lei e da ordem – ele é tão velho quanto o homem sobre a face da terra. No tempo das cavernas, os senhores trogloditas já deviam se reunir em torno da trempe do fogo, pelas noites frias, fazendo experiências com chás de ervas e suco de frutas brabas, nos quais iam descobrindo efeitos inebriantes. [...] E enquanto isso, iam decantando, cozinhando; imagine o triunfo do mulherio vendo, de

repente, à noite, os homens começarem a cantar, a dançar, a dizer bobagem – enquanto, à luz da candeia de sebo, elas batiam e amaciavam o couro cru e, com rudes agulhas de osso, tentavam costurar umas tangas! [...] Dado o devido desconto, as coisas não mudaram, passado um milhão de anos. Os homens continuam bebendo nas suas rodas exclusivas de botequim; e apesar da liberação feminina, a presença da mulher ainda é mal aceita nessas rodas, salvo quando ela comparece como puro objeto de entretenimento (QUEIROZ, 1993, p. 21).

A cronista aborda uma cena que compreende a realidade de algumas pessoas. O fato de amigos se encontrarem em bares e suas mulheres não poderem participar desse momento, certamente é um evento que acompanha a humanidade. Trata-se de uma realização que, por sua constituição, acaba delimitando a concepção que se pode efetuar a respeito da personalidade daqueles que vivem essa verdade.

A realidade da vida cotidiana é uma realidade compartilhada com outros. A partir do momento em que as situações vão acontecendo diariamente, quer seja nos espaços públicos ou nos espaços privados, os fatos são reconhecidos e vivenciados pela sociedade. Todos os fazeres que cercam e que acometem parte da vida dos indivíduos são partilhados e auxiliam na elaboração da prática do conhecimento de cada pessoa que compõe a cotidianidade.

De que forma, então, um experimenta, conhece, confronta e interage com o outro na vida cotidiana? Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann, “a mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais derivam deste” (1976, p. 47). De tal modo, essa interação proveniente da cotidianidade possibilita, além do conhecimento de si mesmo, o conhecimento do outro, daquele que divide os espaços e algumas circunstâncias com os seus interlocutores da vida diária.

É possível estabelecer diferenças entre esses modos de experiência com o outro nos pequenos fragmentos diários. É possível, também, determinar o tipo de pessoa que atua em uma sociedade partindo das suas atitudes cotidianas. As artes de fazer compreendem uma parcela considerável e significativa na apresentação dos indivíduos e na possibilidade de se conseguir determinar coerência no espaço em que o mesmo atua. O cotidiano, como conjunto de atividades aparentemente modestas, como conjunto de produtos, de procedimentos

e de obras bem diferentes dos seres vivos, constitui um domínio no qual a vida produtiva e criadora se projeta, determinando, assim, novas criações, novas possibilidades de conhecimento dos sujeitos, de suas particularidades e de seus anseios. Na literatura, os escritores possibilitam aos seus leitores um momento de interação e até mesmo de descobertas, quando diante das personagens, nos mais diversificados ambientes e nas mais inusitadas ou simples situações.

O cotidiano é o que há de mais humilde nas projeções individuais. Entretanto, é o que garante a solidez das práticas diárias. E, onde quer que sejam exercitadas, suas concretizações correspondem a não menos que possibilidades de manifestações capazes de nos apresentar desde a mais pacata criatura, até as mais insólitas personagens.

Desconsiderar o que acontece no dia-a-dia é o mesmo que, segundo Michel de Certeau, não ponderar o que o autor denomina de “poesias ignoradas”, poesias diárias que auxiliam na descoberta do mundo e das pessoas. Isso acontece, quando, em função da mesmice causada pela vida diária, certas estranhezas, certas simplicidades e algumas peculiaridades da cotidianidade acabam passando despercebidas.

Essas artes de fazer, esses procedimentos praticados no dia-a-dia, que devem ser prestigiados, acontecem tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados. No espaço público, as pessoas que caminham pelas ruas, principalmente das cidades modernas, geralmente praticam tal atividade de forma automática. No entanto, são esses mesmos transeuntes que fazem acontecer os fatos e que permitem a criação dos textos a partir de suas ações: tendo como ponto de partida os atos dos sujeitos, as histórias são escritas. Segundo Certeau, é no espaço público que tudo começa a se desenvolver e a dar forma para os acontecimentos, para os indivíduos e para a própria sociedade. É nesse espaço que:

Tudo se passa, como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente [...] (1994, p. 171).

Sobre o espaço privado, quanto maior se torna a relação do homem com o espaço público, com o espaço compartilhado, maior se torna, também, a sua relação com o seu espaço íntimo e particular. Da mesma forma que as situações acontecem nos ambientes públicos, nos particulares, nas relações com a própria casa, com o quintal, com o bairro, com a vizinhança, etc., os acontecimentos vão igualmente se formando. Sob a perspectiva de Pierre Mayol,

Diante do conjunto da cidade, atravancando por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano (1996, p. 41-42).

Dessa forma, tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados, a cotidianidade ganha força nos atos praticados pelos indivíduos. Por intermédio de sensíveis prosadores, que conseguem retirar do que é miúdo, do que é fragmentado e do que, aparentemente, parece pequeno, os fatos da vida cotidiana configuram-se a essência para muitos escritos. Enriquecendo as páginas literárias, as cenas do cotidiano constituem importante aspecto na construção das personagens, das suas características, das suas peculiaridades, da sociedade e, conseqüentemente, do mundo.

Se o cotidiano é crivado de tensões e de movimentos (permanências e transformações), e funciona como um campo de múltiplas possibilidades e de intersecções que se aproximam, se diluem e se elevam, isso permite a afirmação de que o estudo da cotidianidade oferece subsídios para a determinação da espacialidade dos indivíduos numa localização e numa dimensão. De tal modo, se por um lado o que faz parte do cotidiano é considerado insignificante e banal, por outro, fornece a base para a sustentação de uma sociedade, tendo em vista que permite a reprodução dos pequenos instantes que constituem e que consagram a caracterização de cada ser humano, dos seus ambientes, das suas práticas e de suas realizações.

### 3 O SUJEITO E O TEMPO: FALANDO SOBRE A VELHICE

*Não é fácil imaginar que o próprio corpo, cheio de frescor e de sensações prazerosas pode tornar-se lento, cansado, torpe. Não é possível imaginá-lo, nem no fundo se quer imaginar [...]. De uma maneira consciente ou inconsciente, as pessoas resistem por todos os meios à idéia de sua própria velhice e de sua própria morte.*

(Norbert Elias)

#### 3.1 A VELHICE: PARTICULARIDADES DE UMA CONDIÇÃO INCONTESTÁVEL

Um destino. Não há como encarar a senilidade sem a consciência de que o ato de envelhecer é inerente a cada indivíduo. Trata-se de uma realidade definida, no entanto, repleta de indefinições. É um fenômeno biológico: o organismo do homem que chega à senescência apresenta certas singularidades; e, também, psicológico: determinados comportamentos nessa fase são considerados característicos e próprios das pessoas de idade avançada. Como em todas as situações humanas, a velhice “tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história” (BEAUVOIR, 1990, p. 15). É um momento de perdas, de restrições e de transformações:

Os velhos e aqueles que ultrapassaram a flor da idade ostentam geralmente caracteres quase opostos aos dos jovens; como viveram muitos anos, e sofreram muitos desenganos, e cometeram muitas faltas, e porque, via de regra, os negócios humanos são mal sucedidos, em tudo avançam com cautela e revelam menos fôrça do que deveriam. Têm opiniões, mas nunca certezas. Irresolutos como são, nunca deixam de acrescentar ao que dizem: ‘talvez’, ‘provavelmente’. Assim se exprimem sempre, nada afirmam de modo categórico (ARISTÓTELES, 1964, p. 139).

Nessa fase, como em todas as outras pelas quais o sujeito passa ao longo de sua vida, o homem não vive em seu “estado natural”, pois, na velhice, como em qualquer outra idade, seu estatuto e sua condição de vida são impostos pela sociedade à qual o mesmo pertence. Em todas as etapas de sua existência, especialmente durante as passagens de uma à outra, as incertezas e as dúvidas são marcantes. Porém, o medo de pensar no futuro e de aceitar a passagem do tempo acontece de forma mais acentuada quando o que o homem vê a sua frente é a velhice. Isso, porque a questão da senescência está intimamente ligada às perdas, às restrições e a certas regressões, que são atribuídas aos seres humanos por uma sociedade que, em sua maioria, abandona seus velhos à própria sorte: “Os velhos têm de lidar com a falta de relacionamento social, cultural e político, já que o mundo novo é difícil e a própria geração está morrendo ou já morreu” (GUIDIN, 2000, p. 64).

Sob a perspectiva de Márcia Lígia Guidin, entender e explicar a velhice consiste em uma situação delicada, pois se trata de uma condição suscetível de diferentes formas de interpretação. Segundo a autora, a mais convincente das explicações diante da dificuldade de se compreender a questão da idade avançada “está ligada à extensão das atividades sociais, intelectuais e profissionais da vida adulta” (2000, p. 63), portanto, ao momento de maior atuação do indivíduo no meio em que vive: compreende-se a vida adulta, aqui, conforme o conceito dado por Ecléa Bosi em seu livro *Memória e sociedade*, como o período da vida em que o sujeito se encontra em plena atividade profissional e integração social. Assim sendo, a não concordância com essa nova forma de vida fundamenta-se no fato de não se aceitar a velhice associada a uma solidão ideológica e cultural, a um período de amortecimento e de deslocamento para um novo mundo, mundo este determinado pela sociedade e por suas imposições diante do ser de terceira idade. Essa realidade inversa é o que assusta e o que causa espanto quando o indivíduo se vê perante essa nova posição.

Definir o que representa para o homem o ato de envelhecer é uma tarefa extremamente difícil, por que não dizer, impossível, visto que todas as situações que envolvem esse processo conduzem a uma série de mudanças, de indefinições, de questionamentos e de dúvidas. A velhice não é um fato estático, pelo contrário, é o resultado e o prolongamento de um processo. É o momento em que alguns paradoxos se tornam mais acentuados e geram as indefinições que

cercam essa realidade: envelhecer compreende um ato de progresso e, ao mesmo tempo, de regressão.

Para tentar elucidar esse e tantos outros pontos que norteiam a questão da senilidade, cabe, primeiramente, pensar na velhice em sua totalidade: ela não é apenas um fato biológico, mas, também, um fato cultural, que envolve não somente as mudanças físicas e comportamentais geradas em função do envelhecimento do corpo. Envolve, igualmente, a postura da sociedade em que o indivíduo atua. Conforme Simone de Beauvoir (1990, p. 345), “a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas [...]”, portanto, é o destino de todos aqueles que ultrapassam a infância, a adolescência, a juventude e a fase adulta. Uma “condição incontestável”, que não pode ser desconsiderada por aqueles que chegam a essa fase e por todas as demais pessoas:

Morrer prematuramente, ou envelhecer: não há outra alternativa. E, entretanto, como escreveu Goethe: ‘A idade apodera-se de nós de surpresa.’ Cada um é, para si mesmo, o sujeito único, e muitas vezes nos espantamos quando o destino comum se torna o nosso: doença, ruptura, luto (BEAUVOIR, 1990, p. 347).

Mesmo diante das certezas (porque também há certezas nesse processo) que permeiam a vida dos idosos, a aceitação desse novo estilo de vida não acontece sempre de forma tranqüila e pacata. Conviver com as doenças que rondam a senescência, aceitar as rupturas com o mundo e com os seres e pensar na morte como uma condição concreta, situações que se tornam mais prováveis com a aquisição da idade, não é uma questão bem-vinda pelos indivíduos. Por mais que se tente estabelecer um mínimo de condições para enfrentar o período senil, as inseguranças que perpassam essa fase estão sempre presentes.

Todas as circunstâncias que envolvem esse momento acabam sendo interiorizadas pelo sujeito, que tende a reagir a elas. De diversas maneiras, cada indivíduo cria uma forma de conviver com a sua nova realidade. Não há alternativa: envelhecer, até que algo venha a interromper esse processo, é o destino de todos! A aparência do corpo e do rosto, a agilidade nos movimentos e nas reações, o ritmo e a frequência com que as atividades são realizadas dão a noção real de que tal fato está acontecendo. Simone de Beauvoir (1990, p. 372) afirma sobre essa questão que “ser velho é lutar contra a velhice”, e também contra todas

as surpresas, todos os contratemplos, os aborrecimentos e os desconfortos, além da descoberta das alegrias que essa nova condição pode oferecer a cada pessoa.

Esta é uma nova forma de vida que o homem passa a enfrentar e precisa vivenciar durante a sua existência. Cada um carrega dentro de si uma carga profunda de valores, e isso também acontece em relação a sua senilidade: descobrir as agruras e as fortunas dessa fase é uma tarefa, antes de mais nada, particular.

Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade* (1998), afirma ser a velhice uma questão natural, no entanto, determinada pelo outro, por aquele que participa, direta ou indiretamente, da vida do ser que está chegando à terceira idade. Assim, esse período compreende, de acordo com a autora, um dos momentos em que a crise de identificação torna-se mais evidente e marcante:

O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas. Para a comunicação com seus semelhantes precisa de artefatos: próteses, lentes, aparelhos acústicos, cânulas (BOSI, 1998, p. 79).

Conforme Ecléa, a senescência caracteriza-se como o período em que a impotência de transmitir e de poder trocar experiências acontece porque os meios de comunicação com o mundo já não funcionam com tanta eficiência. Aos velhos não cabem mais causas que transcendem a sua condição e que dão significado aos atos cotidianos. Dessa forma, o fato de não se permitir ao idoso estar engajado em algo acaba por determinar a degradação desse indivíduo, que, vendo suas forças esgotadas e o distanciamento das ações rotineiras a que até então era acostumado, sente que o sentido de sua vida esmorece quando a idade lhe vai chegando.

Por vezes, a sociedade rejeita seus velhos e não oferece nenhuma condição de sobrevivência àquilo que faz parte de sua produção enquanto ser atuante em um meio. Quando a força de trabalho diminui, o idoso já não é mais produtor nem reproduzidor. Se pertence a uma classe favorecida, defende-se pelo acúmulo de bens. No entanto, se a sua situação não compreende uma posição

favorável dentro da sociedade, esta lhe imprime um futuro tão incerto quanto se possa pensar:

A moral oficial prega o respeito ao velho, mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada, mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo. Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para 'seu próprio bem'. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes 'administrando' sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa [...] (BOSI, 1998, p. 78).

Quando o interesse pelos idosos passa a ser meramente como um objeto de exploração, firma-se um dos grandes problemas que cerca essa etapa da vida dos indivíduos: as sociedades se aproveitam dessa situação e desenvolvem meios de exploração contínua dessa condição. O aparecimento de clínicas de repouso e de tratamento, por exemplo, em sua grande maioria, tornou-se uma forma de fazer as pessoas de idade avançada pagarem caro por um cuidado que, comumente, deixam de ter em casa, e que, raramente, encontram nesses lugares que se dizem especializados nesse sentido. Quando a própria família desampara seus velhos, independente de ser uma vontade ou falta de opção, alguém tem de assumir a responsabilidade por essas pessoas, que, em grande parte, não conseguem se manter sozinhas. Daí a possibilidade de lugares como esses passarem a fazer parte do mundo senil e, por geralmente estarem desamparados, os idosos ficam à mercê de instituições que têm total liberdade na decisão dos tratamentos para com os mesmos.

Apesar de as pesquisas apontarem para uma realidade nada confortável aos idosos e, em sua maioria, estes encontrarem-se entregues à vontade e à assistência de terceiros, começa a ser trabalhada, de forma mais contundente, a questão do cuidado com os senis. Não se pode desconsiderar o momento em que a sociedade se encontra. Segundo os últimos dados do IBGE, a taxa de número de idosos, que é de 5,4% da população brasileira (estimada em 157 milhões de pessoas), tende a aumentar. Até o ano 2020, atingirá uma média de 9%. Esse aumento de senis na população mudará, sem dúvida, o perfil do país, que precisará rever as suas prioridades.

Perante esses dados, a sociedade começa a se mexer. Mesmo que ainda diante de tanto desrespeito e descuido em relação aos velhos, há quem já se preocupe em proporcionar o mínimo de condições para que os senis tenham um fim de vida com dignidade. Algumas casas de repouso e clínicas geriátricas para a terceira idade oferecem atividades de fisioterapia, de psicologia, hidroginástica, laborterapia e atividades de lazer. A biodança, uma combinação de ginástica com baile, já é praticada em associações e em ONGs destinadas ao cuidado dos muitos anciãos que compõem, hoje, a cotidianidade.

Danças de salão são oferecidas por instituições como o SESC (Serviço Social do Comércio) e o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Nacional), com o intuito de promover a interação das pessoas idosas entre si e, conseqüentemente, com o meio em que vivem. Além do mais, atividades artesanais e profissionalizantes como crochê, pintura, tricô, bordado, carpintaria e outras são praticadas em oficinas que possibilitam a inclusão de especialidades na extensa vida curricular dos senescentes.

Excursões e viagens dirigidas também são promovidas por igrejas e por outras instituições para permitir que os idosos não percam o contato com o seu mundo e com a sua realidade. Até mesmo a prática de esportes tem se tornado uma constante na vida das pessoas da terceira idade, uma prova disso é a Associação dos Veteranos de Basquete do Brasil (AVBB), criada em Fortaleza em 1985, com o objetivo de levar o esporte para a vida toda. Na AVBB a idade-limite para começar é 35 anos, mas o término depende da vontade de cada jogador. “Temos jogadores de 80 anos, a idade passa, mas o basquete não. Este é um exemplo a ser seguido pelos jovens atletas”, diz Nilo Machado Pereira, 65 anos, presidente da AVBB.

Tudo tem acontecido com a finalidade de que medidas realistas sejam tomadas para que o sistema de saúde e previdenciário do país sofra uma mudança aceitável, e funcione de forma satisfatória, pois é por meio de atividades físicas, intelectuais, artísticas, profissionalizantes e de lazer que a velhice poderá ser enfrentada de uma maneira mais tranqüila e saudável. E, dessa forma, que o envelhecimento aconteça com decência, mesmo que muitos passos ainda devam ser dados para que o país atinja a sua maturidade.

Outra demanda que assombra o período senescente é a aposentadoria. A quantia e a idade para o recebimento de tal benefício variam de um lugar para o outro. Porém, o que é certo em qualquer uma dessas circunstâncias

é que, geralmente, chegam tarde, quando não há muito mais o que se fazer para aproveitar o benefício em questão. O dinheiro arrecadado mensalmente acaba sendo usado para gastos com problemas de saúde, muitos deles, causados por questões psicológicas, devido à solidão e ao abandono que os velhos enfrentam. Outras vezes, devido à falta de atividade imposta aos idosos. Sem maiores chances de exercer algum ofício dentro de um grupo social e sem o amparo da própria família, a velhice passa a ser uma fase de desgaste emocional, físico e mental. E, de acordo com Márcia Lígia Guidin (2000, p. 63), passa a ser reconhecida como o momento em que “dentre as possíveis marcas gerais da velhice estão o reconhecimento e a aceitação da degeneração física”, o que acaba por ocasionar o ostracismo senil:

O Estado fixa a idade em que o trabalhador tem direito a uma aposentadoria; essa idade é também a que os empregadores públicos e privados escolhem para despedir seu pessoal, e, portanto, a idade em que o indivíduo passa da categoria dos ativos à dos inativos (BEAUVOIR, 1990, p. 276).

Surgem, então, mais alguns questionamentos: Quando acontecerá essa mudança? Que valores serão pagos? Para que, em tal altura, servirão tais benefícios? As respostas, certamente, serão diferentes em cada sociedade. O que é possível afirmar é que, independente do município, do estado ou do país, a sociedade leva em conta, primeiramente, os seus próprios interesses, pois o que tem acontecido rotineiramente é o mero interesse pelos idosos como objeto de exploração. Na maioria das vezes, por existirem em grande número dentro das sociedades, os velhos têm sido alvo de pessoas inescrupulosas que acabam por se aproveitar da condição desses sujeitos e do fato de os mesmos não terem, na maior parte das situações, alguém que olhe por eles.

Outro ponto importante que aflige a senilidade está centrado na questão sexual. O fim dos desejos sexuais é um fator que preocupa, também, as pessoas que entram na terceira idade. Atingindo a senescência, ocorre a diminuição (em alguns casos, a supressão) dos desejos sexuais:

Nos dois sexos, a pulsão sexual situa-se no limite psicossomático; não se conhece exatamente a maneira pela qual ela está condicionada pelo organismo. O que se constata [...] é a involução das glândulas sexuais, consecutiva à senescência, acarreta a redução ou mesmo o desaparecimento das funções genitais. As reações aos estímulos eróticos são mais raras, mais lentas, ou inexistentes; o sujeito atinge mais dificilmente o orgasmo, ou não consegue atingi-lo; e o homem vê diminuir ou desaparecer suas possibilidades de ereção (BEAUVOIR, 1990, p. 389-390).

Sob esse aspecto, e defendendo a condição senil, Freud afirma que a sexualidade não está ligada somente ao órgão genital. A energia que cada um dispõe quanto à sua realidade sexual é que irá transformar as suas reações. Em todo esse processo há uma intencionalidade, e por que não dizer, totalidade, vivida pelo corpo de cada ser humano, quer na senescência ou em qualquer outra fase. Mais uma vez, as condições de vida de cada sujeito serão fatores determinantes para que se reverta ou não o que lhe vem como sina.

A viuvez, por exemplo, pode, em algumas ocasiões, causar certos traumas aos idosos em relação à sua sexualidade. A sociedade, geralmente hipócrita, cobra dos mesmos uma moral que não lhes permite uma “extravagância senil”. Então, por assim dizer, basta lembrar que suas tentativas de aventuras sexuais acabam por dar em nada, e o fracasso só vem a acarretar em mais desilusões com a situação. Biologicamente falando, a mulher é menos atingida sexualmente na velhice que o homem. Porém, estes têm uma intensidade maior de atividades sexuais que as mulheres até atingir a senilidade. Mas, ambos terminam por sentir esse choque, pois, aceitar esse desgaste seja, talvez, mais uma das grandes batalhas da velhice.

Encarar o período senil consiste em deixar para trás um passado que se torna cada vez mais distante, e refletir sobre um futuro que se apresenta muito limitado, incerto e inconstante, pois,

a idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada (BEAUVOIR, 1990, p. 445).

Aceitar e conviver com a senescência é, por conseguinte, uma forma de perceber que a própria vida está ficando para trás. E é nas lembranças e nas memórias que os idosos conseguem ultrapassar as barreiras do tempo. É por meio dessas situações que o ser de terceira idade consegue tornar-se sensível a qualquer outra fase da vida dos sujeitos. Sua memória lhe permite repensar toda a sua existência. E, considerando que um velho deixa muitas coisas para trás, inclusive seus mortos, pode-se esperar que este busque, sempre, por meio das memórias e das lembranças, manter (ou romper) uma ligação com o seu próprio passado e com a sua própria história.

Sobre as lembranças dos velhos, Ecléa Bosi afirma o seguinte:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referências familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1998, p. 60).

Ao se apropriar do passado por meio das suas memórias, os idosos não estão simplesmente fugindo das lides cotidianas, entregando-se às delícias do sonho ou mesmo descansando. O que ocorre nessa situação é uma tentativa de ocupação conscienciosa e necessária do próprio passado, da substância mesma da sua vida, pois, em algumas circunstâncias, o velho não se contenta em esperar que os dias aconteçam e que as memórias venham e o despertem. Ele procura, interroga, investiga e fala sobre aquilo que lhe permite rememorar o que não mais parece estar ao seu alcance, mesmo que isso lhe cause sofrimento e certo desgaste emocional.

A memória dos velhos existe para que o passado seja revivido. Uma vez “libertos” das atividades profissionais, sociais e familiares, cabe aos senis não perderem o contato com a gênese de sua vida por meio das lembranças. Ao buscar na memória o passado, o idoso coloca-se diante da “religiosa função de unir o começo ao fim, de tranqüilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI, 1998, p. 82). Um mundo social rico em sua diversidade, que

grande parte das pessoas não conhecem e nem terão a oportunidade de conhecer, pode ser (re)descoberto por meio das memórias dos velhos.

E, por mais que se deva à memória coletiva, é o sujeito, na solidão da sua individualidade e em suas próprias lembranças que recorda. Cada um é o responsável pela memorização do que lhe compete e fica no passado. Cada indivíduo é único no processo de identificação daquilo que é significativo dentro de um “tesouro comum”. Logo, aos velhos cabe a função de recobrar e retomar circunstâncias passadas que poderão se tornar expressivas para a construção do presente, mesmo que o que venha à tona sejam lembranças que os façam perceber certas perdas, algumas mudanças e, conseqüentemente, impossibilidades futuras.

Indubitavelmente, é por meio do passado que o ser humano consegue se conhecer em sua totalidade. Mas, na grande maioria das vezes, e em função das condições oferecidas pela sociedade, o confronto gerado entre o passado e o presente pode se tornar um grande conflito na vida dos velhos. Repensar sua existência, principalmente a infância e a juventude, pode transformar-se em algo constrangedor e, muitas vezes, traumático. Na medida em que os idosos não vivem bons momentos em sua senescência, considerando que a sociedade não lhes dá as condições necessárias (e mínimas) para a sua sobrevivência, torna-se até simples entender a posição do idoso quanto a sua situação. O tempo dos velhos é um tempo imposto. E estes têm a consciência de que lhes restam poucos anos para viver, destarte, poucas possibilidades de reversão ou de tentativa de mudança de determinadas situações:

Última etapa de um constante progresso, a velhice seria o mais alto ponto de perfeição da existência. Mas, na verdade, não é assim que esta última se desenrola [...] A cada instante ela se totaliza, mas a totalização nunca é acabada. A ação humana constitui ao mesmo tempo o todo e o dilaceramento do todo (BEAUVOIR, 1990, p. 469).

Conforme afirmou Montaigne<sup>7</sup>, é por essas ocorrências que a nossa caminhada nunca é um progresso certo, mas antes, um movimento titubeante. Deste

---

<sup>7</sup> Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), escritor e ensaísta francês considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus "ensaio", analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. É considerado um céptico e humanista.

modo, de acordo com as idéias de Beauvoir, a “velhice não é a sùmula de nossa vida”, antes disso, consiste na possibilidade de se conviver com um tempo que, simultaneamente, oferece e retira o mundo de nossas mãos: “Aprendemos e esquecemos, enriquecemo-nos e nos degradamos” (BEAUVOIR, 1990, p. 469).

E essa degradação coloca em cheque outra questão fundamental na vida do idoso: sua relação com a morte. Assim, mais uma vez entra em cena o contexto social, que é o grande responsável pela ligação que será estabelecida entre a morte e a velhice. Em algumas sociedades, em função das péssimas condições de sobrevivência, as pessoas se deixam levar com indiferença perante o fim da vida, isso porque as circunstâncias lhes causam certa aversão pela sua existência. Dessa forma, a morte não é enfrentada como um problema. Em outras, os sujeitos cercam-se, na velhice, de uma valorização extremada, a ponto de enxergar o período senil como algo desejável, embora ainda haja indivíduos que, independente das circunstâncias, prefiram escapar-lhe.

As atitudes diante do fim da vida variam de acordo com as idades: a criança perturba-se com a revelação da morte; o jovem não aceita essa condição, mesmo sendo o mais capaz de conviver e enfrentar essa situação, pois, não hesita em arriscar-se e desafiá-la. O adulto é um pouco mais prudente, por estar preso a interesses (trabalho, família, bens etc.), prefere resguardar-se e agir com maior precaução.

Já para o velho, a morte deixa de ser aquele destino geral, abstrato e distante que é para a maior parte dos indivíduos. Quando se chega à velhice, ela se transforma em um acontecimento próximo e pessoal, ou seja, a idéia de concessão de perpetuidade da vida deixa de ser uma ilusão e leva o idoso à realidade que norteia a sua atual condição: todo velho sabe que morrerá logo, e isso é algo certo na vida dos senescentes, até que a sua existência chegue ao fim. A morte, assim como a velhice, pode ser então constituída como aquilo que é intransponível, ela é o limite máximo das possibilidades, não há como atingi-la nem tampouco projetar-se contra ela. Ela é o que tem de ser: o fim.

Resumindo o que foi dito até então, e de acordo com Cícero, filósofo que viveu antes de Cristo, há quatro razões possíveis e distintas que fazem a velhice se tornar algo detestável, inconveniente e temível: ela afasta o indivíduo da vida ativa, enfraquece o corpo, priva cada sujeito dos melhores prazeres e aproxima o

ser da morte. Mas, segundo Cícero, “razões possíveis”, pois a concretização de tais fatos somente ocorrerá mediante a aceitação por parte de cada ser.

Segundo o filósofo, estar velho consiste em subtrair-se dos assuntos públicos, afastar-se da pluralidade da cotidianidade. No entanto, não há situações que não possam ser resolvidas mediante apenas a inteligência ou a experiência? Longe de ser passiva, a velhice pode ser atarefada, podendo ser ocupada em atividades relacionadas ao passado e aos gostos de cada um. Ao envelhecer, o indivíduo pode aprender, a cada dia, coisas novas, não se entregando aos dissabores de um distanciamento da vida pública, basta-lhe o direcionamento dos seus esforços àquilo que lhe é prazeroso e saudável.

Quanto às forças da idade, é na falta de vigor que, conforme Cícero, está o segundo suposto inconveniente da velhice. Entretanto, poucos são os homens que primam pela busca da força dos animais como o touro ou como o elefante, por exemplo. Antes, “é preciso servir-se daquilo que se tem e, não importa o que se faça, fazê-lo em função de seus meios” (CÍCERO, 1997, p. 25). De tal modo, a velhice só será honrada na medida em que se fizer valer dos seus direitos e não permitir que lhe roubem seu poder natural com cobranças descabidas e impróprias. O que determinará a continuidade da existência será a consciência de que o corpo envelhece, todavia, um espírito jovem perpetua uma boa vida.

Como terceiro agravante tido com frequência como parte da senilidade está a privação de alguns prazeres como o do sexo, da realização de certas atividades e de determinados devaneios que não mais cabem aos idosos. Entretanto, Cícero (1997, p. 39) acredita ser também mais um suposto problema, visto que “os velhos não sentem mais tão intensamente aquela espécie de cócegas que o prazer proporciona. É verdade, mas eles tampouco sentem falta disso. Não se sofre por ser privado daquilo de que não se tem saudades” com tanta intensidade. Há uma possibilidade de desvio de foco nessa nova etapa da vida. A esses prazeres e a tantos outros, a velhice não representa um obstáculo insuperável, pelo contrário, ela pode até convidar e encorajar a outros.

Após todas essas imposições senis, chega-se, talvez, ao ponto mais temido diante do envelhecimento: a aproximação da morte. Um fato incontestável. Não há dúvidas que parem sobre essa afirmação. Contudo, após ter vivido por tanto tempo (pois chegar à velhice tem se tornado uma dádiva para poucos), qual razão levaria o ser de terceira idade a não aprender a olhar a morte de cima?!!! Por que

temê-la, se nem ao certo é possível saber se haverá ou não felicidade após a sua concretização? Aliás, alguém pode estar seguro, até mesmo as crianças e os jovens, de que estarão vivos até o anoitecer?!!!

Diante dessas colocações de Cícero, só resta a cada sujeito alcançar a velhice para verificar, por si mesmo, a justeza de cada uma dessas palavras.

Logo, diante de todas essas colocações, cabe àqueles que cercam os idosos fazer esse momento ser tranqüilo ou apavorador. O que não pode ser admitido é que a sociedade negue aos seus velhos as mínimas condições de sobrevivência e provoque nos mesmos a vontade da abreviação da vida, por meio da morte que, na maioria das vezes, acontece precocemente em virtude das decepções, do abandono, das doenças e das decepções diante de um mundo moderno conturbado e apressado, que não pode mais atender aos apelos, aos desejos e às necessidades dos seus próprios velhos.

Portanto, conforme as colocações anteriores, a velhice não é uma fase de definição concluída. Ao contrário, configura-se um momento de muitas transformações, de perdas, de regressões e de novas vivências. Trata-se de uma verdade experienciável que transcende todo o universo de cada sujeito. Uma realidade inevitável, muitas vezes valorizada apenas por interesses políticos ou sociais, o que denota aos senis certa revolta por estarem vivendo esse momento. Cabe salientar que se trata de um período da existência diferente de tudo que já se viveu, que possui seu próprio equilíbrio (e desequilíbrio) e que deve deixar aberto ao indivíduo um grande leque de possibilidades, e não se configurar, simplesmente, como um momento de rupturas, de desligamentos e de transgressões contra si mesmo.

Para que a velhice não seja vista com olhos de repulsa, é necessário que a sociedade permita o mínimo de condições aos seus velhos, e faça que a paixão pela vida continue a existir nas pessoas idosas. É preciso dar aos senis condições para poderem “preparar” a sua velhice, não apenas proporcionando aos mesmos uma situação econômica tranqüila, mas, e principalmente, permitindo que seus dias sejam completos, que as suas ações estejam engajadas e que consigam enxergar razões que os levem a acreditar na significância da sua existência.

Fechar os olhos para a questão da velhice é, conforme Beauvoir, negar seu próprio destino e tentar fugir de um fato que diz respeito a todo ser

humano, independente de sua classe social, de sua raça, de seu credo ou de sua cor. Todos ficarão velhos.

Dessa forma, conforme disse Carlos Drummond de Andrade, “se procurar bem você acaba encontrando não a explicação duvidosa da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida”. Assim, há que se encontrar na velhice o verdadeiro sabor da “última gota do cálice”.

### **3.2 A VELHICE E A VIDA COTIDIANA: RETRATOS DA REALIDADE**

Sabe-se que a sociedade passa por transformações constantes e ininterruptas. O mundo, moderno, acelerado e capitalista, comandado por pessoas pouco preocupadas com os seus compatriotas, entrega os seus à própria sorte. E, nessa desenfreada busca pela sobrevivência diária, destaca-se aquele que consegue se manter em pé diante dessas mudanças. Qual a situação, então, do ser de terceira idade nesse contexto? Em que condições vivem os idosos na cotidianidade? Qual a real posição dos senis diante das adversidades diárias?

Enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era. Como consegue ele, no dia-a-dia, arranjar-se com uma tal situação? Que chances lhe deixa ela? Que defesas ele lhe opõe? Pode adaptar-se, e a que preço? (BEAUVOIR, 1990, p. 549).

Perante todas essas indagações, encontram-se os idosos, pessoas desprovidas de certas qualificações que não mais lhes são atribuídas em função das inúmeras transformações pelas quais passam ao longo do decorrer de seus dias. Quando diante das múltiplas facetas da vida cotidiana, de que forma o velho consegue se adaptar? Isso realmente acontece? A sociedade e o meio proporcionam condições de interação e de integração? O senescente consegue se defender na presença de todas essas mudanças, cobranças e imposições? Todo o seu esforço é recompensado? Até que ponto essa “luta pela sobrevivência” é válida? O idoso deve mesmo pelear pela sua aceitação na nova sociedade?

Segundo Beauvoir, a velhice deveria ser justamente o momento em que o indivíduo fica mais “aberto ao mundo” e menos preocupado com as cobranças impostas pela sociedade. Nesse período, o sujeito deveria ser dispensado das obrigações com o futuro para poder viver mais tranquilamente o tempo presente. Essa seria a época do *carpe diem*, o momento de se colher o que se plantou. Contudo, sabe-se que não é exatamente isso o que acontece. Num mundo extremamente capitalista, surge a primeira barreira a ser transposta: vale aquele que produz mais. Dessa forma, o velho, sendo visto como menos produtivo, vê sua substituição acontecer por aqueles que são considerados mais jovens. A desvalorização do idoso acontece de forma natural e iminente. Assim, a afirmação feita por Agrippa d’ Aubigné<sup>8</sup>, comentada por Simone de Beauvoir (1990) em *A Velhice* de que esta seria a “estação do uso, e não mais dos labores” acaba sendo falsa, pois,

a sociedade de hoje [...] só concede lazeres aos velhos tirando-lhes os meios materiais para aproveitá-los. Os que escapam à miséria e ao desconforto têm que administrar um corpo que se tornou frágil, predisposto à fadiga, freqüentemente deficiente ou tolhido por dores. Os prazeres imediatos lhes são interditados, ou avaramente dosados: o amor, a mesa, o álcool, o fumo, o esporte, a caminhada. Só os privilegiados podem compensar, em parte, essas frustrações: passear de carro em vez de caminhar, por exemplo (BEAUVOIR, 1990, p. 550).

E, mesmo esses ditos privilegiados não conseguem atingir totalmente a satisfação, pois se sentem em desvantagem diante de tantas limitações (naturais e impostas) que a idade e a sociedade lhes conferem. O tempo, juntamente com as arbitrariedades das circunstâncias, “tomam” algumas possibilidades do ser humano, daí a característica de se considerar que, à medida que a senilidade vai chegando, tudo vai se tornando mais difícil e mais passível das armadilhas da cotidianidade.

No contexto atual, a velhice acaba se transformando em algo incômodo, pois a presença dos senis coloca os demais sujeitos em confronto com a

---

<sup>8</sup> Escritor e poeta francês, nascido em 1552 e falecido em 1630, Théodore Agrippa d’ Aubigné foi condenado à morte quatro vezes, devido a sua ligação com os huguenotes (seguidores da doutrina de Calvino) e, em 1620, refugiou-se em Genebra, onde permaneceu até morrer. Destacam-se da sua obra o poema satírico *Tragiques* (publicado em 1616) e o seu romance, igualmente satírico, *Aventures du Baron de Foeneste*.

sua própria fragilidade e com a efemeridade da existência. Configura-se, nesse caso, um problema sério por constituir um fenômeno natural humano que, geralmente, é ignorado pelos indivíduos, que preferem não dispensar a sua atenção a esse tipo de preocupação.

Em uma sociedade ideal (por que não dizer, idealizada), onde todos pudessem ter condições de viver cada momento em sua plenitude, talvez a cobrança aos idosos fosse menos rigorosa. Como a realidade é bem diferente da idealização, para se manter uma ilusão de um “passado bem vivido”, acaba-se negando a memória dos velhos ou, até mesmo, manipulando-a.

Outra circunstância que ronda o dia-a-dia da contemporaneidade é a questão da gritante diferença de classe existente em nossa sociedade. Grande parte da população brasileira pertence a uma classe mais carente, menos provida financeiramente e trabalhadora, portanto, uma considerável parcela de pessoas envelhece mais cedo em função das ocorrências atribuídas pelo cotidiano a que são submetidas. Com isso, perdem, também, possibilidades de estudo. E, por mais que os idosos sejam considerados sábios em função do seu tempo de vida, ainda assim não são reconhecidos como pessoas cultas, pois, sem o acesso ao estudo, pouco lêem, ou, são analfabetos.

Até mesmo os velhos da chamada classe alta, considerados sábios em função do seu grau de instrução e de suas condições de acesso à cultura e ao estudo, tampouco podem ser considerados velhos em sua plenitude. Estes procuram sempre vestir-se bem, jovialmente, fazem academia, plástica e outras intervenções que têm o intuito de apresentar à sociedade pessoas velhas que não deixam transparecer em seu semblante que são realmente velhas.

A presença do “velho homem sábio”, aquele que conta as histórias vividas e presenciadas por ele, que narra com desenvoltura aquilo que o rodeia e que faz parte não somente de sua vida, mas também daqueles que o cercam, perde suas forças e acaba praticamente se extinguindo na sociedade atual. De acordo com Walter Benjamin,

quando se aproxima o fim, os cidadãos modernos são levados por seus herdeiros a sanatórios ou hospitais. Entretanto, é digno de observação que não apenas o conhecimento ou a sabedoria do indivíduo, mas principalmente a sua vida vivida – a matéria formadora das histórias – assume formas transmissíveis, especialmente notáveis no moribundo. Assim como no fim da vida

uma seqüência de imagens se põe em movimento no íntimo da pessoa – composta das suas opiniões acerca dos outros e de si mesmo –, cristaliza-se repentinamente em sua mímica e seus olhos aquilo que lhe é inesquecível, atribuindo a tudo que é do seu interesse aquela autoridade de que todos, mesmo os mais pobres diabos, dispõem na hora da morte, perante os vivos (BENJAMIN, 1975, p. 70-71).

Essa autoridade, essa capacidade de fazer-se ainda atuante no meio em que está inserido, de transmitir sabiamente os ensinamentos e as experiências que adquiriu ao longo da vida acaba sendo podada ao senescente que, muitas vezes, entrega-se às ilusões impostas pela sociedade. Além do mais, sentindo-se vencido em meio a tantas limitações, rende-se aos apelos do mercado e assume uma nova couraça, deixando de lado a sua posição de ser cultural, provido de uma sabedoria estabelecida no decorrer de toda uma vida, para assumir uma imagem que não a sua verdadeira: a de um homem modificado pelos sonhos dos ícones da nova cultura.

Dessa forma, o que se estabelece em algumas circunstâncias é a presença dos “sábios-sabidos-cultos” que não têm aparência de velhos, pois, conforme afirmou Beatriz Sarlo (1997), por ser o sujeito um ser livre, e por ter ele a oportunidade de ser cada vez mais livre, sente-se na condição de projetar o seu próprio corpo: “Hoje a cirurgia plástica, amanhã a genética, tornam ou tornaram reais todos os sonhos” (p. 25). Nesse contexto, a inconstante sociedade moderna busca compensar as suas próprias frustrações naquilo que determina para os que nela se encontram. E, nesse processo, estão também os idosos, que possibilitam ao mercado a exploração de seus anseios e de suas angústias:

Hoje, não existe um território onde o mercado, com sua imponente maré generalizadora, não esteja abrindo suas lojas. Sonham-se objetos que transformarão nossos corpos, e este é o sonho mais feliz e aterrorizante. O desejo, não tendo encontrado um só objeto que o satisfaça nem ao menos transitoriamente, encontrou na construção de objetos a partir do próprio corpo o *non plus ultra* onde se reúnem dois mitos: beleza e juventude. Numa corrida contra o tempo, o mercado propõe uma ficção consoladora: a velhice pode ser adiada e possivelmente – não agora, mas talvez em breve – para sempre vencida (SARLO, 1997, p. 31).

A primazia dos jovens acaba se tornando totalmente sustentável, pois a juventude deixa de ser apenas uma idade, uma fase da vida, para constituir-se “uma estética da vida moderna” (SARLO, 1997, p. 36). A infância praticamente desaparece, diante da precocidade da adolescência, e a primeira juventude acaba se estendendo até pouco mais dos trinta anos. De tal modo, a maior parte da vida se desenvolve debaixo dos caprichos e das circunstâncias que rondam a mocidade que, por sua vez, toma conta da situação e trata logo de impor a sua personalidade sobre as demais pessoas.

E o que denota de todas essas situações acaba sendo o sumiço, no dia-a-dia, da presença do ancião como um ser cultural. O velho sábio, aquele que inspirava conhecimento e sabedoria, desaparece da cotidianidade. Aos mais moços, sobra apenas o distanciamento de sua futura realidade, e o preconceito contra a velhice toma o lugar do respeito e da valorização: “O preconceito contra o velho no país é mais forte do que o preconceito racial: incorporado sem crítica, envolve toda a sociedade e é aceito pelas próprias pessoas de idade” (BARRETO, 1992, p. 24). E esse distanciamento torna-se mais forte na medida em que a juventude transforma-se no “lugar” em que todos os sujeitos querem estar e, no entanto, não são aceitos, porque “os ‘jovens’ expulsam desse território os impostores, que não cumprem as condições da idade e entram numa guerra geracional banalizada pela cosmética, a eternidade quinquenal das cirurgias estéticas e das terapias *new age*” (SARLO, 1997, p. 39).

Assim sendo, o mercado acaba criando uma farsa que toma conta da vida dos senis que se deixam levar por essas ofertas, visto que, ao lado da promessa de uma forma ideal de liberdade está, em contrapartida, a possibilidade de exclusão. E, em consonância com Walter Benjamin, pode-se assegurar que para essa geração que ainda usou o “bonde puxado por cavalos para ir à escola, encontrou-se sob céu aberto em uma paisagem em que nada continuava como fora antes, além das nuvens e debaixo delas, num campo magnético de correntes devastadoras e explosões, o pequenino e quebradiço corpo humano” (1975, p. 64), dificilmente essa adaptação acontecerá de forma convincente e satisfatória.

Certamente, diante de todas essas situações, pode ser afirmado que a idade cronológica é um fator que está intimamente ligado à condição do indivíduo no cotidiano em que ele atua. Não apenas como forma de se estabelecer a periodização da vida como instrumento na determinação da transição de uma etapa

para outra, mas, como um meio de se estabelecer uma instituição social está o curso da vida e o modo como cada um dos estágios pelos quais passa o sujeito influencia o processo de individualização que sofrem as pessoas na contemporaneidade.

Trata-se, aqui, de um artifício pertinente à modernidade: a individualização tem no curso da vida a sua dimensão principal: “Uma forma de vida, em que a idade cronológica era praticamente irrelevante, foi suplantada por outra, em que a idade é uma dimensão fundamental na organização social” (DEBERT, 1999, p. 50-51). Nesse contexto social, a idade determina a participação dos sujeitos em uma sociedade. Aos mais ativos, os jovens, os moços, aqueles capazes de dominarem todas as suas capacidades físicas e mentais, o mundo abrir-se-á em muitas possibilidades. Aos velhos, resta-lhes receber o que ainda lhes sobra como participação no cotidiano, mesmo que as possibilidades sejam restritas e limitadas:

Estágios da vida são claramente definidos e separados e a fronteira entre eles mais estritamente organizada pela idade cronológica. [...] A institucionalização crescente do curso da vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos (DEBERT, 1999, p. 51).

Em suma, essa padronização pode ser considerada como uma resposta às mudanças na economia e nas questões de valoração baseadas no mercado de trabalho que, vendo seus trabalhadores envelhecer e perderem o seu vigor, preocupou-se em estabelecer novos padrões de aceitação. De tal modo, as fases de transição entre uma etapa da vida e outra passaram a acontecer em meio a um momento de crise de identidade, ocasionando, mais uma vez, muitos dissabores a que são submetidos os velhos da sociedade moderna.

Nessas condições, os próprios idosos passam a questionar-se sobre a sua situação no contexto diário em que se encontram. Mesmo tendo sido protagonistas de um passado ativo e digno de boas lembranças, a realidade que os cerca acaba se transformando em algo que suprime tudo aquilo que já viveram: “Tudo toma, à medida que envelhecemos, o aspecto de uma lembrança, mesmo o presente. Consideramo-nos a nós mesmos como já passados” (BEAUVOIR, 1990, p.

551). As imposições da vida diária conseguem superar os acontecimentos passados, deixando aos velhos, como opção, tristezas e recordações. A esse respeito, Simone de Beauvoir cita em seu livro *A velhice* um depoimento nostálgico de Aragon<sup>9</sup> sobre esse sentimento de “frescor desaparecido do mundo” em *Lê Roman inachevé*:

Sinto-me sempre estranho entre os outros  
 Ouço mal, perco o interesse por tantas coisas,  
 O dia não mais tem para mim seus doces reflexos  
 cambiantes;  
 A primavera que retorna é sem metamorfose  
 Não me traz o peso dos lilases;  
 O perfume das rosas me faz crer que me recordo.  
 (apud BEAUVOIR, 1990, p. 551)

Sobrepõe-se, aqui, certa melancolia em função de não se encontrar mais razões para agir, quando são vedadas ao ser de terceira idade as antigas atividades a que antes tinha acesso.

Frente a um mundo atribulado, tumultuado e veloz, outras conseqüências da senescência, a ausência de curiosidade do idoso e o desinteresse por determinadas coisas, acabam sendo reforçados por seu estado biológico, que não mais lhe permite certas atuações. De alguma forma, toda essa “agitação” acaba causando fadiga quando é dispensada ao mundo qualquer atenção. Muitas vezes, o senescente não tem mais forças nem mesmo para afirmar os valores que, durante toda a sua vida, haviam dado sentido a sua existência. Quando tal fato acontece, torna-se preocupante a reação do homem idoso, que pode levá-lo a uma total inércia ou não, dependendo da sua condição intelectual e da sua própria condição na velhice: se ela é mais favorecida, se o senil tem interesses polivalentes, mais possibilidade terá de se readaptar a sua nova condição, mesmo que seja muito difícil renunciar àquilo que, um dia, foi o centro de suas atenções:

Se um velho fica amuado com seu tempo, não encontra nele nada que possa arrancá-lo de sua melancolia. Mas, mesmo que permaneça atento ao que o cerca, a ausência de objetivo torna sombria sua vida. [...] ‘A alma, não tendo mais objetivo, vítima por inteiro do lazer, entedia-se’ (BEAUVOIR, 1990, p. 564).

---

<sup>9</sup> Louis Aragon (Paris, 3 de outubro de 1897 - Paris, 4 de dezembro de 1982) foi um poeta e escritor francês. Em 1957 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz.

A “desrealização” é um sentimento que pode tomar conta dos velhos nesse momento. Dessa forma, alguns podem se entregar ao ostracismo e, de igual modo, à desilusão. Sentindo que algumas atividades diárias (às vezes, muitas delas) não mais têm necessidade da sua presença e da sua colaboração para o seu desenvolvimento, nada mais passa a interessar a essas pessoas que, percebendo que o mundo não mais os solicita, acabam sentindo-se em meio a um cenário totalmente inerte em que eles mesmos parecem não ter mais forças para reagir.

Ainda nesse cenário da cotidianidade, há aqueles que alcançam uma vida ativa por meio do trabalho, mesmo tendo consciência dos seus limites atuais. Alguns conseguem, ainda que diante de certo desencanto, reverter parte de toda a frustração gerada pelo próprio reconhecimento de seus limites. Há muitos que obtêm a superação conforme vão atingindo certa idade. Entretanto, ainda existem diversas pessoas idosas que apenas consideram as suas produções como uma realização a mais da sua obra, ou seja, exatamente aquilo que deveriam fazer, nada além do que o cumprimento daquilo que perpetraram a vida toda.

“Não é a morte que me desagrade, é a decadência” disse Ballanche<sup>10</sup>. Assim, mesmo quando superam seus limites e conseguem dar continuidade aos seus feitos, sentem-nos como uma realização incompleta. E a realização por meio dessas situações acaba tornando-se um fardo pesado e difícil de ser carregado:

Só que a indulgência da qual se beneficiam custa caro: desculpam-se, no detalhe, suas inferioridades, porque os velhos são considerados definitivamente inferiores; não têm mais nada a perder porque já perderam tudo. Estão livres de seus complexos de culpa: o preço que pagam por isso é que a maioria deles tem um amargo sentimento de decadência. [...] O fato é que, tanto biologicamente, quanto econômica e socialmente, sua situação degradou-se. [...] Um homem que tenha exercido um certo poder não se resigna a perdê-lo (BEAUVOIR, 1990, p. 566).

Mesmo em casos em que a situação parece favorável, o ser de terceira idade sofre por sentir-se diminuído. E, no mundo literário, isso não é

---

<sup>10</sup> Pierre-Simon Ballanche (Lion 1776 - 1847) foi um escritor e filósofo contra-revolucionário francês que elaborou uma teoria de progresso que teve considerável influência nos círculos literários franceses do começo do século XIX. O espetáculo da execução de 700 pessoas na fracassada revolta realista de 1793, em Lion, deixou uma profunda marca em sua concepção pessimista da vida.

diferente. Virginia Woolf, já aos 58 anos, escreveu em seu diário: “Detesto a dureza da velhice. Sinto-a chegar. Sinto-me ranger. Estou exasperada”. O descontentamento torna-se parte da vida do idoso, que, muitas vezes, vê esse sentimento transformar-se em revolta. Aliás, uma revolta vã, visto que podem até se mostrar resignados, no entanto, não antes de se entregarem às lamentações.

Por assim ser, grande parte das pessoas velhas mergulha na melancolia e, conseqüentemente, entrega-se à tristeza, evento que assombra a senilidade:

A tristeza das pessoas idosas não é provocada por um acontecimento, ou por circunstâncias singulares: ela se confunde com o enfado que as devora, com o amargo e humilhante sentimento de sua inutilidade, de sua solidão no seio de um mundo que lhes tem indiferença (BEAUVOIR, 1990, p. 568-569).

Por vezes, a decadência senil acontece no momento em que as pessoas enxergam, em seu dia-a-dia, a falta de condições de manter certa constância naquilo que fazem, que sentem ou que vivem. Não se trata, nesta situação, de fatores isolados. Trata-se de um emaranhado de situações que conferem aos idosos a consciência de sua legítima condição: a inutilidade e a solidão estão presentes em seu cotidiano, e funcionam como indicadores da indiferença que o mundo lhes impõe. Dessa forma, condenados à passividade, sentem-se diante de alguns perigos dos quais não conseguem se afastar e aos quais se entregam cada vez mais.

Mesmo quando algumas garantias lhes são asseguradas, os senescentes permanecem em atitude de defesa, pois têm a consciência de que o que norteia sua vida pode se desconfigurar a qualquer instante. E isso acontece, porque a confiança nos adultos já não existe mais. Nessa fase, o idoso conhece a “duplicidade” dos adultos. E, em presença das possíveis mudanças na atitude daqueles que o cercam, fica sempre na retaguarda, e estabelece reações que o colocam continuamente na condição de desconfiado diante do que lhe possa sobrevir, independente de quem o acolha, pois sabe que:

Os filhos, os amigos, os sobrinhos que o ajudam a viver – financeiramente, ou cuidando dele, ou hospedando-o – podem recusar-lhe essas ajudas, ou restringi-las; podem abandoná-lo, ou dispor dele contra sua vontade: obrigá-lo a mudar de residência, por exemplo, o que é um de seus terrores. [...] Teme que lhe façam favores em nome de uma moral convencional que não implica respeito nem afeição por ele; tratam-no – pensa – de acordo com os imperativos da opinião: esta última pode ser contornada, ou contar menos que certas comodidades. As desgraças que o velho teme – doença, deficiências, aumento do custo de vida – são tanto mais temíveis quanto suscetíveis de acarretar mudanças nefastas na conduta de outrem. Longe de esperar que seu irreversível declínio natural seja sustado ou compensado pelo comportamento de seus parentes, ele suspeita que estes últimos precipitarão o curso desse declínio [...] (BEAUVOIR, 1990, p. 570).

Uma das maiores preocupações do idoso é, portanto, a de que os seus o deixem à mercê das agruras diárias e, pior ainda, contribuam para que a sua velhice seja estabelecida mais rapidamente, e desprovida das mínimas condições para que esse momento seja vivido com decência e com dignidade.

Para se defender ou até mesmo fugir da precariedade que ronda sua situação, o senil entrega-se, muitas vezes, às atitudes defensivas. Uma delas, talvez a mais comum, seja refugiar-se nos hábitos. E o que é o hábito? Como ele se apresenta na velhice?

O hábito está intimamente ligado ao passado. É a própria representação desse momento. Trata-se de atitudes e de comportamentos que representam e que permitem a realização das ações diárias como andar, comer, divertir-se, etc. Na velhice, os hábitos colocam-se a serviço da rotina e se fazem presentes nas ações diárias. Daí constituírem parte do dia-a-dia das pessoas de terceira idade, que procuram naquilo que sempre realizaram um modelo para a concretização das ações que irão compor o contexto atual de sua vida.

A senilidade deixa o indivíduo inquieto diante da novidade. Torna-se bem mais seguro aderir àquilo que já conhece e que já faz parte do seu cotidiano. Insistir naquilo que é novo é o mesmo que se entregar ao desconhecido, por conseguinte, estar sujeito às frustrações e aos desencontros. Repousar sobre aquilo que já está confirmado é cômodo, ou seja, representa uma interação mais assegurada e desprovida de possíveis desencontros e desapontamentos. Quando o sujeito idoso se apega aos hábitos, poupa-se de adaptações árduas e consegue obter respostas antes mesmo das prováveis perguntas. Isso gera confiança e

conforto, pois não exige esforços impossíveis nem tampouco inúteis perante as situações.

Para o velho, o hábito bem integrado a sua vida enriquece os momentos e proporciona satisfação. Por meio dos hábitos, ele sabe quem é e, decisivamente, não esquece quem foi. O hábito protege o idoso de suas ansiedades e assegura-lhe que o amanhã repetirá o hoje. Assim sendo, permite que as suas memórias sejam resguardadas e retomadas a cada novo alvorecer:

Já que o hábito confere ao mundo uma certa qualidade, e ao desenrolar do tempo uma certa sedução, em qualquer idade perde-se alguma coisa quando se renuncia a um hábito. Mas quando somos jovens, não nos perdemos a nós mesmos porque é no futuro, na realização dos projetos, que situamos nosso ser. O velho teme a mudança porque, temendo não mais saber adaptar-se ao futuro, não vê nele uma abertura, mas apenas uma ruptura com o passado. Como não faz nada, identifica-se com o quadro e o ritmo de sua vida anterior: sair dela é separar-se do seu próprio ser (BEAUVOIR, 1990, p. 574).

O único perigo em se valorizar tanto e permitir incondicionalmente a sustentação dos hábitos para os idosos reside no fato de os mesmos estarem diretamente ligados aos sentimentos. Quando diante de situações não mais possíveis de serem realizadas, alguns podem se entregar ao desânimo ou até mesmo a outros sentimentos como a avareza, por se sentirem ameaçados e desprovidos de condições de se salvaguardarem das imposições diárias.

Para que não se instale um sentimento total de decadência e de desconfiança no idoso, as relações familiares devem constituir um norte para o mesmo. As ligações afetivas com os filhos e, principalmente, com os netos devem ser uma constante no dia-a-dia senil. É por meio da instituição familiar, especialmente no tocante aos netos, que muitas satisfações passam a existir no contexto da velhice. Ainda que se transformem em pessoas mais egoístas e egocêntricas que as demais, quando na presença, sobretudo, dos filhos de seus filhos, os senescentes transcendem alguns de seus problemas e acabam cedendo aos sentimentos nutridos pelos mesmos, que, em sua maioria, são retribuídos.

Analisando todos os pontos até então levantados acerca da velhice, pode-se, de imediato, descartar a idéia de que constitui uma realidade irrefutável o fato de se considerar o período da senilidade como um momento em que se atinge a

serenidade. O desejo de ponderar com otimismo a condição humana gerou, por necessidade própria, a ilusão de que, ao chegar à velhice, os sujeitos atingem certa maturidade e dela conseguem desfrutar, considerando o fim da vida como o momento em que a resolução de todos os conflitos acontece. Todavia, essa possível solução nada mais é que uma “ilusão cômoda”, que permite aos responsáveis pelos senis pensar que eles são felizes, que estão realizados por terem atingido essa fase e, dessa forma, abandoná-los à própria sorte sem que a consciência lhes cobre uma reação diferente.

Para que a velhice não se transforme em uma “irrisória paródia de nossa existência anterior”, para que não seja essa etapa apenas motivo de lamentações, ainda há uma saída: é necessário que as pessoas procurem dar sentido a sua vida, buscando, além da dedicação aos outros indivíduos, o envolvimento em causas e trabalhos que propiciem o desenvolvimento social, político, intelectual e criador de cada um, para que, no futuro, “paixões fortes” estabeleçam o ritmo e evitem a necessidade do retorno constante ao passado:

Mais vale não pensar demais na velhice, mas viver uma vida de homem bastante engajada, bastante justificada, para que se continue a aderir a ela, mesmo quando já se perderam todas as ilusões e quando já arrefeceu o ardor vital (BEAUVOIR, 1990, p. 662).

Dessa maneira, as singularidades da vivência dos velhos consolidam-se não apenas no universo comum à velhice. Remetem, diretamente, ao universo social como um todo. Atingem toda uma sociedade que, perplexa (no entanto inerte) perante as atuações dos seus, encontra-se em conflito:

[...] o velho em nossa sociedade é o descartável que não pode ser descartado, porque humano. Ao mesmo tempo, denuncia, com sua presença, que ele é o humano que durante toda sua vida foi desumanizado na sociedade do descartável. O velho denuncia o que o jovem canta: ‘O que foi escondido é o que se escondeu / E o que foi prometido, ninguém prometeu’ (‘Tempo perdido’, de Renato Russo, no LP *Legião Urbana*, 1986) (BARRETO, 1992, p. 9).

Conclui-se, por fim, que é preciso romper com o silêncio em torno da velhice e permitir aos idosos que alcancem os seus últimos dias de forma digna. É

necessário compreender que o medo da solidão, da perda da beleza e do vigor é vivido de formas diferentes, conforme maior ou menor a facilidade com que os indivíduos consideram possível vencer a exclusão social de que a velhice é vítima. Num país que se acredita ainda jovem, vale lembrar que, mais que uma condição natural, a velhice compreende uma realidade inegável e intransferível, portanto, um destino a ser enfrentado por todos.

## 4 LEITURA DAS CRÔNICAS: O OBJETO EM ESTUDO

*É preciso, segundo penso, ser sempre muito prático e concreto, não sonhar com os olhos abertos, colocar-se diante de fins discretos, atingíveis; é preciso, então, ter uma perfeita consciência dos próprios limites, mesmo quando se queira alargá-los e aprofundá-los.*

(Gramsci)

### 4.1 OS VELHOS E OS NOVOS TEMPOS

Quando as mudanças históricas se aceleram e a vida cotidiana sofre modificações, tudo que se configura nesse espaço tem de se adequar à nova realidade. O estabelecimento de uma série de rupturas, de novas associações nas relações entre os homens e na relação dos homens com o meio e com a natureza gera uma nova perspectiva por parte de todos os envolvidos nesse processo de transformações e de adaptações.

Todo sentimento de continuidade praticamente é arrancado da vida dos sujeitos. Aos velhos, então, a sensação de que o amanhã não lhes pertence mais se torna muito acentuada. Tudo que foi construído perde, de certa forma, a sua altivez inicial, para permitir à sociedade ganhar novas forças naquilo que é inovador, impactante e transformador, mesmo que isso acarrete aos idosos perdas insuperáveis dentro das renovadas sociedades.

Sobre a velhice e os novos tempos, Simone de Beauvoir comenta em sua obra *A velhice* (1970):

As árvores que o velho planta serão abatidas. Quase em toda parte a célula familiar explodiu. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios ou se deslocam. O filho não recomeçará o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio será liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo (apud BOSI, 1998, p. 77).

Em meio à velocidade de uma sociedade altamente informatizada, deliberadamente modernizada e, no entanto, matizada nas relações entre os indivíduos, a afinidade com os senescentes passa a ser pautada pela falta de reciprocidade: não se discute mais com os velhos, não há mais o confronto das opiniões com as deles e nega-se aos mesmos a oportunidade de desenvolvimento daquilo que deveria ser intrínseco a todas as pessoas: o desenvolvimento da alteridade, o direito à contradição, os afrontamentos e até mesmo o estabelecimento dos conflitos.

Nesse novo contexto social, resta aos senis a perplexidade e a busca de se manter o mínimo de dignidade, mesmo que diante de novas tendências e de particularidades impraticáveis em determinadas situações. Perante as adversidades do dia-a-dia, aceitação e repulsa acabam se tornando as palavras de ordem.

#### **4.1.1 “Falso Mar, Falso Mundo” (05-11-1994)**

O século XX, assim como o início do século XXI, é marcado pelo montante de mudanças ocorridas e pela velocidade das descobertas e das inovações. Os avanços tecnológicos, juntamente com o desenvolvimento da comunicação, cada vez mais veloz e ágil, deram ao homem moderno um novo perfil, muitas vezes, não tão bem assimilado como deveria ser pelos maiores envolvidos nessas transformações. Com o grande progresso tecnológico e comunicativo, a população se viu diante de novas tendências, de novas situações, de novas perspectivas e, conseqüentemente, de uma nova realidade. Realidade esta, causadora de certos questionamentos e de determinadas discussões.

Tais acontecimentos acabaram provocando o surgimento de uma sociedade “repaginada”, ocasionando a aproximação de pessoas, mas também, por muitas vezes, isolando outras muito próximas e até mesmo parecidas em seus hábitos e suas atitudes, que foram sendo modificados e transformados. Alguns tiveram de se esforçar para se adequar a essa nova realidade e se sentirem inseridos nessa sociedade modificada com a qual se depararam.

E, nesse contexto, encontra-se parte da obra de Rachel de Queiroz que, nos últimos anos de sua produção, presenteou seu público leitor com toda a sua visão a respeito dessas transformações. Diante de sua idade avançada, conforme ela mesma dizia, e incomodada com a condição dos velhos nesse novo e atribulado mundo, a autora consegue demonstrar toda a sua perturbação em algumas de suas crônicas, pois, conforme afirmou Davi Arrigucci Jr. (2001), o gênero em questão tem a capacidade de tratar dos mais diversos temas, preferencialmente, daqueles que levam em consideração os aspectos da vida moderna.

“O mundo anda cada vez mais complicado [...]”. Assim, Rachel inicia a crônica “Falso mar, falso mundo”, inserida no livro de mesmo nome, lançado no ano de 2002. Último livro da autora, essa obra apresenta a reunião de oitenta e nove crônicas, produzidas entre o período de 1983 até 2000, carregadas das impressões de uma mulher perplexa diante de todas as transformações, diante do progresso e das degradações sofridas pelo mundo e pela sociedade ao longo do século XX. Atenta observadora da realidade que a cerca, nada lhe passa despercebido e, com sinceridade, retrata, nessa coletânea de crônicas, sua visão sobre o cotidiano e sobre o atordoamento em que se encontra o homem, especialmente o velho, personagem que vive totalmente à mercê das transformações do mundo.

Para apresentar todo o seu espanto frente a esse “novo mundo” e a situação dos idosos nesse contexto, Raquel utiliza-se da crônica, gênero literário, segundo Eduardo Portella, totalmente matizado, “a ponto de se ter ajustado à trama existencial complexa da sociedade de massa. Porque a crônica hoje se enriqueceu desta nova função: é elemento de contato entre a ânsia quantitativa da massa e a necessidade de evitar-se o desnível qualitativo da informação” (1986, p. 27). Sendo o cronista o “prosador do cotidiano”, seu texto é motivado pelos próprios acontecimentos diários e acaba por invadir o dia-a-dia do leitor, ainda mais na situação em que se encontra o sujeito, desprovido de qualquer couraça e “perdido” no tumulto da vida contemporânea.

Segundo a escritora, a primeira complicação enfrentada pelos senis na contemporaneidade é a “massificação da vida cotidiana”. Vive-se, hoje, em um mundo em que as pessoas deixam de ter uma identidade sólida e passam a ter uma identidade confusa e distorcida. Os indivíduos parecem ser os resultados de um único processo, em que a massificação acaba apagando as características que tornariam cada sujeito um ser autêntico e singular. E, para o senescente, indivíduo

desprovido de certas defesas, isso acontece de forma mais rápida e aparente. No texto em questão, Raquel de Queiroz inicia suas colocações relatando uma experiência própria vivida nesse “novo cotidiano”:

Há uns vinte anos, Oyama e eu nos hospedamos num hotel americano que tinha vinte e cinco andares; o nosso quarto ficava no segundo andar, e cada andar era cópia fiel do outro, superpostos corredor sobre corredor, quarto sobre quarto. E, de noite, eu não conseguia dormir, pensando que, por cima de nós, empilhados em montes, estavam vinte e três quartos iguais, e as camas iguais, uma sobre a outra. E em cada cama um casal dormindo, roncando, brigando. E se de repente o hotel afundasse, os assoalhos afundassem... Lembrei aí que, embaixo de nós tinha um quarto igual, outro casal na cama; e a impressão era desagradabilíssima, não sei se me entendem, aquela espécie de promiscuidade invisível mas concreta, cada casal na sua alcova, como aqueles montes de caixas de ovos nas prateleiras dos supermercados (QUEIROZ, 2002, p. 47).

Essa vivência da cronista vem confirmar a posição de Stuart Hall diante da composição do sujeito dito pós-moderno que, conforme o autor, “tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas [...]” (1999, p. 46), mas que vive em um mundo que o trata como igual, que não quer ter trabalho em adequar as circunstâncias as suas pretensões e parece não perceber (ou não aceitar) que cada um é diferente e, como tal, deve ser tratado. E a escritora deixa sua posição bastante clara em relação ao assunto quando compara os indivíduos a “montes de caixas de ovos nas prateleiras”: todos são semelhantes, agora, mas confusos frente a sua situação, pois estão desprovidos de uma identidade própria, legítima e singular.

Quando diante de um prédio com apartamentos totalmente idênticos, a autora se sente angustiada por pensar que muitas outras pessoas estariam vivendo as mesmas situações que ela naquele exato momento. É como se a particularidade de cada um fosse invadida por uma nova tensão, uma mesmice que desfigura e confunde os indivíduos. Aos velhos, por já terem perdido muitas das suas características, sobra apenas a confusão total ante o tumulto dessa massificação desenfreada.

A cronista segue falando de uma viagem de avião, coisa que detesta fazer, mas, rende-se aos avanços e adere à tecnologia. O medo do vôo não a

impede de seguir em tal investida, afinal, hoje em dia, entre os meios de transporte, os aviões são os mais *rápidos, velozes e modernos* em que se pode pensar, configurando mais uma característica da inovada sociedade. Como fugir disso então?! E, no meio de todo o medo, um garoto de apenas doze anos, com explicações científicas e tecnológicas a respeito do assunto, tenta acalmar a inquieta senhora e o restante dos passageiros:

Um menino que estudava ciências me explicou que o vôo dos aviões a jato era comandado pelas leis da balística: o motor funciona como uma pistola automática que constantemente estivesse disparando. O vôo é mantido pela explosão contínua do jato, como a bala é impulsionada pela explosão da pólvora. O avião não pode cair enquanto o jato estiver mandando o seu impulso. (Estaria o menino certo? Tinha só doze anos!) Mas, de qualquer forma, me senti segura e tranqüilizei os medrosos [...] (QUEIROZ, 2002, p. 48).

E aqui, frente a mais uma experiência da extasiada cronista, percebemos, assim como Fredric Jameson, que mais um elemento constitutivo do pós-modernismo se faz presente na escrita e nas experiências de Raquel de Queiroz: as relações com as tecnologias, tanto por parte da narradora, que fala dos seus anseios diante de tantas inovações, quanto do pequeno menino que, no alto dos seus doze anos, domina tamanho conhecimento. O que atormenta o eu do cronista, nesse momento, não é apenas o seu medo de voar, mas, estar à mercê de uma tecnologia que, construída por homens em constantes transformações e questionamentos (e por que não dizer confusos em relação a sua própria existência), possa não ser tão segura em suas realizações.

Entretanto, o que mais escandaliza a escritora em “Falso mar, falso mundo”, vem logo a seguir, por meio da tevê, um meio de comunicação de massa que tem a função de “informar” e de colocar o ser humano cara a cara com os constantes movimentos do mundo e da sociedade, e que, muitas vezes, acompanha o ser de terceira idade como sua única forma de entretenimento. Mas que, na atualidade, tem chocado os seus espectadores com os caminhos que tem tomado. É a televisão que apresenta, como forma de refúgio, um mundo marcado pela violência, pelas transformações, pela perda de sentido, pelos apagamentos das referências e, de acordo com Martín Barbero (2001), um “permanente simulacro”. Esse aparelho funciona como um importante veículo da modernidade às massas. E,

ainda, de acordo com as idéias de Luiz Beltrão e Newton Quirino (1986), os meios de comunicação envolvem a sociedade dentro de uma *realidade substituta*, que quer transmitir aos seus telespectadores a realidade arquitetada por seus idealizadores:

[...] os novos meios trouxeram para dentro de nossos lares uma 'realidade' exterior, um 'mundo' fabricado industrialmente, padronizado, que liquidou ou ameaça extinguir aquela construção gradual e privada do homem das anteriores centúrias. [...] A *minha* realidade foi substituída pela *realidade*, ou melhor ainda, pela realidade *deles*, os controladores dos meios de comunicação de massa (p. 119).

Perante essa realidade, Raquel de Queiroz se mostra estarecida quando se depara com uma reportagem exibida pelo Fantástico<sup>11</sup>, intitulada *Mar Artificial*. E, mesmo considerando a situação, o lugar, o preço e o objetivo de tal empreitada algo além do normal, a narradora afirma que muitas pessoas aderem ao apelo desse novo (e manipulado) mundo criado pelos japoneses: crianças, jovens, adultos e velhos, todos se rendem aos apelos da cotidianidade:

Mas nesta semana vi na TV uma reportagem que me horrorizou como prova de que, a cada dia, mais renunciamos às nossas prerrogativas de seres vivos e nos tornamos robotizados. Foi a 'Praia Artificial' no Japão (logo no Japão, arquipélago penetrado e cercado de mar por todos os lados!). É um galpão imenso, maior do que qualquer aeroporto, coberto por uma espécie de cúpula oblonga, de plástico. E filas à entrada, lá dentro de um guichê, o pessoal paga a entrada, que é cara, e some. Deve entrar no vestiário, ou antes, no despiário, pois surgem já sem roupa, convenientemente seminus, como se faz na praia. Pois que debaixo daquele imenso teto de plástico está um mar, com a sua praia. Mar que, na tela, aparece bem azul com ondas de verdade, coroadas de espuma branca; ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens atletas surfam e rebolam. E um falso sol, de luz e calor graduáveis; e a praia é de areia composta por pedrinhas de mármore, a cujo contato algumas moças de biquíni se queixavam de que doía um pouco. 'Mas valia a pena' (QUEIROZ, 2002, p. 48-49).

A posição da cronista é de espanto diante de tal situação: justo no Japão, local onde o mar está presente em todos os lugares, uma praia falsa, uma

---

<sup>11</sup> Influente programa televisivo da Rede Globo de Televisão, que funciona como uma revista eletrônica semanal, levando ao público informações sobre o Brasil e sobre o mundo.

simulação de sol, de bronzeamento e tudo mais que se possa relacionar a esse tipo de atividade. Pessoas mostram-se condescendentes com um falso mar na “terra das águas”. E a autora questiona a diferença entre o falso e o verdadeiro: por que a praia artificial se há, naquele lugar, o mar de verdade? E ainda, por que o velho, aquele que já enfrentou tantas situações, deixa-se levar por essas novas ludibriações contemporâneas, quando pode aceitar que o seu fim está próximo e que já viveu e viu o suficiente por uma vida toda?

O que parece haver aqui é o que afirma Baudrillard em *A precessão dos simulacros* (1991, p. 16): um “mundo inteiramente recenseado, analisado, depois *ressuscitado artificialmente* sob as espécies do real, num mundo da simulação, da alucinação da verdade, da chantagem com o real [...]”. É como se houvesse a necessidade de se preservar o original e expor a réplica. Mas, por quê? E aqui entra a preocupação maior do eu do cronista:

A única presença viva, destacando-se no elenco de bonecos, era a nossa querida, bela e intrépida repórter Glória Maria, apresentadora do espetáculo ‘Mar artificial’. Já se viu? Se fosse uma honesta piscina de água morna, tudo bem. Mas fingir as ondas, falsificar um sol bronzeando, de trinta e cinco graus, e toda aquela gente se deitando com a simulação e depois voltando para a rua vestida nos seus casacos! Me deu pena, horror, sei lá (QUEIROZ, 2002, p. 49).

Para ela, todos pareciam bonecos ou robôs em meio a uma situação criada, uma imitação de algo real. Dessa forma, é fácil perceber a preocupação da escritora de que, nessa era da simulação, os referenciais sejam perdidos e, conforme Jameson, que a lógica do simulacro, o disfarce, acabe se tornando uma espécie de realidade paralela que reforce toda a inconstância do sujeito pós-moderno. Seria essa situação uma forma de colocar a população do Japão dentro de um mundo criado para “esconder” que o próprio Japão já é algo que não está mais no domínio do real? De acordo com Baudrillard, “já não se trata de uma representação falsa da realidade (a ideologia), trata-se de esconder que o real já não é o real e, portanto, de salvaguardar o princípio da realidade” (1991, p. 21). E, ao idoso, sujeito perdido em suas frustrações, suas perdas e suas restrições, cabe a interação com essa simulação para ofuscar uma hipocrisia ainda maior, a de sentir-se ainda vivo e atuante nas ações cotidianas.

Independente das respostas a essas questões, a posição da autora frente a esse e a todos os outros acontecimentos expostos na crônica “Falso mar, falso mundo” é a de perplexidade: perplexidade diante de uma massificação desenfreada e sem escrúpulos, atendendo apenas aos objetivos daqueles que se propõem a “dominar” e a comandar a nova sociedade; perplexidade frente a tantos avanços e a tantas revoluções tecnológicas que estão aparecendo e entrando na vida dos indivíduos sem pedir licença; e, principalmente, diante de uma simulação (segundo a autora, desnecessária) que está confirmando a situação do novo sujeito: aquele que vive em constantes conflitos, que quase nunca consegue resolver os seus próprios problemas e que não tem mais uma identidade definida, vive em um mundo desorientado e reformulado buscando a identidade adequada para cada acontecimento e/ou para cada situação: “Aquilo não pode deixar de ser pecado. Falsificar com tanta imprudência as criações da natureza e pra quê?” (QUEIROZ, 2002, p. 49). Por que expor quem já passou por tantas circunstâncias a mais uma irrealdade, a mais uma tentativa de substituição para as muitas perdas diárias?

Dessa forma, Rachel nos apresenta, por meio de suas experiências e de sua escrita, a confirmação da existência de um sujeito cuja identidade fragmentada remete a literatura brasileira contemporânea a uma nova perspectiva. E a crônica, conforme Davi Arrigucci Jr., torna-se o veículo ideal para a exposição de fatos como os aqui abordados pela autora. É relevante que tais assuntos sejam abordados nesse gênero literário, porque

A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. [...] ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos [...] (ARRIGUCCI, 2001, p. 53).

Aberta às situações, as mais diversas possíveis, que surgem, talvez, como respostas alternativas da modernidade ou, ainda, para reforçar a posição de que essa nova literatura permite a coexistência de traços muito diferentes e marcantes, a autora deixa transparecer sua indignação como uma pessoa velha que

se considera inserida em todas essas ocorrências: o medo de que, em meio a tantas transformações, os indivíduos deixem de ser seres animados e passem a ser considerados, meramente, bonecos comandados por um novo ponto de vista alterado e distorcido. E deixem de ser sujeitos ativos para aceitar, com passividade, as novas imposições sociais, especialmente os idosos, aqueles a quem a sociedade rouba possíveis condições e insiste em deixar à marginalidade, nesse caso, totalmente aturdidos e desorientados diante dos novos tempos.

#### **4.1.2 “De Armas na Mão pela Liberdade” (18-11-1995)**

Se o cotidiano se inventa de mil maneiras, também o homem deve preparar-se para enfrentar as mil faces do dia-a-dia. Diante das práticas diárias, as reações podem ser as mais diversas possíveis. É por meio das realizações corriqueiras que as personagens são construídas e desvendadas em cada contexto em que estão inseridas. Quer seja de forma ativa ou de forma passiva, há sempre uma ação e uma reação diante das ocorrências, pois os “novos tempos” nem sempre acolhem de forma satisfatória e aprazível aqueles que são os maiores envolvidos no seu desenrolar, ou seja, cada indivíduo que se encontra submerso na cotidianidade.

Para representar esse desenvolver das práticas diárias, a utilização do gênero crônica torna-se relevante, visto que o cronista tem a possibilidade de, a respeito da matéria do cotidiano, interpretá-la para si mesmo e, respectivamente, para os seus leitores, possibilitando, assim, uma leitura do real. Dessa forma, Rachel consegue imprimir no texto em estudo um comentário subjetivo a respeito do fato abordado por ela, e tenta repassar ao seu público leitor a sua impressão a respeito do ocorrido. Ela, uma velha escritora, ainda se choca com as adversidades enfrentadas pelas pessoas idosas.

Dar sentido ao mundo e ao lugar dos indivíduos, no caso, dos velhos, nesse mundo, é uma prática social estimulada, principalmente, nas relações que compõem o nosso cotidiano. Assim, quando diante de uma sociedade atribulada e perpassada por inúmeras, contraditórias e incansáveis inovações e indeterminações, percebe-se a fragilidade do idoso nesse inevitável processo, uma

vez que, de acordo com Berger e Luckmann (2001, p. 38), “a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, construída por uma ordem de objetos que foram designados por objetos antes de minha entrada em cena [da entrada de cada indivíduo em cena]”. Dessa forma, aos velhos, cabem apenas a sobrevivência e a tentativa de uma adaptação a essa outra realidade.

Na crônica “De armas na mão pela liberdade”, texto também encontrado no livro *Falso mar, falso mundo*, Rachel de Queiroz coloca seu público leitor frente a frente com uma personagem representada por uma senhora de noventa anos totalmente desestabilizada perante as atrocidades dos novos tempos: uma idosa à beira de uma loucura em função da situação em que se encontra nesse momento de sua vida.

A autora, incansável defensora da idéia de que a velhice não constitui algo bom e, muito menos, apropriado a qualquer pessoa, dá amostras de sua ranzinze, de seu descontentamento em relação a essa situação, e inicia o seu texto mostrando, mais uma vez, a sua perplexidade diante de um fato verídico: “Não estou inventando: saiu no jornal: ‘Em Porto Alegre, senhora de 90 anos (90, sim) arma-se com dois (dois!) revólveres e abre caminho para a rua, garantindo o seu direito de ir e vir” (QUEIROZ, 2002, p. 115). De armas em punho, a protagonista da história em questão decide reivindicar um direito seu que deveria ser respeitado. No entanto, por se sentir lesada, resolve agir com as “armas” que possui.

Frente a esse melindre social da atualidade, o de, em algumas situações, não se permitir aos velhos a liberdade de transitar pelos ambientes sem a companhia de alguém que os esteja vigiando, a senhora apresentada por Rachel se mostra consciente e preparada, mesmo que de forma inadequada, a fazer valer os seus direitos: “os revólveres, no caso, eram dois trinta-e-oito. Ou, como se diz na gíria, dois trezoiões. E tinham bala dentro, e a idosa dona, pelo jeito com que os empunhava, mostrava que sabia atirar” (QUEIROZ, 2002, p. 115).

Trata-se de uma anciã que vive no porão de uma “casa de idosos”. Por receber apenas uma pensão de dois salários mínimos, não consegue pagar a mensalidade de um quarto normal, portanto, tem de adaptar-se a essa condição imposta pelo meio em que vive, sujeitando-se a coabitar um espaço *escuro e sem janelas*, a um preço *módico*, único valor que a intrépida senhora tem condições de quitar. Não possuindo outra fonte de renda, a aceitação das adversidades torna-se praticamente inevitável: “Uma das características marcantes da população idosa no

Brasil é o baixo poder aquisitivo. Aposentadorias e pensões constituem sua principal fonte de rendimentos” (CHAIMOWICZ, 1998, p. 65). Desse modo, à incansável protagonista, resta, apenas, amoldar-se às intempéries cotidianas a que é submetida constantemente por parte daqueles que a rodeiam.

No entanto, adaptar-se não significa, necessariamente, concordar com todas as imposições que lhe são conferidas. Se nos dias atuais, a sociedade, hipócrita por conveniência, insiste em não permitir aos seus velhos a liberdade de transitar livremente, sem a tutela de outros, por onde quer que seja, não resta ao senescente outra saída se não a de “lutar” por esse direito. De todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável diz respeito ao envelhecimento da população. Todavia, parece ser difícil admitir que tal fato aconteça para todos. Daí a prepotência por parte de determinadas pessoas em insistir em tirar dos senis a simples possibilidade de ir e de vir em um ambiente antes por eles vivenciado, modificado e reconhecido.

Segundo Simone de Beauvoir, quanto mais opulenta é uma sociedade, mais ela recusa aos seus velhos deleitar-se com a abundância dos frutos que os mesmos ajudaram a plantar. Durante a colheita, apenas uma “sobrevivência bruta” lhes é concedida. Na grande maioria das vezes, quando destinado a viver em pensões ou asilos, o idoso é

[...] vítima das pressões às quais é submetido. O regulamento é muito rigoroso, as rotinas rígidas; levanta-se cedo, deita-se cedo. Separado de seu passado, de seu ambiente, muitas vezes vestido com um uniforme, o velho perdeu toda a sua personalidade, não passa de um número. Em geral, as visitas são autorizadas todos os dias, e a família vem vê-lo de tempos em tempos: isso ocorre raramente, e, em certos casos, nunca há visitas. [...] Em geral, as saídas não são livres [...] o pensionista tem direito a uma tarde por semana. Ele não sabe o que fazer de seus dias (BEAUVOIR, 1990, p. 317-318).

No caso da protagonista da crônica “De armas na mão pela liberdade”, é exatamente isso que acontece, apesar de viver em um ambiente totalmente precário, extremamente quente no verão, e demasiadamente frio no inverno, a diretoria do lugar não lhe permite sair. A ela são negadas as mínimas condições de interação e de socialização. E tal ocorrência pode ser confirmada na voz da extasiada Rachel que, prontamente, sente-se tão injustiçada quanto a

corajosa senhora de noventa anos e acaba deixando transparecer toda a sua indignação diante do sucedido e das conseqüências de se chegar a essa fase da vida e de esbarrar nas restrições impostas:

[...] a direção a proibia de sair, receando que, assim idosa, ela se perdesse na rua, sofresse algum acidente ou assalto. Na mentalidade da maioria das pessoas, velho é pra viver preso, na casa, no quarto; o ideal é uma cadeira de rodas, mas nem sempre a conseguem. E o infeliz do idoso quase nunca pode se defender da solicitude dos mais moços, filhos, parentes, guardiões; ‘Não coma esse doce, olha o diabetes!’ (como se o doce fosse arsênico). ‘Cuidado, não vá tropeçar!’ ‘Calma, segure bem no corrimão!’ ‘Olha o buraco na calçada, veja onde está pisando!’ E os mais solícitos ou mais medrosos nos seguram com tanta força o braço que até parecem estar carregando às grades um preso renitente (QUEIROZ, 2002, p. 116).

Uma vez incorporadas as transgressões, o eu do cronista deixa transparecer toda a sua indignação frente às imposições desencadeadas no dia-a-dia da nobre anciã. É como se estivesse presenciando aquilo que poderia ser parte de sua própria vivência. Desencadeada a memória e a percepção do presente, as experiências corriqueiras do passado chocam-se com as impossibilidades estabelecidas pelos novos tempos, abrindo espaço a um saudosismo e, igualmente, a certa revolta diante da obscuridade que permeia os dias do ser de terceira idade: “Imagine o grau de indignação, de constrangimento, de ‘cólera que espuma’, como dizia o soneto, que sufocava o coração da nossa heroína. A vontade louca de ver o céu, luz, rua, pessoas desconhecidas, e não as caras severas dos seus guardiões” (QUEIROZ, 2002, p. 116).

Como mais uma característica do mundo moderno e parte das particularidades da contemporaneidade, surge, também, na crônica estudada, a questão da solidão, sentimento, muitas vezes, inerente aos indivíduos, especialmente aos de idade mais avançada, contudo, geralmente reforçado pela sociedade. Quando o ancião tem um companheiro para dividir os últimos momentos de sua vida, todas as improbidades dessa fase são superadas de uma maneira menos agressiva. De diferente modo, se a velhice é vivida sem a possibilidade do compartilhamento das últimas sensações e dos últimos instantes, mais difícil ainda se torna encarar a sucessão de acontecimentos que norteiam essa etapa.

Se por um lado a ambigüidade das relações entre os velhos não lhes proporciona experiências agradáveis, visto que permite que os mesmos enxerguem no companheiro um espelho, no qual é possível perceber os sinais da senilidade, por outro, os mesmos “têm prazer em estar juntos, na medida em que têm lembranças e uma mentalidade comum” (BEAUVOIR, 1990, p. 578). Assim sendo, a solidão em função da não presença de um consorte para dividir as felicidades e os devaneios derradeiros provoca sensações marcantes de tristeza e de abandono, desestabilizando mais ainda o já conturbado mundo senil.

De acordo com Flávio Chaimowickz (1998), na sociedade moderna, a presença do cônjuge é muito importante para a segurança e a estabilidade financeira, afetiva e emocional dos idosos. Ainda sob as perspectivas do estudioso, são as mulheres velhas que mais sofrem na presença dessa situação. Na crônica em questão, a personagem principal vivencia essa condição:

No jornal de Porto Alegre diz-se que ela é solteira, ou ‘inupta’ (a que não convolou núpcias), segundo a fórmula legal. Fadada a viver sozinha, na sua solidão, sem nem ter a companhia de outros velhos, de um companheiro ao seu lado, que lhe fizesse massagens contra reumatismo, com quem dividisse a surdez, as deficiências visuais; ou viúva que fosse, tivesse do companheiro as perenes lembranças de uma vida comum, até mesmo lembranças de amor (QUEIROZ, 2002, p. 116).

No caso da audaciosa senhora de noventa anos, essa é mais uma de suas realidades. Não ter contraído núpcias torna-a mais solitária ainda frente ao isolamento já imposto pelo meio em que vive, em função da sua idade. A velhice em si já se configura um momento de perdas e de separações. Para a protagonista, isso se torna mais acirrado, pois, além de lutar contra o medo do silêncio, da escuridão, dos barulhos e das luzes que a cercam no porão em que vive (situações que se confundem e que confundem os idosos), sendo “velada” por guardiões praticamente alheios e indiferentes ao que corresponde a sua realidade, cabe, também, a desilusão por se encontrar totalmente só, sem nem mesmo a presença de um parceiro.

Certamente a protagonista vive oprimida, quando não, aturdida, pela sensação de isolamento e de vácuo na alma. Os amores profundos, aqueles que geralmente ficam no passado e são evocados quando a necessidade exige, nem

isso lhe é possível. No caso em questão, a única possibilidade de invocação desse sentimento aparece de passagem, numa prosa quase gélida, para confirmar que a personagem não os possui e nem os possuiu. Já no tempo presente, resta-lhe apenas o sentido efêmero de todas as paixões e de todos os vínculos que lhe pudessem ter sido atribuídos algum dia.

Quando não há mais possibilidade de se encontrar e de usufruir na senescência a exterioridade, ou seja, os benefícios do corpo, o que se busca na interioridade torna-se frustrante. Se o que se encontra de mais forte acaba sendo a solidão, sentimento, no caso da personagem de Rachel de Queiroz na crônica em estudo, que parece ser o que assola de forma mais exasperada o cotidiano da pobre anciã, as respostas aos anseios e às necessidades podem não ser muito adequadas nem tão equilibradas:

O sentimento de solidão ocorre em um outro momento: quando se procura companhia e não se acha; quando as palavras necessitam de um ouvido para se tornarem comunicação, e permanecem ruminação; quando a dor, a saudade, a mágoa tornam-se muito pesadas por falta de um ombro amigo onde derramar lágrimas; quando o alegre e o pitoresco são percebidos ou lembrados, mas não se atualizam em um rir junto; quando já não se conta inteiramente com alguém e em ninguém se consegue confiar. Na velhice, a solidão pesa. Não é apenas um sentimento, é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira de ‘ser-velho’ em nossa sociedade (BARRETO, 1992, p. 30).

Claramente, a viuvez, a falta de um companheiro ou de uma companheira e a ausência de um parceiro amoroso tornam a solidão dos velhos ainda mais profunda. E, no caso da senhora do texto, a única saída para se livrar da solidão do porão foi enfrentar os seus opositores e os caprichos da vida moderna usando o único recurso de que dispunha: as armas deixadas por seu falecido pai.

A autora, em “De armas na mão pela liberdade”, também faz uso da ironia quando fala das atuais campanhas de caridade “em prol da terceira idade”. A cotidianidade exige de seus figurantes algumas adaptações a convenções que se configuram imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade. Certos modismos tornam-se necessários para que a inclusão dos indivíduos seja considerada pertinente. Com os idosos isso não é diferente. Para se criar uma imagem de

possível aceitação e de interação, algumas situações são criadas para que se tenha a impressão de que, na modernidade, ainda há lugar para os senis:

[...] eles brincam carinhosamente com a idéia de dois velhos dançando (na televisão, os velhotes dançarinos sempre ensaiam um tango argentino e são vestidos à moda de 1925, ela já de saia meio curta de melindrosa e ele de colete e polainas!) Botam os velhos para estudar vestibular, ou para fazer ioga, para treinar pintura a óleo (flores e paisagens rústicas), a cantar em coros etc. etc. (BEAUVOIR, 2002, p. 116-117).

No entanto, a escritora rebate essas proposições, alegando que nada disso permite que o sujeito idoso se sinta inserido no contexto ou participante ativo da nova realidade social, pois o que ele realmente quer é ter o direito de resolver por si mesmo o que deseja ou não fazer. Tomar as próprias decisões é o que realmente conta para que a senilidade seja encarada de uma maneira menos dolorosa:

Ninguém parece entender que a primeira condição para o velho não se sentir tão velho é deixá-lo sentir-se livre. Resolver seus problemas pessoais; ser ele próprio quem conte os seus sintomas ao médico, ser ele próprio quem decide se toma ou não os remédios prescritos – como faz todo mundo. Deixar que ele se liberte um instante ao menos da tutela dos ‘entes queridos’ e não lhe ralhar se ele, liberado der uma topada, um tropicão, no exercício dessa liberdade. Deixá-lo que durma só, que não lhe apareça ninguém no quarto à meia-noite, perguntando se ele está insone (está muito feliz, lendo), se esqueceu de tomar o Lexotan... (QUEIROZ, 2002, p. 117).

Na ânsia de expor sua opinião e seus sentimentos em relação à situação da destemida senhora que mobilizou a cidade de Porto Alegre por uma façanha considerada não apropriada para uma pessoa dessa idade, a autora usa a sua autoridade de cronista e os seus próprios sentimentos para falar sobre os anseios das pessoas velhas que participam dessa nova realidade imposta pela cotidianidade. Dessa forma, de acordo com Walter Benjamin (1975), em sua posição de narradora, Rachel acaba enriquecendo a sua própria verdade com aquilo que vem a saber por meio dos acontecimentos diários. Ao narrar o ocorrido com a senhora de Porto Alegre, acaba incorporando o episódio a sua própria vida. E, se a

autora se encontra nessa situação, faz questão de compartilhá-la com os seus leitores, porque sua vida acaba sendo consumida inteiramente em sua narração.

Por meio dessa crônica bem-humorada e, ao mesmo tempo, carregada de certa tensão, Raquel deixa claro que, diante dos novos tempos, às vezes a senilidade pesa e força o ancião a admitir que o mundo, de certa forma, não precisa mais dele. Por isso, algumas decisões podem não parecer apropriadas, mas, tornam-se o único meio de se fazer valer alguns direitos.

Quando “nada mais lhes interessa, nada mais os solicita, não têm mais projetos; o mundo lhes parece um cenário de papelão, e eles mesmos parecem mortos-vivos” (BEAUVOIR, 1990, p. 564), decisões extremas parecem ser a única saída. E, quando a vigilância não mais é praticada pelos seus e passa a ser realizada por estranhos que se sentem no direito de decidir por quem já viveu uma vida inteira, situações extremadas parecem ser mesmo a derradeira forma de se tentar reverter algumas circunstâncias inaceitáveis na velhice.

E Rachel, com toda sua parcialidade diante da situação dos idosos, encerra a crônica “De armas na mão pela liberdade” manifestando abertamente a sua posição de cidadã pasmada perante as imposições do mundo dito moderno quando em face das conveniências delegadas aos indivíduos de terceira idade: “Ah, como a gente entende a velha pistoleira do Rio Grande do Sul!” (QUEIROZ, 2002, p. 117). E segue ironicamente demonstrando que a cotidianidade pode ser cruel quando assim deseja, mesmo que isso remonte a uma simples questão, como o fato de se ter um antigo baú em casa. Segundo a autora, por mais comum que possa parecer um ato, ser velho em uma sociedade totalmente nova nunca será algo fácil e nem tampouco tranquilo:

E agora, então, as coisas devem ter piorado. Já que a nossa nonagenária pistoleira e fujona confessou que guardava as armas num velho baú. Cuidado, velhos e velhas, meus colegas: vocês vão ver que, de hoje em diante, ninguém mais vai nos deixar possuir um baú! (QUEIROZ, 2002, p. 117).

## 4.2 OS VELHOS E A VELHICE

*Nem sabes se és culpado de não ter culpa.*

*Não morres satisfeito*

*morres desinformado.*

(Carlos Drummond de Andrade<sup>12</sup>)

Admitir que o próprio corpo está envelhecendo, que o frescor da juventude e da vida adulta está indo embora e aceitar a velhice como um acontecimento irrevogável não constituem situações tão fáceis de serem assimiladas. Trata-se de uma constatação simples em virtude das inúmeras mudanças físicas, emocionais e intelectuais que acontecem, no entanto, configura-se uma realidade pouco aceitável em função das perdas e das restrições a que são submetidos os ingressos na terceira idade.

“De uma maneira consciente ou inconsciente, as pessoas resistem por todos os meios à idéia de sua própria velhice e de sua própria morte. Essa resistência é um processo de repressão [...]” (DEBERT, 199, p. 235), repressão que busca fundamento nos dissabores que essa nova condição impõe aos seus.

A realidade é que, de todos os fenômenos naturais existentes, certamente a velhice é o menos discutível, pois todas as pessoas envelhecem. Neste exato momento, cada indivíduo está um pouco mais velho que antes e menos velho que daqui a pouco. O envelhecimento da população é algo certo, e não passível de retaliação. Trata-se de um processo dinâmico e irreversível.

Entretanto, essa realidade é bastante incômoda, uma vez que nem os países desenvolvidos, nem aqueles em desenvolvimento já encontraram uma solução satisfatória e humana para os seus velhos. A sociedade lhes confere condições pouco admissíveis e lhes cobra realizações praticamente impossíveis diante da realidade vivida pelos novos velhos. Ser um idoso num mundo veloz, em meio às novidades, às transformações e aos avanços tecnológicos é o mesmo que se iniciar em uma nova aventura sem o mínimo conhecimento do que virá pela

---

<sup>12</sup> A epígrafe em questão, poemeto do escritor Carlos Drummond de Andrade, foi extraída do livro *Admirável mundo velho* de Maria Leticia Barreto.

frente. E o que incomoda nisso tudo é que os mais jovens geralmente se recusam a “perder seu tempo” auxiliando o senescente a se adaptar e a se ajustar às inovações constantes e diárias a que é submetido.

A situação das pessoas idosas é, hoje, escandalosa. Todos sabem que, de uma maneira geral, a sociedade se acomoda, fecha os olhos para as circunstâncias dramáticas que não abalam o seu equilíbrio e pouco se importa com a realidade dos seus velhos. De igual modo, torna-se patente uma relação estremecida dos sujeitos com a terceira idade, já que, durante esse processo, as muitas dificuldades que são enfrentadas pouco (ou quase nada) são subsidiadas e, menos ainda, suavizadas.

Simone de Beauvoir não compreende a velhice como uma realidade bem definida. Contudo, acredita ser necessário que cada um tenha consciência dessa situação, pois, de acordo com a autora, só quando esse fato estiver totalmente assimilado é que os sujeitos terão condições de absorver essa verdade e exigir dela o mínimo para uma vida menos inglória:

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconhecamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados (BEAUVOIR, 1990, p. 12).

#### **4.2.1 “Não Aconselho Envelhecer” (18-03-1995)**

Durante grande parte de sua vida, a escritora Rachel de Queiroz tornou público, por meio de seus escritos, que a velhice era para ela uma situação praticamente inaceitável e algo que a incomodava muito. Depois de quase dois anos sem publicar um novo trabalho, a autora resolve apresentar um falso mundo aos seus leitores. Não para desanimá-los, mas sim para alertá-los sobre algumas contrariedades nem sempre pronunciadas.

Os sábios conselhos que eram dados semanalmente em seus artigos publicados na imprensa do país chegam ao mercado editorial para

possibilitar aos leitores da autora o acompanhamento do cotidiano dessa cidadã que, na crônica “Não aconselho envelhecer”, aos moços dá um conselho: “[...] não fiquem velhos. Verdade que as opções são poucas – morrer ou lutar contra a velhice. E morrer não seria opção, mas entrega; e a luta? Bem, a luta resulta sempre numa batalha perdida e inglória” (QUEIROZ, 2002, p. 56). E, de acordo com Walter Benjamin, “de qualquer forma, o narrador é uma espécie de conselheiro do seu ouvinte” (1975, p. 65), por isso, Rachel, no papel de narradora da crônica em questão, sente-se na obrigação de transmitir um pouco de sua experiência alertando seu público em relação àquilo que já vivenciou. Ou ainda, por sustentar a sua ranzinze diante da senescência, percebe nesse momento mais uma possibilidade de questionar as razões (e também as incertezas) que cercam a velhice.

“Não aconselho envelhecer” trata-se de uma crônica em que a cronista, ao falar sobre as questões que norteiam a velhice e que se relacionam com todos aqueles que atingem certa idade, centra-se numa perspectiva mais subjetiva e incorpora o que aborda para si mesma, tentando expressar a sua opinião a respeito do tema sobre o qual discorre durante a escrita. Assumindo um traço comum entre os cronistas modernos, Rachel realiza uma crítica social diante da condição da terceira idade. Ao aprofundar atos e sentimentos expressos por sua indignação, a autora consegue destacar a força maior da crônica, que está na capacidade de traçar o perfil do mundo e dos homens.

Assim, no início da crônica em questão, Rachel já manifesta a sua intenção: informar aos seus leitores e a quem possa interessar as suas impressões a respeito dessa conturbada fase da vida:

Entre os processos cruéis da natureza, é a velhice o mais cruel. Implacável, insidiosa, ataca por todos os lados, abre a porta a todas as moléstias mortais. Pensando bem, é uma espécie de HIV a longo prazo. Te ataca o coração, o pulmão, todas as demais vísceras – a tripa, o fígado, o que nos abatedouros se chama o *arrasto*. E mais a fiação arterial e venosa; e a coluna! E não falei na atividade cerebral. E também esqueci os ossos, a infame osteoporose, que te rói os ossos pelo tutano, deixando-os como frágeis cascas de ovos. E então te basta um pequeno escorregão na banheira para deixar um fêmur fraturado (QUEIROZ, 2002, p. 56).

Esse primeiro desabafo da autora refere-se à velhice como um problema biológico, uma condição natural e própria de todos os seres humanos. As

modificações no corpo são as constatações de que a senilidade está acontecendo. É nesse período que a pessoa terá de se “assumir velha” ou renegar essa imposição da natureza humana: “algumas tentarão adiar esse momento, outras irão exagerar as conseqüências da velhice. As duas atitudes, opostas, incidirão sobre as atitudes diante da doença e da saúde, com conseqüências práticas quanto aos cuidados com o corpo” (BARRETO, 1992, p. 27).

Comparar a velhice ao HIV é uma forma de acusar essa condição biológica nata de ser algo totalmente inadequado e capaz de comprometer a vida de qualquer ser humano, já que suas conseqüências são aterrorizantes, se observadas sob o ponto de vista da escritora. Quando a idade se apodera do homem, e isso quase sempre o pega de surpresa, não há outra alternativa a não ser morrer prematuramente ou envelhecer. E envelhecer consiste em aceitar as mudanças do corpo e da mente e conviver com essas transformações, mesmo que elas lhe pareçam implacáveis e insanas.

No plano biológico, a noção de declínio do corpo tem um sentido claro: o organismo declina quando as suas chances de subsistir se reduzem. E a fatalidade dessa alteração deve ser considerada conscienciosamente, visto que estabelece uma ruptura do equilíbrio do corpo. Mesmo a medicina moderna não mais procura atribuir uma causa ao envelhecimento biológico, ela o compreende como um processo inerente ao curso da vida, assim como o *nascimento*, o *crescimento*, a *reprodução* e a *morte*.

E o que dizer da atividade cerebral. Esta também sofre alterações com a chegada da senilidade: se as exigências diminuem, de igual modo, também as capacidades são afetadas. Assim, se as pessoas de mais idade não podem mais viver hoje como viviam antigamente, sentem a necessidade de ocupar e de redefinir os espaços criados para envelhecer, pois só dessa forma conseguem responder, de diversas maneiras, aos tipos de controle de emoções que passam a ser exigidos perante essa nova situação.

Rachel de Queiroz não aceita passivamente todas essas mudanças ocorridas no corpo e na mente daqueles que ficam velhos. Assim, por meio de uma linguagem mais leve e mais descompromissada, como se estivesse mesmo “batendo um papo” com seu público, ajusta a sua fala à sensibilidade do dia-a-dia para retratar um assunto tão significativo para ela. E se a crônica, conforme afirmou Antonio Candido, “está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão

das coisas e das pessoas” (1992, p. 14), a cronista aproveita-se dessa condição para fazer valer a sua posição frente ao assunto.

A autora, na excelência de suas faculdades mentais, desfrutando de toda a sua sabedoria e desenvolvendo seus escritos, não consegue admitir que as perdas fiquem mais próximas quando a terceira idade vai se aproximando. Para ela, o estar velho caracteriza uma condição nada comedida, portanto, tem a capacidade de desestabilizar todo o desenvolvimento daqueles que atingem essa etapa. Então, o fêmur fraturado deixa de conceber apenas uma lesão que pode fazer parte da vida de qualquer indivíduo, e passa a simbolizar um dos exemplos daquilo que a senescência pode representar para os sujeitos que nela se enraízam.

Aí chegam as famosas “bobagens da terceira idade”. Conforme Rachel, clubes, associações, academias, etc., todos se mobilizam em prol da velhice, buscando oferecer atividades nada convencionais e nem tampouco totalmente apropriadas para a vida dos idosos. E, mais uma vez, de acordo com essa afirmação, pode ser notado o descontentamento da autora diante dessa situação, pois, conforme já explicitado, algumas instituições realmente têm se preocupado com a saúde e com o bem estar dos senis, oferecendo atividades como esportes, danças, ginástica etc., para propiciar aos mesmos momentos de prazer, de diversão, de interação e de cuidados com a saúde mental e física. No entanto, a autora, por apegar-se sempre a sua irritação diante dessa condição do ser humano, não consegue vislumbrar os reais benefícios que essas “bobagens” podem proporcionar aos senis.

Mas a realidade é mesmo um pouco dura e incômoda. Com o desenvolvimento da senectude, algumas promessas de atenção especial, de oferecimento de atividades compatíveis e de outras soluções milagrosas para a inclusão do velho na nova sociedade vão surgindo sem a preocupação de se estabelecer um compromisso sério. Nem sempre essas promessas cumprem com o anunciado, pois se configuram, em sua maioria, em mais uma maneira de mascarar o que essa realidade reserva aos idosos. Além do mais, nem toda ginástica, dieta ou malhação conseguem esconder o que realmente a velhice proporciona aos indivíduos.

Em “Não aconselho envelhecer”, essa questão da máscara utilizada para esconder a realidade da senilidade é fortemente apresentada pela autora, que considera uma tolice essa busca de se esconder algo que fará parte da vida de

todos, quer queiram ou não. No entanto, ela reconhece a dificuldade de aceitação dessa realidade, principalmente quando a aparência insiste em mostrar que a pessoa está velha, mas esta não se sente velha:

Diz-se que já se consegue muito na luta contra a velhice. Ginástica, dieta, malhação, corrida etc. Cirurgia plástica. Ah, já pensaram no tormento de uma bela mulher, atriz, dama da soçaita, cortesão, que viva da e para a beleza, ao descobrir as primeiras rugas, a flacidez do mento, daquela sutil rede de outras pequenas rugas que rodeiam os lábios? O dr. Pitanguy opera e os seus colegas de mérito variável também operam. Mas, por mais famosos, competentes e mágicos que sejam os cirurgiões plásticos, só fazem mágicas, não fazem milagres. Esticam a pele sobre os músculos flácidos, fazem *peeling*, que é uma espécie de raladura na cútis, fica lindo a princípio, mas, como toda mágica, não dura muito. E aí tem que começar tudo outra vez, as cicatrizes já não se escondem tão bem atrás das orelhas ou no couro cabeludo, que aparado, vai encurtando, deixando as pacientes com testas enormes, quase uma calvície. E nem falei em calvície que, mercê de Deus, ataca mais os homens que as mulheres (QUEIROZ, 2002, p. 57).

Mesmo diante de todas essas inovações oferecidas por uma sociedade também repaginada, os milagres ainda não são possíveis. E, ao se deparar com o espelho, a máscara acaba se desfazendo e traz à tona o que, muitas vezes, se quer esconder. Ainda que o sujeito não se sinta velho, que sua cabeça e seus sentimentos insistam em contrariar as evidências, nada disso confirma o que o espelho reproduz, ou seja, a realidade. E, por pior que pareça, as demais pessoas não verão aquilo que se quer deixar transparecer, mas, aquilo que o espelho vê, ainda mais diante de uma sociedade que declara, dia após dia, a primazia dos jovens:

Hoje a juventude é mais prestigiosa do que nunca, como convém a culturas que passaram pela desestabilização dos princípios hierárquicos. A infância já não proporciona uma base adequada para as ilusões de felicidade, suspensão tranquilizadora da sexualidade ou inocência. A categoria de 'jovem', por sua vez, garante um outro *set de ilusões* [...] Assim, a juventude é um território onde todos querem viver indefinidamente. No entanto, os 'jovens' expulsam desse território os impostores que não cumprem as condições da idade [...] (SARLO, 1997, p. 39).

Para essa juventude soberana, os senis correspondem aos maiores impostores, pois se entregam aos subsídios modernos para tentar mascarar a irrefutável realidade da idade e, em alguns casos, acabam ultrapassando os limites do possível para promover a sua provável aceitação junto a essa mocidade.

Essa situação acaba se transformando em um “pesadelo” para as pessoas de mais idade a partir do momento em que o ideal estético firma-se sobre o corpo jovem: o velho representa o que é feio e desfigurado pelas marcas do tempo. Diante de sua fragilidade, a auto-imagem do senescente fica bastante comprometida. Muitos problemas surgem em virtude dessa desfiguração: problemas psicológicos, principalmente a depressão, quando acontecem nessa idade, estão intimamente ligados ao declínio das funções gerais do organismo e às mudanças na beleza e na forma do corpo. Além disso, a vida sexual acaba perdendo parte de seu vigor, tudo fundamentado nas inúmeras transformações que o sujeito sofre nessa altura de sua vida.

Desse modo, fica mais fácil compreender a ironia da autora ao falar dessas futilidades criadas para compensar tantas perdas e tantas regressões. Se a velhice é degeneração, perda, diminuição progressiva, desorganização, redução e involução, o que dizer aos que atingem essa faixa etária diante de um vocabulário tão desestimulante e que impressiona por sua configuração negativa?

Para reforçar as suas idéias de que o envelhecimento não constitui o primor da vida e que, apesar de parecer um privilégio chegar à velhice nessa realidade tumultuada da vida cotidiana contemporânea, a escritora termina as idéias da crônica “Não aconselho envelhecer” falando sobre o envelhecimento da cabeça, o momento em que o cansaço das idéias, da inteligência e da alma torna-se real e, praticamente, irreversível:

O velho tenta se equiparar às audácias dos jovens, até mesmo excedê-las – mas a si próprio não se convence. Sabe que as suas idéias são as do seu tempo, fruto do que leu, viu e acumulou; e isso pode ser camuflado, mas não pode ser modificado. Dizem que as células cerebrais não se renovam, como as demais células do corpo – será verdade? (QUEIROZ, 2002, p. 58).

Não há como evitar as decepções diante daquilo que não se consegue mais alcançar. Por mais que se tente mascarar alguns dissabores diante

das irrealizações que vão acontecendo com a consolidação da senescência, mais cedo ou mais tarde o cansaço toma conta do sujeito idoso que, diante das suas restrições, tem consciência de que o seu mundo, a sua instrução, o seu vocabulário, as suas leituras e até mesmo a sua formação, são coisas que pertencem a um passado e, como tal, perdem a sua importância.

Tudo que foi acumulado acaba sendo abafado com o tempo e, fatalmente, torna-se parte de um legado que deixa de ser imprescindível à sociedade, mesmo que represente toda a vida de um indivíduo. E, para que esse passado não se perca até mesmo para quem o vive, é preciso que se tenha em mente a sua autoridade: “Meu passado é o em-si que sou, enquanto ultrapassado: para tê-lo, é necessário que eu o mantenha existindo através de um projeto; se esse projeto é conhecê-lo, é preciso que eu o torne presente, rememorando-o para mim mesmo” (BEAUVOIR, 1990, p. 445).

Até mesmo as idéias dos grandes gênios envelhecem. Simone de Beauvoir (1990) analisa as atividades artísticas intelectuais na velhice e confirma que escritores, artistas e pesquisadores em geral deixam de vibrar com a sua criação, porque não se instalam mais em batalha para fazer e recriar a vida. Seja qual for a sua criação cultural, perdem o estímulo, pois acreditam que ela não “mudará mais o mundo”. Dessa forma, a curiosidade natural pela pesquisa e pela aprendizagem perde, gradativamente, o seu brilho e a sua alteridade. Até mesmo os escritores, segundo a estudiosa,

Apanhados por esse espírito geral, passam a repensar sua produção, É comum que passem a preferir as memórias, o ensaio ou a poesia; embora haja exceções, pois a ‘aventura humana não suscita mais interesse’ e, por isso, não há como criar supostos heróis ou destinos imaginários (apud GUIDIN, 2000, p. 80).

Para manterem-se vivos em seus projetos, os intelectuais também procuram viver mais da lembrança do que da esperança de mudança nos objetivos daqueles que compõem o cotidiano na modernidade.

No entanto, essa colocação de Beauvoir pode ser questionada, visto que a própria Rachel de Queiroz escreveu até pouco tempo antes de sua morte, aguardando a publicação do livro *Visões*, uma fusão de imagens do Ceará fotografadas por Maurício Albano com textos da autora. E o que dizer, então, de

tantos outros escritores, pintores, escultores etc., que produziram e produzem até o fim de sua vida?!

Mas, independente de quem seja atingido pela senescência, gênios incontestáveis ou pobres mortais, o pior de tudo na constatação de que a senilidade se concretizou, conforme Rachel, concentra-se no fato de não se poder lamentar os estragos que a velhice proporciona ao seu corpo e a sua mente. Quando isso acontece, geralmente há alguém para protestar diante dessa tentativa: “Eu queria, quando chegar à sua idade, ter essa lucidez!” (QUEIROZ, 2002, p. 58). E a autora encerra a crônica em questão revoltada com as particularidades da terceira idade e condena, mais uma vez, o intuito de mascarar essa realidade e as suas implicações, delegando um mínimo de dignidade ao fato: “Lucidez? O que é que esse cara esperava? Que você estivesse caduco?” (QUEIROZ, 2002, p. 58).

#### **4.2.2 “A Longa Vida que já Vivemos” (08-05-1992)**

O título da crônica “A longa vida que já vivemos”, texto inserido no livro *As terras ásperas*, publicado em 1993, remete os leitores de Rachel de Queiroz, mais uma vez, àquilo que a autora tanto apregoa em seus escritos: “a velhice é muito ruim”.

Essa antologia de crônicas publicadas primeiramente pela imprensa brasileira também reserva um espaço para os desabafos da autora e as “discussões” com seus leitores em detrimento de sua relação com a questão da senilidade. Em muitas das crônicas selecionadas para compor essa coletânea, o eu do cronista transporta-se de seus anseios para os questionamentos acerca da realidade que rodeia esse momento da vida de cada indivíduo.

No início da crônica, a escritora usa a terceira pessoa (parece que aqui ela tenta manter certo distanciamento e mostrar-se imparcial em relação ao que vai narrar) para falar a respeito de uma “querida velha dama” que está a dois anos de completar cem anos. À beira do centenário e diante das marcas do tempo em seu corpo, a nobre senhora comenta:

– E pensar que estes dedos têm 98 anos cada um! Enrugados, coitadinhos, e, neste maior-de-todos, um pouco de reumatismo nas juntas. Mas ainda dão muito bem para segurar a agulha de crochê, o jornal da leitura, as cartas para a canastra... (QUEIROZ, 1993, p. 150).

A protagonista de Rachel, consciente dos sinais que os avanços da idade deixam no corpo de cada sujeito, reconhece em sua mão direita as marcas da velhice. E, ratificando sua lucidez diante dessa situação, ainda demonstra certo conformismo ou resignação em relação às atividades que lhe são possíveis em tal altura da vida. Fazer crochê, ler o jornal e jogar baralho, certamente não estariam nos planos de um jovem ou de adulto em plena virilidade física.

É certo que o corpo dos velhos é um corpo frágil. Entretanto, quando a mente ainda trabalha em função dos anseios e o idoso não se entrega às tristezas que esse evento proporciona, essa fragilidade é abstraída e suas capacidades são redirecionadas. No caso da senhora que está prestes a completar cem anos, se a alternativa é desenvolver alguns trabalhos manuais, mesmo que com algumas restrições, é exatamente isso que ela fará. E essa disposição da senhora fica explícita no texto em questão, pois a reação seguinte da personagem é arrumar-se, sozinha, para juntar-se aos seus logo em seguida.

Neste momento, a primeira pessoa volta a percorrer a crônica de Rachel de Queiroz. A cronista fala da senhora com ar de notificações científicas: com certa candura, expõe aspectos da máquina do corpo. Parece mesmo que o eu do cronista não consegue manter-se distante do assunto quando o que está em pauta é a terceira idade. Conseqüentemente, quem fala e quem vê nesse momento é a mesma pessoa, e todos os focos convergem para a cronista, que assume uma posição de maior autoridade, pois se trata do próprio “eu” falando de si mesmo, incluindo-se na narrativa. E, quando a escritora se depara com sua protagonista, as idéias sobre a velhice acabam se confrontando, pois, conforme o trecho seguinte, mesmo concordando que o corpo é uma máquina maravilhosa, a autora encerra essa idéia decretando a morte certa a quem já atingiu, no caso, uma idade mais adiantada:

Depois virá sentar-se à mesa para enfrentar conosco, sem preocupações de dieta, o gordo cozido dos domingos. E a gente fica pensando nessa máquina maravilhosa que é o corpo humano. Há 98 anos que bate aquele coração [...] Cada perna também tem 98 anos, como gosta ela de dizer; e cada órgão do corpo, cada volta do cérebro ou das vísceras, cada neurônio, cada músculo, cada osso! E tudo funciona nestes 98 anos, sem perda de um segundo sequer, pois bastaria uma pequeníssima parada para lhe decretar a morte (QUEIROZ, 1993, p. 150).

Se a “querida velha dama” de noventa e oito anos conforma-se com o seu estilo de vida em função de sua idade, a cronista deixa transparecer, em mais esse escrito, a sua posição frente a essa situação. Ao afirmar que basta apenas uma pequena parada para que a morte aconteça, Rachel desconsidera os pontos positivos de alguém que alcançou tamanha idade, e reafirma aquilo que vem sempre declarando em seus textos e em suas conversas: a velhice não lhe agrada.

A respeito dos centenários, certamente Beauvoir concordaria com a personagem em questão, pois em seu livro *A velhice*, dedica um apêndice apenas a essas pessoas, pois, segundo a autora, aqueles que chegam e/ou conseguem ultrapassar os cem anos são, certamente, indivíduos excepcionais.

Conforme Guita Grin Debert, “os velhos em contextos culturais distintos dão respostas dinâmicas e criativas ao conjunto de exigências colocadas pela velhice, num esforço constante de sobrevivência física e sociocultural” (1999, p. 118). Manter uma vida com dignidade e controlar suas faculdades exige um esforço monumental. E, quando isso é alcançado, pode-se falar na velhice como um trabalho árduo, mas satisfatório e compensador, já que atingir determinada idade não é uma condição que todos alcançarão. Os indivíduos têm sucessos distintos, que dependem de habilidades particulares e individuais, mesmo quando ocorrem em ambientes muito homogêneos. Talvez seja por isso que autora e personagem sejam tão distintas em relação à senilidade: enquanto esta, consciente de sua velhice, apenas segue seu curso, aquela, uma contrariada assumida sobre essa realidade, caminha reclamando e “atacando” as imposições da terceira idade, aliás, como já dito anteriormente, termo odiado pela escritora.

Considerando que autora e personagem já viveram uma longa vida, Rachel compara o corpo humano a uma máquina poderosa que funciona “indefinidamente” e que se conserta em si mesma, “narcisisticamente”. Essa

máquina corresponde a cada indivíduo que, na supremacia de sua existência, está à mercê apenas dos ataques alheios, naturais ou não, agressões externas que não permitem nenhuma resistência.

Todavia, os seres humanos, em geral, ainda têm a capacidade de se reproduzir e, com isso, não apenas sobreviver por um tempo indefinido, mas, perpetuar sua espécie com a procriação. Assim, quando a batalha parecer perdida para aquele corpo já desgastado pelo tempo, outros virão e desfrutarão uma vida mais duradoura, se conseguirem se apropriar daquilo que a própria inteligência humana vem desenvolvendo para combater os oponentes incansáveis:

E ainda temos, nós e todos os demais seres vivos, a capacidade não apenas de sobreviver, mas de nos reproduzirmos e fabricar novos seres que nos substituam na hora em que perdermos a batalha. A gente então vai, mas vêm outros. E esses outros a cada dia logram vida mais longa – graças ao mais importante dos nossos dons: a inteligência, que trabalha incessantemente para vencer os inimigos da carne (que não é apenas a luxúria, como reza o catecismo, mas tudo aquilo que ataque e ofenda o nosso precioso, inigualável corpo). A divina máquina que o Padre Eterno modelou no barro e depois animou o seu sopro (QUEIROZ, 1993, p. 151).

Com ironia, já que a cronista admite a sua irritação perante a fragilidade do corpo humano diante das implicações da velhice, encontra-se uma saída para o corpo cansado. Todavia, percebe-se que essa única saída apresenta-se na forma de substituição. Mesmo que os homens estejam desenvolvendo práticas revolucionárias para assegurar uma vida mais tranquila aos sujeitos, ainda assim constata-se que outros usufruirão desses benefícios, não os velhos da sociedade atual. No fim,

o poder do velho, que a ideologia teme e esconde, está nesta síntese: as singularidades da vivência do velho apontam a falência do projeto de vida que ele defende, justifica e vende. No fim da vida de cada um, torna-se patente e patético o engodo: Que tragédia é essa que se abate sobre todos nós? (BARRETO, 1992, p. 63).

Dessa forma, mesmo diante dos inúmeros avanços projetados pela modernidade, nem todos os idosos da coletividade serão beneficiados.

O uso da primeira pessoa em grande parte da crônica acontece para deixar clara a posição do eu do cronista, que não resiste em utilizar esse recurso para evidenciar a sua relação, enquanto pessoa velha, com a velhice. Essa autoridade assumida não só se evidencia para dar maior veracidade aos sentimentos do “eu”, como também para reforçar a condição da cronista em seu próprio cotidiano.

A partir do penúltimo parágrafo, a crônica em questão toma rumos bem característicos e reforça todas as proposições até então elencadas:

Todas as ciências se juntam para aumentar as chances de vida, a prolongar a velhice sem senilidade. Já estão por toda parte os nonagenários; mas na nossa sociedade, os de 90, como os temos tanto hoje, eram raríssimos. Uma coisa terrível como o cólera, capaz de exterminar quase toda a população da terra séculos atrás, é hoje apenas assunto de preocupação razoável, até mesmo no Terceiro Mundo. E os nossos filhos já conviverão com centenários. E não dou mais nem um século, e estaremos (ou estarão pelos menos os ricos) vivendo *tranqüilamente* até a marca dos 900, como o patriarca Matusalém (QUEIROZ, 1993, p. 151).

Para a cronista, a relação com a senilidade nunca será agradável e passiva. Há de se esperar, sempre, que os infortúnios desse período reflitam sobre aqueles que nele se encontram. Por mais que a contemporaneidade ofereça novos recursos para tentar tornar a velhice uma trajetória aprazível, poucos poderão usufruir dessas “invenções maravilhosas e prolongadoras da felicidade” nesse momento tão conturbado. Além do mais, Rachel compartilha da mesma idéia de Simone de Beauvoir ao concluir sua análise sobre a senescência:

a velhice não é uma conclusão necessária da existência humana. Nem mesmo representa, como o corpo, [...] a necessidade de nossa contingência. Um grande número de animais morrem – como no caso dos efêmeros – depois de se terem reproduzido, sem passar por um estágio degenerativo (1990, p. 659).

Porém, constitui uma verdade incontestável o fato de o corpo, a partir de um certo número de anos, começar a sofrer uma involução e, conseqüentemente, aqueles que chegam a essa situação, sintam uma redução de sua capacidade de desenvolver determinadas atividades, bem como uma diminuição

das faculdades mentais e uma mudança de atitude em relação ao mundo. Assim sendo, todos os indivíduos que atingem a velhice sofrem as alterações dessa passagem e necessitam se adaptar ou se entregar aos infortúnios dessa relação.

Quanto à tranqüilidade prometida por aqueles que tentam amenizar as conseqüências do período senil, não há segurança que possa ser garantida nesse sentido. Como afirmou a autora: “Eu disse *tranqüilamente*? Mas isso não posso garantir. E nem mesmo posso garantir que seja bom” (QUEIROZ, 1993, p.151).

Desse modo, somente o conhecimento de cada indivíduo é que poderá assegurar as fortunas e os dissabores dessa etapa da vida. Independente das inovações oferecidas pela sociedade contemporânea e das imposições inevitáveis delegadas aos velhos, apenas aqueles que passarem por esse momento poderão tecer uma opinião a respeito dessa experiência.

Ainda assim, por ser cada sujeito uma pessoa única e singular, voltar-se-á, sempre, ao mesmo impasse causado pela posição da cronista e de sua personagem mencionada nesta leitura: o sujeito velho já viveu por muito tempo. Dessa forma, a voz da personagem e a voz da cronista causam um efeito que reforça certa afinidade e, ao mesmo tempo, diferenciação entre quem narra e o objeto narrado.

### 4.3 OS VELHOS E OS NOVOS

*É a sua vida  
Que eu quero bordar na minha  
Como seu fosse o pano  
E você fosse a linha  
E a agulha do real  
Nas mãos da fantasia  
Fosse bordando ponto a ponto  
Nosso dia-a-dia.*

(Gilberto Gil)

Geralmente o “estilo da velhice” firma suas raízes na solidão, pois o sujeito senil vive em uma época que despreza e da qual sente medo. Por sua vez, até mesmo essa solidão não o compreende e, às vezes, o rejeita. Ser velho em um mundo significativamente novo é o mesmo que transgredir regras e viver na obscuridade. No entanto, o senescente já não liga muito a ser aceito e compreendido. A repercussão já não o preocupa mais. E é nas relações com os mais moços que algumas circunstâncias podem ser lembradas e resguardadas. Ainda que, em algumas situações, esses relacionamentos possam significar um retorno melancólico ao passado, que um dia foi presente, e a uma constatação de que o futuro, totalmente incerto, será vivido, seguramente, sem a presença desse idoso.

“Não me ocorre quem já comparou a velhice a um homem que fica sozinho na mesa de banquete, murchando-se as flores, apagando-se as luzes” (CARPEAUX, 1992, p. 18). Sem a presença de outrem, a solidão toma proporções consideráveis e até trágicas. Quando solitária, a velhice deixa de esbarrar nas confusões vividas pela mocidade e, de igual modo, na maturidade da fase adulta. Não que a senilidade não esteja carregada de todas essas impressões. Porém, diante de tantas novas imposições, não há mais somente que se viver, mas, lutar pela sobrevivência.

Na presença dos mais novos, existe a possibilidade da felicidade da partilha. Em presença dos ardores da infância e da juventude, das responsabilidades e da maturidade da fase adulta, há que se pensar no convívio (o viver junto) como uma troca saudável, uma “comunhão de vida”. Afinal, “se a velhice não os aproveita da mesma maneira, ela não está totalmente privada deles” (CÍCERO, 1997, p. 40). Mesmo que essa convivência tome rumos incertos, destinados às tristes lembranças, às cobranças incabíveis e às decepções com o futuro (próprio e do outro), ainda assim, tornar-se-á necessária, pois, como disse Otto Maria Carpeaux, é este o “[...] centro misterioso da existência humana; lembramos a inexorabilidade do tempo e, ‘ao mesmo tempo’, as nossas possibilidades secretas de superá-las” (1992, p. 22).

*Tendo perdido as ânforas da infância,  
ânforas que tomadas ou aspiradas  
derramavam no ar a substância  
de que coisas bebiam inebriadas;*

*tendo perdido o verde som dos hortos  
descer pelas ramagens nos silentes  
degraus, ainda vejo no sol posto  
o fruto ou flor fechada e rescendente.*

*Sonho com as espigas debulhadas  
em grãos que a luz unia ou separava  
para cobrir o chão de áureo tecido*

*e meus pés afundavam na dureza  
macia desses grãos que me fugia  
sem que ouvisse no ar o seu gemido  
(Charles Kingsley<sup>13</sup>)*

#### **4.3.1 “A Menina que vai Crescer” (23-06-1989)**

As crônicas de Rachel são fruto da diversidade de suas vivências. Com grande frequência, a autora abre um espaço de intimidade e uma proximidade quase presencial com seus leitores.

Resumindo as definições dos estudiosos do gênero, a crônica é uma exposição dos simples acontecimentos do dia-a-dia do homem. E o cronista, o responsável por resgatar e transportar essa trivialidade para o papel. Na crônica “A menina que vai crescer” é possível afirmar que a autora dá aos seus leitores a possibilidade de uma imersão em seu mundo. Por meio de um acontecimento corriqueiro, uma habitual ida ao médico para consultar uma criança, a cronista desenvolve um texto em que expõe suas angústias e sua aceção acerca do ocorrido. Ao mesmo tempo, estabelece uma troca: fala sobre as suas descobertas e os seus anseios em relação à sua bisneta, mas exige um pouco mais de atenção quando aproveita este momento para continuar as suas divagações a respeito da velhice:

---

<sup>13</sup> Os poemas de Charles Kingsley utilizados neste trabalho foram retirados do livro *Memória e sociedade* de Ecléa Bosi.

Ontem o doutor tomou as medidas de minha bisneta de dois anos, por nome Ana Teresa, e comunicou à mãe que a garota vai ter, quando adulta, 1,72 m de altura, será esbelta e longilínea. Então a gente fica pensando: que mistérios, que potencialidades se escondem dentro daquele corpinho, mulher miniatura, já tendo guardados consigo todos os componentes de uma futura mulher? (QUEIROZ, 1993, p. 37).

No início da crônica, o eu do cronista se mostra incomodado com a postura do médico ao atender sua bisneta: diante de uma criança de apenas dois anos, a preocupação do facultativo e da família diz respeito às potencialidades da garota para quando crescer e se tornar uma mulher. Apesar de ser Ana Teresa uma criança linda, perfeita e carismática, todos ficam imaginando como a pequena será quando adulta e acabam se esquecendo das suas particularidades e de sua capacidade ainda no corpo de uma criança. E por que tanta pressa para encaminhá-la à vida adulta, se o que vem a seguir é a implacável velhice, munida de todas as suas artimanhas e armadilhas? Assim, o discurso do médico, que prega certa precisão para o corpo da menina, se contrapõe à voz da cronista, fato que acaba por traçar a construção textual da crônica em questão.

A cronista, que acaba excedendo o caráter de previsão imposto por sua família e pelo médico da bisneta, aponta para questões mais complexas do que a estatura da criança, questionando as potencialidades da menina. Ela exerce a sua autoridade como narradora e bisavó, na tentativa de defender os direitos de sua bisneta. Para ela, Ana Teresa tem apenas de aproveitar os doces momentos que a infância pode lhe proporcionar e não se incomodar com as indagações de um futuro distante e incerto.

De acordo com as palavras de Affonso Romano de Sant'Anna, a crônica constitui uma forma de interferência no cotidiano, uma possibilidade de interação com os acontecimentos diários. E Rachel usa desse artifício para defender os direitos de sua bisneta. Ela expõe a sua opinião sem se incomodar com a reação dos seus familiares. Talvez a sua intervenção não consiga conscientizar os seus da responsabilidade de cada um perante a vida de Ana Teresa. No entanto, a cronista cumpre com a sua obrigação de expor sua opinião sem envergonhar-se disso ou recuar.

Nas palavras de Simone de Beauvoir, pode-se encontrar a razão da apreensão de Rachel: a “[...] velhice é um destino, e quando ela se apodera da nossa própria vida, deixa-nos estupefatos. ‘O que se passou, então? A vida, e eu estou velho’ [...]” (BEAUVOIR, 1990, p. 347). E para a vida que se passa não há retorno, nem tampouco desvios que possam conduzir o indivíduo a uma segunda chance:

[...] Ana Teresa é, de si, obra além do visível – visibilíssima! –, perfeita, que não carece de mudança nenhuma para melhorar. Anda, corre, dança, fala, canta, mente, acarinha, briga, reivindica, chora. Tem aqueles olhos luminosos, aquele sorriso irresistível. Até as caixas do supermercado sorriem para ela, o que é sinal de um carisma absoluto. [...] O mal é que, embora sendo a menina essa perfeição já realizada, todos só falam em vê-la crescida. Os pais mandam medi-la, os doutores vivem a fazer antecipações sobre o seu futuro, ela própria deve sonhar em ser uma pessoa grande (QUEIROZ, 1993, p. 38).

Aqui se configura o mal maior expresso nessa crônica: todos querem ver Ana Teresa crescida. E por quê? Será porque, como afirmou Cícero (1997), eles acreditem que “a posição do velho é melhor que a do adolescente? Aquilo com que este sonha, ele já o obteve. O adolescente quer viver muito tempo, o velho já viveu muito tempo!” (p. 54). Ou ainda, que a infância é uma fase sem muita importância, que pode ser logo “atropelada” por outra. Ledo engano! A ansiedade é tanta em imaginar a pequena garota já uma pessoa adulta, que os devaneios da infância acabam se perdendo. Ao invés de a família aproveitar essa fase tão singular, preocupa-se mais em imaginar o futuro. No entanto, todos parecem esquecer que, após a confirmação da vida adulta, a velhice virá e será inflexível em seu processo:

A criança e o adolescente têm uma idade. O conjunto de proibições e de deveres aos quais estão submetidos, e os comportamentos dos outros para com eles não lhes permitem esquecer isso. Quando adultos, não pensamos na idade: parece-nos que essa noção não se aplica a nós. Ela supõe que nos voltemos para o passado, e que interrompamos as contas, enquanto, impelidos para o futuro, deslizamos insensivelmente de um ano ao outro. A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, outra, uma outra, enquanto permaneço eu mesma? (BEAUVOIR, 1990, p. 348).

Enquanto crianças ou adolescentes, mesmo sob o crivo de determinadas instruções por parte dos adultos, a vida segue seu rumo natural, porque ainda se pode escolher certos caminhos e desfrutar das habilidades que cada um vai adquirindo ao longo de sua existência. Quando adultos, a questão da idade pouco incomoda, visto que os sujeitos pensam poder tudo. Essa é a fase da maturidade, da colheita e da busca de sentido para tudo na vida. Já a velhice... Ah, a velhice! Esta compreende (e Rachel insiste em lembrar seus interlocutores disso) aquele momento em que todas as fronteiras perdem seu valor, é a fase da desesperança, das perdas e das restrições. Daí o desespero por parte da cronista ao perceber que sua querida bisneta está sendo conduzida a este mundo muito antes de vivê-lo.

A escritora reconhece que a terceira idade é um estágio natural, portanto, impossível de ser evitado por aqueles que sobrevivem à vida adulta. Dessa forma, por viver esse momento e conhecer todos os percalços dessa jornada, não o deseja a sua bisneta. E vai mais além quando explicita a noção que tem de quão difícil é o caminho a ser percorrido até esse período. Para Rachel de Queiroz, toda transição de uma etapa a outra compreende uma mudança brusca, que exige das pessoas o desvio de certos costumes, o desligamento de determinadas práticas e a escolha de novos propósitos:

Mas depois de se ver grande, adulta, duvido que ela queira ser velha, o que é afinal a lei natural das coisas e o destino de toda evolução. Acontece que a velhice é o mais indesejável de todos os progressos. E se em geral nós próprios, os velhos, não sonhamos em fazer marcha inversa e regressar à mocidade, é porque recordamos como foi duro, desgastante e difícil o caminho que vai do estado de adulto à velhice. Aliás, mesmo o caminho que leva da infância à mocidade não se pode dizer que seja um tapete de rosas. Ou quando o é, tem muito espinho entre a folhagem, já que não há rosa sem espinho, como diz a voz do povo (QUEIROZ, 1993, p. 38).

Certamente que também o caminho inverso não é desejado, já que toda mudança exige esforços e, quase sempre, provoca dor. Não há mudança sem sofrimento, sem ansiedade e sem hesitação, que não “cobre” dos envolvidos decisões até mesmo radicais. E o ser humano frustrado tem de se repensar e se refazer, o que nem sempre é possível. Quando o é, o indivíduo “terá que voltar a essa reflexão interior, essa ruminação, essa procura de caminho, essa procura...

Voltar talvez até aquela fase bonita de angústia da escolha [...] a essa procura de adaptação para se situar e estar cavaleiro da situação e não ser derrotado, não ser afastado, marginalizado [...]” (BARRETO, 1992, p. 8).

A mudança é reconhecida, mas sua profundidade geralmente é mascarada. Nem sempre as implicações existentes em cada período de transição são levadas a sério. Quando se fala da senilidade, então, mais circunspecta se torna a questão, pois muito se comenta sobre os avanços que contribuem para a “prolongação da vida”, portanto, sobre uma possibilidade mais generalizada de se chegar à idade avançada. Todavia, nem todas essas inovações podem garantir uma velhice mais tranqüila, menos conturbada e menos insana. Muitas vezes é preferível ignorar o idoso, pois ele lembra demais a própria fragilidade de cada um, dessa forma, a fugacidade da existência humana.

E no tocante às mudanças do corpo, essas também preocupam a bisavó cronista, que não se conforma em saber que tudo que é tão perfeito em sua Ana Teresa será suprimido, já que as marcas da vida adulta e da senescência aparecerão sem pedir licença:

E, então, a gente olha para Ana Teresa, esplendorosa, e pensa na loucura, na imprudência da natureza em substituir aquilo tudo que é só graça suave, combinação sábia de colorido – cabelo, olhos, pele, boca – e ir trocando os dentes, engrossando a seda do cabelo e a transparência da pele, pondo ângulos no desenho suave de braços, pernas e ombros, estirando ossos... Mesmo que venha ela a ser uma moça linda, será de lindeza diferente. E para onde vai tudo aquilo que estava ali, na pessoinha inimitável, e se transformou? (QUEIROZ, 1993, p. 38).

A vida adulta e a velhice, em geral, estão associadas às transformações do corpo. Os grupos passam a reconhecer os seus quando estes apresentam características próprias e comuns àqueles que atingem certo patamar em relação à idade. Daí a apreensão da escritora ao pensar na pequena Ana Teresa, pois ela sabe que a idade é inflexível e não perdoa ninguém: quando os anos vão se aproximando, a natureza se encarrega de atribuir ao corpo aquilo que lhe é pertinente em cada período da existência humana. As transformações na aparência indicam uma nova realidade.

E a cronista termina seu texto reforçando a relação que mantém com sua bisneta, que representa para ela o frescor da idade, o início de uma caminhada penosa. Contrariada com a condição de poder presenciar o crescimento e as mudanças do corpo de Ana Teresa, Rachel fala da sua vontade de poder “parar o tempo” para que a vida continue como é para a sua bisneta. Para ela, este é o “modelo” mais bem acabado e bonito que Ana poderia assumir. Pelo menos, “[...] para o velho coração da bisavó, que gostaria de parar o tempo e o cenário de luz e flor em redor de Ana Teresa” (QUEIROZ, 1993, p. 38).

Segundo Simone de Beauvoir, os sentimentos mais calorosos e mais felizes das pessoas idosas são aqueles que elas nutrem por seus netos. E isso cabe também aos bisnetos, que ocupam essa mesma linha de pensamento na cabeça dos senis. Tratam-se de sentimentos simples, que são praticados a partir do momento que os velhos assumem a condição de avós, de bisavós, etc. Quando isso acontece, vem também a satisfação por poder assumir essa condição:

Tudo o que faz a ambivalência da condição parental – desejo de identificação, de compensação, sentimento de culpa ou de frustração – é poupado aos avós. Eles podem amar os filhos com toda gratuidade, com toda generosidade, pelo fato de que não têm mais responsabilidade; não é aos avós que cabe a tarefa ingrata de educar, de dizer não, de sacrificar ao futuro o momento presente. Assim, a criança lhes manifesta freqüentemente muita ternura; encontra neles um recurso contra a severidade dos pais; não sente com relação a eles, o ciúme, o desejo de identificação, os rancores e as revoltas que dramatizam suas relações com seu pai e sua mãe (BEAUVOIR, 1990, p. 582).

Quando em contato com os netos, com os bisnetos, com crianças e adolescentes em geral, os velhos encontram nessa afeição “uma desforra contra a geração intermediária”. Esse contato com a juventude proporciona aos senis um rejuvenescimento sem medidas. Daí a preciosidade dessa relação, que ressuscita aos senescentes “sua própria juventude, transporta-os para o infinito do futuro: é a melhor defesa contra a melancolia que ameaça a idade avançada” (BEAUVOIR, 1990, p. 582).

Infelizmente, essas relações são praticamente raras, uma vez que o mundo das crianças, dos jovens, dos adultos e dos velhos não são, necessariamente, muito compartilhados. Nem sempre essa interação é gratuita e

desinteressada. Para as mulheres, então, essa afinidade assume um papel maior, já que estas são menos amarguradas e menos reivindicativas do que os homens na velhice. Elas valorizam mais esse tipo de relacionamento.

De tal modo, entender a inquietação de Rachel de Queiroz em relação ao crescimento de sua bisneta torna-se uma tarefa fácil. No conturbado mundo dos velhos, as perdas são muito freqüentes. Permitir que acelerem o processo de desenvolvimento de Ana Teresa seria, então, antecipar um momento angustiante, uma vez que, conforme vão crescendo, em sua maioria, os jovens não mais encontram tempo para interagir com os seus velhos e deles pouco procuram tomar ciência ou partido.

E o que dizer do desejo da menina: “Mas até a própria Ana só pensa no tempo em que vai ‘ser grande’. Ou ‘gande’, como ela diz.”? (QUEIROZ, 1993, p. 38). A correção feita pela autora acontece com o propósito de dar autenticidade ao discurso por ela incorporado até então. A cronista reconhece a sua derrota diante da Ciência e do desejo do próprio objeto, Ana Teresa. Por meio do lapso fonético apresentado, ela reafirma a imagem da bisneta como criança. No entanto, não sem antes reconhecer que a pequena garota também anseia por esse momento.

Diante de uma sociedade acelerada, nem mesmo as crianças escapam das artimanhas do tempo. E, à exasperada cronista, resta apenas a apreensão diante do cobijado desenvolvimento de sua querida bisneta, que se tornará adolescente, jovem, adulta e, naturalmente, velha. Sendo a velhice, conforme afirmou a autora, o mais indesejado dos progressos, possivelmente essa aceleração será repensada quando, certamente, for tarde demais para que cada etapa da existência seja valorizada em sua totalidade.

#### **4.3.2 “A Arte de ser Avó” (agosto<sup>14</sup> – 1958)**

A importância das relações familiares para o bem-estar na velhice constitui um ponto fundamental na vida dos idosos. Pesquisas enfatizam que esse tipo de afinidade ainda é essencial na assistência ao senescente e nas expectativas

---

<sup>14</sup> Mesmo depois de muita pesquisa, não foi possível localizar o dia da produção da crônica “A Arte de ser Avó”, como aconteceu com as demais crônicas abordadas.

criadas em relação ao processo de envelhecimento. Entretanto, sabe-se que, no tocante à linhagem, nem sempre se estabelece uma convivência harmoniosa e bem resolvida. Se o equilíbrio afetivo das pessoas idosas depende, sobretudo, de suas relações com os filhos, e essas, na maioria das vezes, são difíceis, uma vez que, de acordo com Guita Grin Debert, “o fato de os idosos viverem com os filhos [e com eles se relacionarem] não é garantia da presença de respeito e prestígio nem da ausência de maus-tratos” (1999, p. 83), é com os netos que os sentimentos mais entusiásticos afloram.

Tudo isso acontece, segundo Simone de Beauvoir em sua obra *A velhice*, porque:

O filho não superou totalmente seu rancor juvenil contra o pai; foi na medida em que o matou simbolicamente, que chegou a isso: desligou-se do pai, ou mesmo suplantou-o. Quando viu, de repente, seu filho um adulto, o pai atravessou uma fase de ‘sentimento edipiano invertido’: foi-lhe necessário reconstruir suas relações com seu filho [...] os sentimentos que tem por este na velhice são afetuosos, ambivalentes ou hostis. É sobretudo contra os filhos que se elabora a atitude reivindicatória e desconfiada do velho; ele se dá conta de que os filhos suportam impacientemente a autoridade que ele conserva, ou a carga na qual se transformou (BEAUVOIR, 1990, p. 579).<sup>15</sup>

Todavia, quando as afinidades são concretizadas na presença dos netos, é possível focalizar a possibilidade de um conjunto de mudanças e de criatividade capazes de minimizar ou até mesmo suplantam os inconvenientes trazidos pelo avanço da idade. Isso porque é exatamente esse tipo de sentimento que proporciona aos senis a satisfação e a sensação de preenchimento, pois, quando os netos entram em cena e os idosos assumem a sua velhice, a condição de avós lhes traz muitas satisfações.

Na crônica “A arte de ser avó”, texto integrante da coletânea *O homem e o tempo*, de 1995, reeditado na *Coleção Melhores Crônicas*, em 2004, Rachel de Queiroz explicita essa bivalência dos sentimentos das pessoas de terceira idade com seus filhos e com seus netos. Com todo o seu conhecimento diante da

---

<sup>15</sup> Lembrando que tais situações dependem muito dos costumes, da região e do tipo de relacionamento que se estabelece em cada família e cada sociedade. Simone de Beauvoir escreveu tais afirmações diante de uma realidade vivida por ela na França, país em que, na época em que o livro *A velhice* foi escrito, a questão da senescência se impunha essencialmente para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar financeiramente seu futuro – o indivíduo despossuído, o indigente.

condição de ser velho, a autora expõe sua experiência como avó e tenta elucidar, também, o porquê de os idosos estabelecerem essa relação em detrimento das relações com seus filhos ou com outros parentes:

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais filho que o próprio filho mesmo... (QUEIROZ, 2004, p. 181).

Assim a cronista inicia seu texto, enobrecendo a condição dos netos, que são, para ela, mais que os próprios filhos, um presente de Deus, dado sem cobranças, sem dores e sem sofrimentos. Todas as frustrações, as perdas e as limitações geradas em função do progresso dos anos parecem ser superadas com a chegada dos netos. Quando todos querem que as pessoas da terceira idade acreditem nas compensações da velhice, se é que elas existem realmente, é na presença dos netos que tal fato começa a parecer apropriado e plausível.

Em mesmo grau de relevância, também está a questão da “nostalgia da mocidade”, que surge quando se estabelece nos senis uma sensação de que perderam algo que não retornará jamais, a saudade de alguma coisa que se tinha e que foi sendo tomada sutilmente: “Bracinhos de criança no seu pescoço. Choro de criança. O tumulto da presença infantil ao seu redor. Meu Deus, para onde foram as suas crianças?” (QUEIROZ, 2004, p. 181). O que o idoso vê nos seus, agora, são apenas adultos totalmente complicados, cheios de contas a pagar, com famílias nem sempre estruturadas etc. As crianças se foram, e o que restou foram homens e mulheres completamente perdidos na agitação do cotidiano contemporâneo: “não são mais aqueles que você recorda”.

Nesse momento, quando a autora estabelece a simultaneidade entre o presente e o passado, nas lembranças dos avós, de sua juventude e da saudade dos filhos ainda crianças, acaba reportando o eu do cronista ao seu antigo ser. Ao mesmo tempo em que se vê uma pessoa feliz na presença dos netos, recobra, em sua memória, os momentos em que seus filhos ainda eram infantes. E uma vez desencadeada a memória, o eu do cronista resgata imagens até então perdidas e reservadas às experiências ligadas à rotina do passado.

Perante mais esse malogro, sem maiores cobranças, chegam os netos, aqueles que permitem aos idosos resgatar um pouco do que se perdeu com o adiantamento dos anos:

E então, num belo dia, sem que lhe fosse imposta nenhuma das agonias da gestação ou do parto, o doutor lhe põe nos braços um menino. Completamente grátis – nisso é que está a maravilha. Sem dores, sem choro, aquela criancinha da sua raça da qual você morria de saudades, símbolo ou penhor da mocidade perdida. Pois aquela criancinha, longe de ser um estranho, é um menino seu que lhe é “devolvido”. E o espantoso é que todos lhe reconhecem o seu direito sobre ele, ou pelo menos o seu direito de o amar com extravagância; ao contrário causaria escândalo e decepção, se você não o acolhesse imediatamente com todo aquele amor recalcado que há anos se acumulava, desdenhado no coração (QUEIROZ, 2004, p. 182).

O eu do cronista segue extasiado com a “bênção” que acredita ter recebido na pessoa do neto. Diante de tantas intemperanças advindas da senilidade, receber, assim, de graça, um presente tão especial, e ainda poder resgatar aquilo que considerava perdido e usufruir, outra vez, da possibilidade de interferir na educação de uma criança (logicamente, sem cobranças e sem intenções pedagógicas), é o mesmo que resgatar parte da vida que lhe foi roubada com o advento da velhice.

Beauvoir ainda assegura que essa relação marcadamente amorosa e reestruturadora acontece de forma mais intensa na vida das mulheres. São as avós que conseguem se pronunciar mais abertamente diante da presença dos netos. São elas que, com disponibilidade para mais ação, se “[...] ‘descomprometem’ menos. Estão também mais habituadas a viver para os outros através deles. Idosas, continuam atentas aos outros, para o melhor e para o pior” (1990, p. 582). Desse modo, assim como a entusiasmada narradora Rachel de Queiroz, os senis estabelecem um vínculo estritamente afetivo e completamente singular com seus netos.

Para a cronista, os netos são nada mais nada menos que uma forma de a vida se redimir e de proporcionar alguma alegria diante da situação tão aviltante que constitui a senilidade: “Sim, tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos,

profundos e felizes, que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis” (QUEIROZ, 2004, p. 182).

Todavia, nem tudo é um “mar de rosas” na vida da avó. E essa metáfora deve ser mesmo considerada! Nas palavras da própria autora, “nem tudo são flores”, há que se cruzar com os espinhos nessa caminhada de realizações e de descobertas junto aos netos. E, de acordo com a experiência de Rachel, a maior barreira nessa famigerada relação está na presença da mãe, a grande antagonista de todas as avós:

Não importa que ela, em si, seja sua filha. Não deixa por isso de ser a mãe do garoto. Não importa que ela, hipocritamente, ensine o menino a lhe dar beijos e a lhe chamar de ‘vovozinha’ e lhe conte que de noite, às vezes, ele de repente acorda e pergunta por você. São lisonjas, nada mais. No fundo ela é rival mesmo (QUEIROZ, 2004, p. 182).

Quando a cronista retratou sua família em seu livro *Tantos anos*, disse o seguinte: “Famílias, a natureza as faz, mas a gente as arruma e organiza” (QUEIROZ, 2004, p. 269). Portanto, pode-se aferir que é nesse plano que se encontra o relacionamento da avó com a mãe do seu neto. Dentro da estrutura organizacional familiar, cabe às mães o cuidado maior e, por assim dizer, a prioridade (que poderia ser entendida como propriedade) maior da criança. Nessa organização realizada internamente, por mais que a avó se proponha a substituir, pelos zelos e pela dedicação incondicional, a mãe da criança, é esta quem toma as decisões mais importantes e quem dita as regras a serem seguidas na educação dos rebentos.

A atitude da avó em relação aos netos depende muito da afinidade que ela mantém com sua filha ou com sua nora. No entanto, independente de tal condição, esta se sente despeitada por só representar junto a eles um papel secundário. Isso se deve ao fato de a mulher se valorizar muito como mãe e compreender a importância desse papel na sociedade e no âmbito familiar. De tal modo, a competitividade com a filha ou com a nora toma proporções gigantescas e acaba gerando situações delicadas e indesejadas, além de algumas desilusões e certos desencantos.

Para o homem, essa questão não assume tamanha magnitude. Por, na maioria das vezes, não disputarem com os filhos e com os genros no plano da paternidade, essa relação acontece de uma forma mais amena e tranqüila. Todavia, se acabam se envolvendo na vida dos netos, são tão carinhosos e tão amorosos quanto as mulheres, com uma questão a seu favor: são menos ambíguos e, por isso, instituem um relacionamento mais pacífico e menos cercado de cobranças e de melindres.

Mas, nessa complicada relação, nem tudo constitui um infortúnio para as avós, que têm ao seu lado a condição de poderem dedicar aos netos aquele momento mais “doce”, esperado e celebrado por eles. Rachel de Queiroz, com maestria, compara delicadamente a relação da avó e da mãe com a criança, ao relacionamento da esposa e da amante com o marido:

A mãe tem todas as vantagens da domesticidade e da presença constante. Dorme com ele, dá-lhe de comer, dá-lhe banho, veste-o. Embala-o de noite. Contra si tem a fadiga da rotina, a obrigação de educar e o ônus de castigar. Já a avó não tem direitos legais, mas oferece a sedução do romance e do imprevisto. Mora em outra casa. Traz presentes. Faz coisas não programadas. Leva a passear, *‘não ralha nunca’*. Deixa lambuzar de pirulito. Não tem a menor pretensão pedagógica. É a confidente das horas de ressentimento, o último recurso dos momentos de opressão, a secreta aliada nas crises de rebeldia (QUEIROZ, 2004, p. 183).

Quando estão sob a custódia das avós, não há para as crianças aquela marcação certa sobre o que é proibido ou não. Mais que isso, o que se pode perceber nessa relação é realmente a sedução da “subversão da disciplina” que, sem provocar problemas mais sérios, determina a graciosidade e o deleite dessa afinidade.

Nessa estreita e íntima relação, todas as circunstâncias corroboram para que o prazer seja aguçado. Na crônica em questão, a escritora celebra a maravilhosa oportunidade de uma avó ao passear com seu neto e causar, nas outras avós, o ciúme e aquela inveja sem maldade, pois o próprio neto é sempre o mais bonito, o mais educado e o mais inteligente de todos. E há, também, o êxtase ao se ouvir da boca do infante a palavra “vó”. E mais, a cumplicidade que se evidencia nesse relacionamento. Por mais que possam existir percalços nessa relação (e eles se instalam mesmo nessas situações), todas as ocorrências, até

mesmo as mais adversas, colaboram para que a velhice seja, para esses privilegiados, mais produtiva, menos (ou mais) insana e totalmente reconfigurada:

Eu sou avó. [...] Sou avó e estou curtindo muito ser avó. Eu fiz um poema lindo para o meu neto. Gravei músicas lindas para ele também. Eu canto para ele. Minha casa está cheia. Agora é a minha casa: está cheia. Era aquela casa grande, clara, com planta. Agora está cheia cheia cheia. É uma casa muito alegre: muita gente, muita música, alegria e... muita saudade. [...] tem muita criança pulando, correndo, saltando pra lá e pra cá (apud BARRETO, 1992, p. 131).

Conforme o depoimento citado anteriormente, pode-se perceber a relevância desse sentimento e dessa ligação. Tudo toma proporções inebriantes e prazerosas. Até mesmo os contratempos ganham uma nova dimensão:

Até as coisas negativas se viram em alegrias quando se intrometem entre avó e neto: o bibelô de estimação que se quebrou porque o menininho – involuntariamente! – bateu com a bola nele. Está quebrado e remendado, mas enriquecido com preciosas recordações: os cacos na mãozinha, os olhos arregalados, o beijo pronto para o choro; e depois o sorriso malandro e aliviado porque ‘ninguém’ se zangou, o culpado foi a bola mesma, não foi, vó? Era um simples boneco que custou caro. Hoje é relíquia: não tem dinheiro que pague... (QUEIROZ, 2004, p. 184).

Neste último parágrafo da crônica “A arte de ser avó”, fica explícita a opinião do eu do cronista no tocante ao sentimento das avós por seus netos. Retratando um fato particular, a autora encerra esse texto revelando toda a sua ternura por esses seres que, sem a menor pretensão, chegam à presença dos idosos e os enchem de um novo fôlego de vida. De tal modo, permitem que, pelo menos no deleite de sua companhia, os senis se esqueçam das restrições, das perdas e das sublimações a que são submetidos quando se deparam com a velhice e todas as suas implicações.

E, se ainda resta alguma dúvida a respeito do amor da cronista por seus netos e de toda a sua compaixão pelo prazer e pela importância dessas pequenas criaturas para ela e para qualquer outro idoso, talvez um excerto de uma das crônicas da autora escrita para um de seus netos possa clarificar essa impressão:

Ele não chegou “como um ladrão à noite” como na frase da Escritura. Veio mesmo de dia e se não a ferro e a fogo, pelo menos entre ferro e fumaças de protóxido de azoto. Causou a princípio dor, apreensão, grande medo, e no fim muita alegria. Por que tanta alegria, não sei aliás. [...] (QUEIROZ, 2004, p. 273).

Mais que uma satisfação no fim da vida, a presença dos netos e a amizade dos jovens dá às pessoas idosas a impressão de que esse tempo que vivem continua sendo o seu próprio tempo. E, de acordo com Beauvoir, essa relação proporciona aos senescentes a possibilidade de ressuscitar a “sua própria juventude” e de transportá-los para o “infinito do futuro”.

E a crônica presta-se fielmente ao papel de incorporar essas histórias da vida de cada um. Por ser ela mesmo um gênero do cotidiano, “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 1992, p. 13).

Assim, quando Rachel estabelece essa interação com seu público leitor e permite aos mesmos a possibilidade de conhecer um pouco mais a respeito de sua vida, cria um ambiente de descontração em sua crônica. Ao narrar as suas emoções referentes aos netos, emprega em seu texto certo ar de familiaridade, de conversa despretensiosa, no entanto, de fino acabamento, possibilitando uma maior imersão do leitor na “prosa fiada” que se instala quando a cronista revela a sua felicidade por ser avó.

Além disso, diferentemente das demais leituras realizadas neste trabalho, a crônica em questão apresenta um eu do cronista mais novo e menos atingido pelas circunstâncias da velhice, o que denota ao texto uma linha de pensamento menos pessimista em relação à situação dos idosos. Em 1958, com apenas quarenta e oito anos de idade, as impressões de Rachel diante da senilidade eram mais leves, como se pôde observar nas crônicas anteriores e como será constatado, ainda, nas leituras que virão.

#### 4.4 OS VELHOS E AS DATAS

*Quando a velhice chegar, aceita-a, ama-a. Ela é abundante em prazeres se souberes amá-la. Os anos que vão gradualmente declinando estão entre os mais doces da vida de um homem. Mesmo quando tenha alcançado o limite extremo dos anos, estes ainda reservam prazeres.*

(Sêneca<sup>16</sup>)

O sujeito idoso não pode ser apenas considerado em sua exterioridade, enquanto objeto da Ciência e da História. Mais que isso, trata-se de um ser que interioriza a sua situação e que, via de regra, reage a ela, tentando entender como se dá a sua velhice e as decorrências dessa transição. Como, então, em sua singularidade, ele vive a sua velhice? Que conjunturas possibilitam a compreensão dessa etapa da vida?

É verdade que a condição das pessoas de terceira idade não é a mesma em todas as partes do mundo e, muito menos, em todas as épocas. Mas é possível exemplificar esse relacionamento indivíduo/idade considerando algumas datas que cercam as pessoas idosas, aqueles momentos que se concretizam e que permitem a conscientização e o vislumbre dos acontecimentos em torno da essência de cada um.

No entanto, as interferências por parte dos mais variados fatores acabam por definir a verdadeira condição do homem velho, pois cada um só consegue estabelecer um verdadeiro sentido a sua vida, na medida em que encontra significado em sua relação com os outros, com o mundo e com sua própria história. Qualquer recorte é arbitrário e não deve ser permitido. A última idade é um momento necessário e crucial para que as relações com o próprio corpo, com a imagem, com o tempo, com as datas, com o próximo e com o mundo sejam estabelecidas e incorporadas de forma a contribuir para que os senescentes possam

---

<sup>16</sup> Pensamento do filósofo romano que acreditava que o destino de todos encontra-se predestinado. O homem pode apenas aceitá-lo ou rejeitá-lo. Se o aceitar de livre vontade, goza de liberdade. E, para o pensador, a morte é um dado natural, assim como a velhice.

integrar-se de uma maneira satisfatória ao novo mundo e às imposições dessa transição.

Juntamente às descobertas e à assunção da velhice caminham a insegurança e a vivência de situações novas. Dessa forma, quando os sujeitos velhos se vêem diante de algumas datas, especialmente os aniversários e as passagens de ano, sentem que a vida está “escorrendo” de suas mãos, já que o tempo está passando. E, à medida que presenciam essas comemorações, sentem mais ainda o peso da idade, pois celebrar um aniversário ou iniciar um novo ano representa o andamento da vida e, conseqüentemente, o distanciamento dos dias de juventude e o envelhecimento do corpo, do intelecto e da alma.

É fato que isso acontece de formas diferentes para cada pessoa. Entretanto, independente da reação ou da aceitação, são eventos que subsistem na constituição da vida do ser humano.

Se a velhice “é uma construção social, um fenômeno cultural que implica uma dinâmica e elabora-se tanto nos valores da cultura oficial, como encontra-se, também, associada à maneira como é vivenciada [...]” (LEITE, 2004, p. 4), repensá-la em função da decorrência da vida e por meio da aceitação de algumas passagens e de certas transformações pode tornar-se algo tão prazeroso quanto assustador, na medida em que aconteça e seja considerado como uma forma de avaliar e repensar a efetivação da vida.

#### **4.4.1 “A Cobra que Morde o Rabo” (09-01-1999)**

“Mais um ano que passa.” Assim Rachel de Queiroz inicia a crônica “A cobra que morde o rabo” (2002, p. 250), outro momento de desabafo e de reflexão da autora em relação ao tempo, a sua velhice e ao que decorre dessa situação. Talvez seja esse quase o ponto final das muitas reflexões da cronista ao longo de sua senescência. Para ela, a passagem de mais um ano representa bem mais que a aproximação da senilidade, trata-se de um processo inverso àquele que é traçado desde o início da vida de cada sujeito.

Quando crianças, as pessoas sonham com o momento em que serão jovens, adultos e até velhos. Muitas opiniões são formadas ao longo da

existência e muitos são os propósitos lançados ao rés da vida de cada indivíduo. Cada menino e cada menina criam para e em torno de si ilusões daquilo que a vida lhes proporcionará ao longo dos anos. Os objetivos são traçados em prol dos desejos e dos anseios dos indivíduos. Entretanto, nem sempre os mesmos são alcançados.

O próprio eu do cronista começa o texto em estudo apresentando suas desilusões e os rumos incertos que sua vida tomou com o passar dos anos. Segundo Vinicius de Moraes (1991), em *O exercício da crônica*, a auto-referência existente na maioria das crônicas é quase que uma teorização, pois as reflexões informais acabam tomando conta desse tipo de texto, que é o que acontece com Rachel em “A cobra que morde o rabo”, quando a escritora repensa a sua vida e o caminho inverso percorrido pelos idosos:

Quando eu era menina, pensava na passagem do século e dizia comigo: ‘Vou estar muito velha. Quando acabar 1999, eu irei completar 89 anos!’ e esses 80 anos me pareciam tão distantes quanto o fim do mundo; e me imaginava como seria eu, então (se sobrevivesse até lá!) velhinha, apoiada no bastão, ralhando com os bisnetos... e já cá estou, sem bastão, andando livremente (até de salto, às vezes!), enfrentando a vida e suas tristezas, com a velha resignação cearense, que a gente já traz na massa do sangue (QUEIROZ, 2002, p. 250).

O fim de 1999, mais que uma passagem de um ano ao outro, representaria a virada do século, momento marcante para todas as pessoas dessa época, pois seria uma transição diferente, que só acontece de cem em cem anos, relevante em termos de mudança. Além do mais, presenciar uma virada de século não é uma ocorrência que todas as pessoas conseguem vislumbrar. De igual modo, independente da contagem matemática, que calcula a virada do milênio em 31 de dezembro de 2000, para o comum das pessoas, que considera a virada numérica, o fim de 1999 representaria, também, a virada do milênio, portanto, um evento mais raro ainda na vida do indivíduo.

No caso da cronista, quando ainda criança, sonhava com esse acontecimento pensando no que sua vida se transformaria, por quais processos teria passado e como reagiria a esse momento estando, então, em sua velhice. E, mesmo sendo cearense (povo que rebate as agruras e que sempre se levanta) e

desfrutando de mais vigor do que sonhara em sua infância, a narradora admite não estar feliz nessa fase, porque a velhice lhe consome e as adversidades lhe parecem muitas e até imponentes demais. O fato de a autora não estar usando bengalas e de conseguir andar de salto alto não a faz se sentir superior àquilo em que imaginara se transformar em sua meninice.

Segundo Ecléa Bosi, essas impressões acompanham os sujeitos, porque “o tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório... Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão” (BOSI, 1998, p. 418). Dessa forma, o tempo de cada pessoa configura-se na medida em que a mesma intensifica sua vivência ou nela se retrai. Muitas vezes, nem mesmo as reações conseguem reverter aquilo que a sociedade impõe e cobra dos seus. Se a bengala caiu em desuso na contemporaneidade, nem mesmo desse “afetuoso dissabor” os idosos poderão usufruir mais.

Há ciclos, mensais e anuais, para as relações afetivas e para o desenrolar das circunstâncias. Cada ano apresenta ocasiões de plenitude, de vazante, de recesso, de vazio, de supressão e, também, de organização dos sentimentos. Todas as desventuras podem ser vivenciadas ao longo de cada ano e de cada mudança. Segundo a autora, aquilo que passa, que acaba, parece ser arrancado dos sujeitos sem a mínima chance de retorno. Daí o descontentamento diante das passagens de ano, das festas realizadas nesse momento e de todas as incidências decorrentes dessa trajetória:

Por mim, não gosto de passagem de ano. Cada ano que se acaba é como se o cortassem de mim. Era meu e não é mais. Eu dependo dele para fazer projetos, marcar viagens, dividi-lo em mínimas porções: ‘Semana que vem vou a São Paulo, faço isto e aquilo lá (divido as horas e até os minutos em variados compromissos), é como se eu estivesse comprando o tempo para o meu uso’ (QUEIROZ, 2002, p. 251).

Quando o indivíduo dispõe de tempo para realizar os seus projetos, conseqüentemente, encontra forças e vontade para continuar sua caminhada. Nesse sentido, a idade é fator determinante para que se procure viver bem, com dignidade e à sombra dos objetivos delineados durante a existência de cada criatura. Com o passar das horas, das semanas, dos anos, das décadas etc., o que se percebe e se

institui é a diminuição daquele tão precioso dispositivo necessário para que se viva intensamente e sem ressalvas: o tempo. Assim sendo, por mais que se consolidem por meio de festas, de comemorações, de unificação entre os seres e de momentos de regozijo e de abundância, as passagens de ano acabam simbolizando, de igual modo, uma perda irreparável.

É preciso, nessa circunstância, reler a passagem do tempo e questionar essa condição da primazia dos indivíduos sobre o mesmo. Quando o sujeito acredita ser ele o “senhor” das circunstâncias e do tempo, opera em seu interior uma mentira em que firma seus pensamentos e seus anseios, projetando nisso toda a sua vitalidade. Dessa forma, quando se depara com a realidade das “irrealizações” prováveis diante da velhice, conforme afirmou Sartre, percebe-se em uma categoria repleta de frustrações e de instâncias que limitam todas as suas escolhas e constituem o avesso daquilo que fora planejado até então:

E como a gente se engana! O tempo é que é nosso dono, suscita o inesperado, valendo-se das coisas mais íntimas. Até um salto de sapato que se quebra pode impedir o encontro definitivo de sua vida: você não consegue chegar na hora, e a pessoa amada vai embora após a espera inútil, certa de que a sua ausência era a prova definitiva do rompimento. E quando você consegue chegar ao ponto marcado, com duas horas de atraso, a pessoa amada já foi embora, certa de que tudo acabou (QUEIROZ, 2002, p. 251).

Rachel de Queiroz mostra-se bem sincera e segura de sua afirmação quando faz essas declarações em relação à superioridade do tempo sobre os desejos humanos. O lance do exemplo do salto do sapato, um fato corriqueiro que pode acontecer a qualquer pessoa, em qualquer situação vivida no atribulado cotidiano da modernidade, esse simples episódio pode definir e modificar a vida de qualquer sujeito. Assim, a expressão contestada por Ecléa Bosi, “meu tempo”, toma mesmo cargas negativas e caráter de discussão: há mesmo um tempo de cada um, que possa ser manipulado e contestado? Há, também, um meio de referir-se ao tempo como “o meu tempo”, se ainda a pessoa encontra-se viva e não tomou emprestada sua época a outrem?

De qualquer forma, o tempo que o homem considera seu é, na realidade, aquilo que o contraria e que o desconecta das suas vontades. E nesse contexto, o idoso aparece como um sobrevivente, alguém que se perdeu em meio às

intemperanças e as armadilhas desse tempo. Simone de Beauvoir expõe essa complicada relação por meio de suas divagações acerca da condição desse mesmo homem dentro da história, partindo de sua relação com o tempo e as atividades que executa ao longo de sua vivência:

Existir, para a realidade humana é temporalizar-se: no presente, visamos o futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado, no qual recaem nossas atividades, imobilizadas e carregadas de exigências inertes. A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada. As conseqüências dessas mudanças repercutem umas nas outras para gerar uma situação, variável segundo a história anterior do indivíduo, mas da qual podemos destacar constantes (BEAUVOIR, 1990, p. 445).

Beauvoir e Rachel de Queiroz compartilham da mesma opinião quando asseguram que o passar dos anos é um dos responsáveis pelas modificações da vida dos sujeitos. À medida que os dias vão avançando, mais curto fica o futuro, enquanto o passado se torna mais pesado e presente, transformando-se no único meio de resgate daquilo que um dia pertenceu, incondicionalmente, ao indivíduo. Quando se vê perdido em sua velhice, o homem retorna à infância, à adolescência e à maturidade, pois é aí que encontra uma forma de viver a sua idade com mais evidência. É nesse universo que o senil, muitas vezes, recusa o tempo que se instala e mantém uma estreita solidariedade com o passado, pois não vê nessa nova etapa condições de se manter firme e em pé. “O que estou querendo dizer é que a gente é muito mais joguete das circunstâncias do que se pode imaginar” (QUEIROZ, 2002, p. 251).

Nesse contexto, a cronista compreende que uma simples passagem de ano pode representar muito mais que um mero evento familiar e também comercial. Nem mesmo as festas, as reuniões sociais e as badaladas convenções dessa época podem suplantar aquilo que esse período realmente representa para o eu do cronista e os senescentes em geral: não haverá mais tanto tempo para planejar viagens, para realizar projetos e tantos mais desejos que se perderão e ficarão guardados apenas na cabeça de cada ancião. De acordo com Jorge de Sá (2005),

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias (p. 11).

E é nesse sentido crítico que se percebe a importância do lado circunstancial da vida, capaz de apontar para os momentos mais banais, no entanto, propícios para o estabelecimento de uma postura adequada perante os idosos. E se as datas constituem artifícios que acabam afastando o ancião de sua realidade, ou pelo menos da realidade idealizada por ele, é impossível não acontecer de os velhos se sentirem deslocados e perdidos diante da passagem de mais um ano de vida, que é o que cada indivíduo ganha ao longo de sua existência.

E ainda há a mais cruel das verdades nessa constatação: se o tempo passa, a vida também passa. Toda existência é efêmera. Por mais que se queira acreditar em uma vida estável, há que se admitir o caráter transitório dessa realização. “Além de tão curta, tão repartida: infância, mocidade, maturidade, velhice, cada capítulo tem sua própria sorte, seus risos, suas dores, seus mistérios” (QUEIROZ, 2002, p. 252). Assim, talvez seja essa a grande sorte do ser humano, saber que tudo é passageiro, a começar pela sua própria vida, sua própria existência. Logo, por mais intransigentes que determinadas circunstâncias possam parecer, resta ainda o consolo de que tal fato não durará para sempre, e terá forças enquanto o tempo assim puder sustentar, até que a efemeridade transpareça e faça prevalecer a prepotência das situações em detrimento da temporalidade.

Mas, segundo a cronista, o mais curioso de tudo nessa situação reside na questão do aprendizado que o ser humano tem no decorrer de sua vida. Por mais que os indivíduos adquiram experiência, por mais que a existência insista em corresponder a um exercício da prática, não é dessa forma que as coisas realmente acontecem. Conforme a autora,

Um velho de cabelos brancos é tão experiente e crédulo quanto um menino, diante de sua vida. Cai nos mesmos tropeços, o menino ao aprender andar, o velho que já não pode mais confiar nas pernas para cruzar os passos. E a gente acaba, na vida, no mesmo ponto em que começou. Como a cobra que morde o rabo (QUEIROZ, 2002, p. 252).

Essas complicações que se sucedem num crescente na vida dos indivíduos, especialmente na vida dos anciãos, acabam servindo de pretexto para que as pressões sofridas em suas trajetórias, suas esperanças, suas decepções e suas expectativas tornem-se o ponto central de sua existência. A condição de ter de se adaptar aos desígnios e aos desejos das demais pessoas acaba desencadeando situações, às vezes, divertidas, outras, ridículas e até desconcertantes. Daí a opção da utilização da imagem da cobra que morde o próprio rabo como metáfora do ciclo da vida: “o menino será o velho e o velho será o menino”. A cobra que morde o próprio rabo opera, num movimento circular e contínuo, todo o processo dinâmico e transformador da vida. Quando ela morde sua cauda e não pára de girar sobre si mesma, evoca a roda da vida à qual cada ser humano está preso. No caso dos velhos, representa a ineficácia da experiência adquirida ao longo da vida, que acaba sendo menosprezada e destituída de seu verdadeiro valor.

Desse modo, em conformidade com as proposições da cronista, tudo aquilo que até então era considerado o grande legado das pessoas velhas perde um pouco de sentido diante dessa constatação. Toda a experiência adquirida ao longo da existência dos senescentes deixa de ter tanta importância e passa a ser reconhecida apenas como um retorno ao início de tudo. Se a criança não tem tanta firmeza em suas pernas quando começa a andar, de igual modo os idosos perdem a confiança em seus membros inferiores quando a caminhada lhes parece mais dura e trabalhosa.

E, diante dessas constatações, alguns projetos acabam se petrificando, os imperativos multiplicam-se e o que corresponde ao avesso deles transforma-se em impossibilidades. Dessa forma, para entender em que medida o senil se vê atado face ao seu destino, é preciso considerar e ponderar as formas como esse futuro se apresenta e se configura na vida das pessoas que se encontram na terceira idade. Tanto mais fechado e acabado se apresenta, mais difícil será a adaptação dos idosos em cada novo amanhecer.

#### 4.4.2 “Os Noventa” (25-11-2000)

Heloisa Buarque de Hollanda, no prefácio da obra *Rachel de Queiroz* (2004), afirmou que as crônicas da escritora lembram muito o estudo de Walter Benjamin, “O narrador”, no qual o autor comenta que a literatura tem perdido aquela característica mágica de relatar os fatos partindo de experiências vividas ou até mesmo por via de transmissão oral. Não obstante, a cronista em questão mantém esse tom narrativo, pois se sustenta na confiança daquilo que relata e na verdade que se estabelece pelo contato direto entre o narrador e o seu ouvinte: as frases fluem e os lances se concatenam e se movem de uma crônica para a outra, constituindo um infundável contar.

É assim que a autora realiza o seu fazer cronístico, como se estivesse confabulando com os seus leitores. Construindo quase que uma crônica poema-em-prosa, Rachel permite o “extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios [...] carregados de significado” (COUTINHO, 1986, p. 133). Dessa forma, assim como seus companheiros de época como Álvaro Moreira, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo e Eneida, a cronista estabelece esse ar de confissão diante das suas maiores angústias.

Na crônica “Os noventa”, mais uma vez nos deparamos com o eu do cronista preocupado com a questão da idade e com os assombros que rondam a senilidade. A escritora estabelece quase que um ambiente de confissão para deixar transparecer a sua angústia frente a essa situação. Rachel usa as suas crônicas para refletir sobre as questões que permeiam a sua vida. Se no início das suas atividades como cronista, buscava seus temas nas lembranças da infância, nos tipos que a haviam marcado e nos equivalentes a esses fatos na atualidade, no fim de suas produções, preocupou-se em interrogar e comentar a respeito das questões do tempo, da idade e de todas as imposições que advêm dessa circunstância.

Sobre a velhice, o acúmulo de dezenas de anos é algo que incomoda a cronista, pois tem a convicção de que, a cada ano que passa, tudo vai ganhando novas formas e se configurando de modo a atormentar a vida daqueles que enfrentam o avançar da idade. Trata-se de uma grande iniquidade perante aqueles que já ponderaram longos anos de vivência:

Por que as dezenas são importantes, a gente não sabe muito bem. Mas sempre procuro dar uma explicação a cada dezena de anos que completo. Desde os cinqüenta. Talvez seja uma maneira de fugir ao impulso natural de negar a idade quando ela nos parece excessiva. Talvez uma defesa também: se eu proclamo a minha idade ninguém se interessará em alegá-la contra mim, setenta, oitenta e agora estes antipáticos noventa. Não estou achando a menor graça: e lá dentro do meu coração, eu sinto que estes noventa anos são uma injustiça imerecida (QUEIROZ, 2002, p. 285).

Conforme os anos vão passando e a senilidade vai tomando conta do corpo dos sujeitos, mais perto os mesmos se vêem da sombria realidade da velhice. No caso do eu do cronista, atingir os cinqüenta, os sessenta, os setenta, os oitenta e, depois, os ingratos noventa anos, nada mais é do que perceber a vida se esvaindo por meio de seus dedos. E, perante todos os deleites e os infortúnios que marcam a existência, chegar até essa idade pode parecer uma injustiça, visto que denota certas restrições, algumas perdas e muitas mudanças indesejáveis.

A indiferença por parte do ancião ao momento presente e a fixação do mesmo no passado pode se firmar no ponto em que, na maioria das vezes, a contemporaneidade lhes tira determinadas possibilidades de escolha. A autora comenta nessa crônica que todas as pessoas deveriam ter o direito de escolher a idade que gostariam de ter, isso porque os anos acabam sobrepujando algumas características inerentes aos seres humanos, que são, geralmente, rechaçadas e até mesmo esquecidas e abandonadas pelos senis. Do mesmo modo, o contato com pessoas mais novas, que vivem um momento diferenciado, permite aos velhos um retorno a um tempo que já lhes pertenceu. Na crônica “Os noventa”, é exatamente essa impressão que a autora transmite:

[...] quando tenho no colo meu bisneto Pedro, que é um irreprimível aventureiro, sinto que o entendo, partilho das suas brincadeiras, me arrisco pelos caminhos que ele sugere. E realmente, com Pedro no colo, sinto que tenho quase a idade dele. Mas junto aos meus velhos amigos, já octogenários, ou mesmo nonagenários, sinto-me como se fosse o próprio Matusalém. Partilho dos problemas deles, das suas indignações, de suas cóleras contra o regime e o poder. Fazendo essas confissões, ocorre-me, de repente, que sou uma pessoa de resistência muito frágil ao seu meio e às suas circunstâncias. [...] (QUEIROZ, 2002, p. 286).

A ligação que os velhos estabelecem entre si e com os mais moços acaba sendo mesmo muito dúbia, na medida em que dois pontos essenciais fundamentam esses relacionamentos: a questão da aproximação com a realidade, a partir do momento que o outro permite ao seu companheiro que se enxergue como se estivesse frente a um espelho, pois os anciãos compartilham das mesmas indagações, das mesmas frustrações e dos mesmos anseios; diferentemente, na presença dos púberes, há a possibilidade de retorno e os idosos sentem-se rejuvenescer ao contato com a mocidade que os cerca.

O que se percebe em presença dessas colocações, de acordo com Iolanda Lourenço Leite (2004), “é que há um referencial simbólico específico de cada grupo, os quais constroem uma identidade coletiva, marcando as suas diferenças em relação uns aos outros. Por esse motivo é que a velhice é representada de maneiras diversas em diferentes sociedades” (p. 4), e a idade daqueles que compartilham o mundo dos idosos também determina o tipo de ligação que predominará entre eles e o seu próximo. Daí Rachel de Queiroz declarar que as circunstâncias colaboram para a efetivação de sua realidade.

Se para a cronista o acúmulo de dezenas de anos representa certas restrições, também simboliza um aumento na capacidade de compreender aqueles que estão ao seu redor, pois é com o adiantamento dos anos que ela admite se tornar uma pessoa mais ponderável e tolerante, até mesmo diante de algumas situações incabíveis e desconcertantes:

Quando jovem, pregava revoluções e mudanças, me apaixonava contra os poderosos. Mas, à medida que fui envelhecendo, o meu grande amor pelo gênero humano sobrelevava todos os demais sentimentos. Quando jovem, a gente tem pelo próximo o interesse que é mais curiosidade, descoberta e até um pouco de ressentimento. À medida que o tempo passa, a gente abranda. Conhecendo melhor as próprias fraquezas, procura entender as fraquezas dos outros. E vê-los cometer atos de intolerância e hostilidade, a gente tira o desconto e, em vez de hostilizar, procura entender. Creio que a melhor qualidade da velhice é a compreensão, até mesmo as condescendências com o que nos pareça erro nos outros (QUEIROZ, 2002, p. 286).

Assim, quando o cotidiano da vida dos idosos é partilhado com outros, e essa ligação permite o florescer de sentimentos sublimes como o amor, o

resultado é o intercâmbio contínuo entre as partes que ficam face a face, e que resultam nas experiências emocionais mais profundas e passíveis de compreensão. De tal modo, mesmo diante de tantas circunstâncias desfavoráveis aos senis, Beauvoir afirma ser a interferência nos relacionamentos a mais grave dificuldade já constatada na definição da condição do idoso, pois “cada um só encontra seu verdadeiro sentido na sua relação com os outros” (1990, p. 346). Fora disso, tudo se torna arbitrário e desnecessário.

Talvez essa constatação possa auxiliar no entendimento do sentimento dos velhos para com seus filhos, seus netos e seus bisnetos, às vezes, pessoas abomináveis, que a autora segue apontando na crônica “Os noventa”. Para ela, é prontamente aceitável o amor que uma pessoa de terceira idade oferece aos seus. Por mais que estes nada tenham feito para merecer tal carinho e tal atenção, esse sentimento aparece de graça, sem cobranças ou reivindicações. Segundo Rachel, isso ocorre porque, ao envelhecer, o indivíduo fica mais frágil e livre de certos ressentimentos que insistem em acompanhar os seres humanos ao longo de sua existência. O esquecimento, o amadurecimento e o perdão passam a coexistir no mundo dos senescentes que, em função de um desgaste da memória ou um abrandamento do coração, tornam-se pessoas menos rancorosas.

E mesmo quando a cronista insiste em questionar as conseqüências da senectude, abordando a questão de uma cordialidade talvez em função de uma constatação de um retrocesso quando se atinge a velhice: “Meu Deus, como a Rachel está velha e diferente! Coitada!” (QUEIROZ, 2002, p. 287), ainda assim encontra, finalmente, uma compensação em todo esse tortuoso processo conforme ela mesma diz:

É assim que acontece. O seu coração só guarda aqueles ressentimentos gravíssimos, os que não têm perdão. O resto vai embora, lavado pelo tempo. Em compensação quanta coisa boa nos ocorre de repente, boiando à flor da memória. Um sorriso, um gesto, um carinho. [...] E aquela gratuidade lhe dá uma sensação de prêmio; é como se você, passando num jardim, visse na sua mão a mais bela flor. Os gestos espontâneos quase sempre são inesperados. E com esse elemento de surpresa é que nos conquistam a gratidão (QUEIROZ, 2002, p. 287).

E, frente àqueles que lamentam por não terem conhecimento do futuro, termina esse escrito afirmando que já bastam às pessoas as promessas e as ameaças do presente. Diante desse fato, até agradece a confirmação dos seus noventa anos, e completa seu pensamento conformando-se com o seu destino e com as surpresas que lhe aguardam: quer sejam boas ou más, serão poucas.

Dessa forma, conclui-se que a reflexão sobre o tempo, sobre a idade e sobre tudo que dela incide, realizada em grande parte das obras de Rachel de Queiroz, constitui sua grande contribuição literária e, ao mesmo tempo, sua dor fundamental. E é na crônica, o lugar do “cotidiano monumentalizado”, que os temas da autora, as suas angústias pessoais e os mais prosaicos acontecimentos ganham caráter fundamental para a sua instalação dentro do quadro da literatura brasileira contemporânea.

De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda, a “lucidez, muitas vezes desconfortável, sobre o fluir incessante do tempo, acompanhou Rachel desde seus primeiros escritos” (QUEIROZ, 2004, p. 16). Sua reação frente ao sentimento de saudade e algumas datas emblemáticas como as passagens de ano, os aniversários etc. são interessantes de serem observadas. E, certamente, traduzem aquilo que norteia parte da obra da autora, que realiza uma reflexão filosófica a respeito do tempo mais intensificada no final de sua vida, quando conduz seus pensamentos e sua produção, sem medo e sem ressalvas, para o tema da morte.

Essas últimas linhas que compõem o livro *Falso mar, falso mundo* seguem carregadas da sabedoria dos noventa anos da autora, celebrados com essa reflexiva crônica que encerra o volume. Trata-se de um misto de conforto por tantos anos vividos e, ao mesmo tempo, uma redenção das mágoas acumuladas ao longo da vida: “O homem vive um só dia, mas nesse dia vive como se fosse para sempre”<sup>17</sup> (Rachel de Queiroz).

---

<sup>17</sup> Pensamento de Rachel de Queiroz explicitado em muitos de seus escritos e quase sempre presente em sua fala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje, na esfera dos estudos literários, a crônica não recebeu a devida atenção enquanto gênero. Dentro do universo narrativo, não se deu, ainda, uma autoridade merecida para os textos que figuram nesse domínio. No entanto, assumir a importância do fazer cronístico denota a capacidade de identificar características e de apontar peculiaridades da moderna literatura brasileira. Como afirmou Antonio Candido, graças a Deus a crônica é um gênero menor, porque essa “suposta inferioridade” acaba aproximando-a dos leitores. Assim, negar essa afinidade consiste em recusar a realidade da literatura contemporânea.

A crônica por si só compreende um vasto e rico campo de um discurso poético qualificado. Denegar, portanto, sua existência e sua proeminência dentro da literatura nacional seria o mesmo que diminuí-la e/ou inferiorizá-la. Considerar o fato de parecer-se muito com as conversas prosaicas e com os acontecimentos do dia-a-dia uma condição irrelevante seria o mesmo que destituí-la de sua veia literária e ignorar os esforços dos muitos autores que se embrenharam (e se embrenham) por esses caminhos.

A história do fazer cronístico no Brasil teve início há muito tempo, por volta de 1825. Escrevendo no *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, Francisco Otaviano de Almeida Rosa abriu espaço para esse tipo de escritura. Segundo Afrânio Coutinho (1986, p. 124), José de Alencar foi quem “imprimiu à crônica a mais alta categoria intelectual” em sua época, após substituir Otaviano no *Correio Mercantil*. Desta feita, os autores românticos foram os primeiros cronistas brasileiros, e iniciaram seu trabalho, mesmo que produzindo textos grandiosos nessa categoria, debaixo de um rótulo de inferioridade que persiste até os dias atuais. Daí a necessidade de se trabalhar o gênero crônica buscando efetivar uma profunda revisão desses valores.

Muitos escritores brasileiros, desde José de Alencar, Machado de Assis, passando por Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, até a própria Rachel de Queiroz, desenvolveram esse gênero:

Se alguma coisa em comum possuem escritores tão diferentes entre si é, no plano expressivo, a decisiva incorporação da fala coloquial brasileira, que se ajustava perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana, espaço preferido da crônica, por tudo isso cada vez mais comunicativa e próxima do leitor. Na verdade, ela se tornava um campo de experimentação de uma linguagem mais desataviada, flexível e livre, adequando-se à necessidade de pesquisa da realidade brasileira que passara a se impor à consciência dos intelectuais [...] (ARRIGUCCI, 2001, p. 62-63).

Ao se observar a produção desses autores dentro do estilo em questão, torna-se totalmente imprudente afirmar que não há nesses escritos o mesmo brilhantismo e a mesma capacidade literária característicos de seus contos, de seus poemas ou de seus romances. E se essa constatação pode ser claramente observada, por que, então, inferiorizar o gênero?

Talvez uma das prováveis respostas a esse questionamento esteja no caráter polimórfico que a crônica assume, oscilando ora entre a efemeridade do jornal ora entre a arte da literatura, provocando, assim, o questionamento da sua literariedade.

Para um melhor entendimento do gênero, faz-se necessário uma reflexão acerca de sua relação com o jornal como seu primeiro veículo de circulação, mas que procura, conforme a solidificação de suas propostas, encaminhar-se para a “eternidade” nos livros. Segundo Luiz Roncari (1985, p. 13), a crônica “realiza seu verdadeiro ser na brevidade dos jornais, mas espera repousar dessa passagem agitada e curta no livro que a lembre e recorde, como a imagem que foi um dia”. E, mesmo diante da existência de muitos cronistas medíocres, que não se preocupam com a qualidade de seus escritos, e apenas o fazem para cumprir com um compromisso profissional, aproveitando-se da brevidade e da leveza do texto, ainda assim seria totalmente preconceituoso generalizar toda uma gama de produções considerando o descompromisso de alguns.

O intuito deste trabalho foi apagar essa impressão fugaz que, às vezes, a crônica assume perante o público leitor. Espera-se que as leituras realizadas tenham colocado à mostra a eficácia de Rachel de Queiroz (como também, mesmo que brevemente, de autores como Drummond e Braga) no manejo das palavras e na competência em recriar os acontecimentos cotidianos, revelando todos os dissabores, as verdades, os desejos e as necessidades das pessoas

velhas e do homem em geral diante da vida diária. Dessa forma, que se tenha conseguido demonstrar que a capacidade da crônica de figurar tanto nas páginas diárias de um jornal, como nos livros, ou ainda através das fronteiras dos demais gêneros literários, não constitui um aspecto negativo, mas sim, um privilégio, uma inclinação que permite a ela se aprimorar e acompanhar as transformações da sociedade moderna.

As leituras das crônicas de Rachel de Queiroz só fizeram comprovar toda essa capacidade literária e, como afirmou Eduardo Portella, a nova condição da crônica brasileira de adquirir e assumir a sua soberania. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda, a respeito da autora, foi “a crônica o espaço onde melhor registrou suas lembranças, opiniões, afetos, indignações. Quase um diário que a acompanhou por 77 anos. [...] E foi ainda neste gênero, entre o jornalismo e a literatura, que a autora mais experimentou os limites de sua escrita” (QUEIROZ, 2004, p. 8).

E é justamente diante dessa capacidade que se encontra a resposta para tantos questionamentos a respeito da crônica e o seu encontro (conflituoso poder-se-ia assim dizer) com o jornal e com a literatura. Sem permitir a perda do caráter artístico, a crônica permitiu-se acompanhar o desenvolvimento histórico. Além disso, conseguiu, à medida que se firmou como um gênero próprio do cotidiano, assistir criticamente à vida, testemunhando suas particularidades, suas complexidades e, de igual modo, suas trivialidades, sem perder de vista o lirismo, o humor e a criticidade, ou seja, de forma criativa e eficaz.

No que diz respeito ao fato de alguns estudiosos condenarem a crônica por esta não demonstrar um engajamento social, diante das inúmeras colocações de Rachel de Queiroz a respeito da velhice nos textos analisados, tal situação cai por terra. É bem verdade que o gênero constitui-se, em sua gênese, um estilo mais descompromissado e leve, o que não significa um total afastamento das questões sociais nem tampouco uma provável alienação. Ao invés disso, o cronista tem a possibilidade, como é o caso da autora considerada nesta dissertação, por meio de uma aparente superficialidade, de estabelecer em seus escritos uma ferrenha crítica social.

Em todas as crônicas contempladas, percebe-se a preocupação da cronista em retratar as situações que norteiam a questão do tempo, da idade e da vida diária. Paulo Rónai afirmou certa vez que a autora procurava sempre imprimir em seus feitos uma “complexa naturalidade”. “E foi desta combinação entre o estilo

direto, a naturalidade narrativa e a busca insistente pelos efeitos literários da oralidade, que foram feitas as inúmeras crônicas de Rachel de Queiroz” (QUEIROZ, 2004, p. 10). E esse engajamento que ocorre na crônica deve-se à observação do cotidiano, daquilo que há de mais prosaico e humano na sociedade. Assim sendo, ao cronista cabe a “missão” de, por meio de um bate-papo camuflado e aparentemente desinteressado, expressar seus juízos de valores e suas opiniões a respeito da sociedade que o rodeia.

É preciso que se diga, ainda, que a leitura dos textos de Rachel de Queiroz possibilitou uma dinâmica muito prazerosa no contato com as ações provenientes dos caminhos da crônica, da vida cotidiana e da problematização decorrente da vida dos idosos na contemporaneidade. O fato de a autora estabelecer quase que uma contigüidade presencial com o leitor e criar um espaço de intimidade muito grande ao relatar a sua perplexidade diante de tantos acontecimentos que envolvem a pessoa de terceira idade, possibilitaram uma maior captura da essência da cronista nos textos analisados. Além do mais, em todos os escritos estudados, pôde-se perceber, de uma forma muito curiosa, uma objetividade totalmente subjetiva da autora, característica que existe na romancista, mas que aparece, de forma mais acentuada ainda, na cronista.

Diante das pesquisas, dos estudos, das leituras e de tantas colocações, conclui-se, portanto, que a crônica é, antes de mais nada, o lugar em que se pode apreciar todo o trabalho do escritor na construção do seu texto, e ainda a constatação (por meio deste) de sua própria vida. Dessa forma, o autor de crônicas pode ser reconhecido não apenas como um narrador ou como um jornalista. Antes de tudo, trata-se de um cronista, um prosador do cotidiano preocupado em estabelecer vínculos, em mostrar os fatos e em desafiar não somente o jornalismo, mais ainda, a própria literatura.

Assim, chega-se ao fim desta dissertação. No entanto, não ao fim das conclusões a propósito da questão da velhice, nem tampouco a respeito da crônica, suas ligações com o cotidiano e as implicações da idade na vida das pessoas dentro das situações corriqueiras. A reflexão sobre o tempo, sobre os anos e sobre a literariedade da crônica poderão ser observadas e discutidas, à medida que mais pessoas se dispuserem a se enveredar por esse caminho.

Contudo, é válido afirmar, além disso, que é notável e passível de comentário e de estudo a habilidade da autora em registrar, de forma exemplar e

autêntica, todas as suas impressões a respeito da senilidade e do cotidiano da vida moderna dentro da crônica, gênero totalmente propício e aberto para o diálogo estabelecido por Rachel de Queiroz, o que outorga à cronista, da mesma forma como ocorreu com a ficcionista, o título de “primeira grande voz do modernismo brasileiro”.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. O frívolo cronista. In: \_\_\_\_\_ *Boca de Luar*. São Paulo: Círculo do livro, 1984. p. 178-180.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_ *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 51-66.

BAKHTIN, Mikahail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

BARRETO, Maria Leticia. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da C. Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELTRÃO, Luiz.; QUIRINO, Newton de Oliveira. *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986. v.13

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov. In: \_\_\_\_\_ *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-81.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 3. ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1976.

BERND, Zilá. *O sertão medieval de Rachel de Queiroz*. Ensaios PPG – Letras, número especial, 1997.

BLOCH, Adolfo. et. al. *Rachel de Queiroz: os oitenta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

BORGES, Jorge Luis. *Cinco visões pessoais*. 3. ed. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz: crítica, bibliografia, seleção de textos, iconografia*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1977.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés-do-chão". In: CANDIDO, Antonio. et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. *Os parceiros do Rio Bonito*. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CARDOSO, Francisco Navarro. *Rachel de Queiroz: primeira mujer em la Academia Brasileña de Letras*. Revista da Cultura Brasileña 46, 1978. p. 119-124.

CARDOSO, Marília Rothier. "Moda da crônica: frívola e cruel". In: CANDIDO, Antonio. et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 137-147.

CARPEAUX, Otto Maria. *Sobre letras e artes*. Sel. e org. Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

CASTRO, Gustavo.; GALENO, Alex. (Org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Editora Escrituras, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 1994.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. 5. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHAIMOWICZ, Flávio. *Os idosos brasileiros no século XXI: demografia, saúde e sociedade*. Belo Horizonte: Editora Postgraduate, 1998.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer e A amizade*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 1997.

CORRÊA, Almir Aquino. Achegas para a história da crônica no Brasil. In: Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná, V, 1991, Guarapuava. **Anais...** Maringá, UEM, 1992. p. 85-91.

COUTINHO, Afrânio.; COUTINHO Eduardo F. (Org.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v.6. p. 117-137.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DESTÉFANI, Gema. *Envelhecer com dignidade*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos*. São Paulo: Ática, 1983.

ELIAS, Norbert. *Condição humana: considerações sobre a evolução da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GIL, Gilberto. In: *Extra*. CD Warner Music. Brasil, 1983.

GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIDIN, Márcia Lígia. *Armário de vidro: a velhice em Machado de Assis*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Trad. Thomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HELLER, Agnes. “Estrutura da vida cotidiana”. In: *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leonardo Konder. Rio de Janeiro: Editora Paz na Terra, 1972.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

JOSGRILBERG, Fábio B. *Cotidiano e invenção: os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Editora Escrituras, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana e a história*. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEITE, Iolanda Lourenço. *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel, 2004.

LUKÁCS, George. *Estética: la peculiaridad de lo estético*. Barcelona: Grijalbo, 1966.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. 2. ed. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. "Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica". In: CANDIDO, Antonio. et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 93-133.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: *A criação literária*. 19. ed. São Paulo: Cultrix. 1967. p. 101-120.

MORAES, Vinícius. O exercício da crônica. In: \_\_\_\_\_ *Para viver um grande amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17-18.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 17-31.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1998.

PORTELLA, Eduardo. "A cidade e a letra". In: \_\_\_\_\_ *Dimensões I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

\_\_\_\_\_. Visão prospectiva da literatura no Brasil. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) & COUTINHO, Eduardo (Co-dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 266-275. v.6

QUEIROZ, Rachel de.; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos: uma biografia*. 4. ed. São Paulo: ARX, 2004.

RONCARI, Luiz. A crônica: duas ou três coisas que penso dela. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, jan 1983. p. 8-9. Folhetim.

\_\_\_\_\_. A estampa da rotativa da crônica literária. In: *Boletim bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. Jan/dez, 1985. p. 9-16. v.6

RUSSO, Renato. "O tempo perdido" LP *Legião Urbana*. Emi-Odeon. Rio de Janeiro, 1986.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática. 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O cronista é um escritor crônico*. <http://www.almacarioca.com.br/cro26.htm>. 1988. p. 1.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 22-42.

SIMON, Luiz Carlos Santos. "A autoridade do cronista". In: *XV Seminário do CELLIP. Anais...* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

\_\_\_\_\_. "Do prosaico ao lírico: percorrendo as crônicas de Drummond". In: *O mundo, vasto mundo de Drummond – Centenário de Carlos Drummond de Andrade. Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. "Do jornal ao livro: a trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso". *Temas & Matizes* n. 5, julho 2004. Cascavel: Edunioeste, 2004.

\_\_\_\_\_. "Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga". In: *Gragoatá*. Niterói: EDUFF, v. 17, p. 197-213, 2004.

\_\_\_\_\_. "O perfil intelectual do cronista contemporâneo". In: *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. (Org.) Patrícia Peterle, Andréa Santurbano, Luiz Roberto Vellozo Cairo e Izabel Nargato. Assis: FCL Assis-UNESP, 2006. p. 159-168.

**BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Moça deitada na grama*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

\_\_\_\_\_. *Cadeira de Balanço*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os dias lindos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. *Auto-retrato e outras crônicas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BRAGA, Rubem. et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1977. v.1

\_\_\_\_\_. et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1979. v.4

\_\_\_\_\_. *As coisas boas da vida*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

\_\_\_\_\_. *Ai de ti, Copacabana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

\_\_\_\_\_. et. al. *Para gostar de ler*. 27. ed. São Paulo: Ática, 2003.

QUEIROZ, Rachel de. *As terras ásperas*. São Paulo: Siciliano, 1993.

\_\_\_\_\_. *Um alpendre, uma rede, um açude: 100 crônicas escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

\_\_\_\_\_. *Falso mar, falso mundo*. São Paulo: Editora Arx, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cenas brasileiras*. In: *Para Gostar de ler*. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Rachel de Queiroz*. Sel. e pref. Heloisa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. et. al. *Boa companhia: crônicas*. (Org.) Humberto Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE – Obras<sup>18</sup>

### Individuais:

#### Romances:

- *O quinze* (1930)
- *João Miguel* (1932)
- *Caminho de pedras* (1937)
- *As três Marias* (1939)
- *Dôra, Doralina* (1975)
- *O galo de ouro* (1985) - folhetim na revista " O Cruzeiro", (1950)
- *Obra reunida* (1989)
- *Memorial de Maria Moura* (1992)

#### Literatura Infanto-Juvenil:

- *O menino mágico* (1969)
- *Cafute & Pena-de-Prata* (1986)
- *Andira* (1992)
- *Cenas brasileiras* - Para gostar de ler 17

#### Teatro:

- *Lampião* (1953)
- *A beata Maria do Egito* (1958)
- *Teatro* (1995)
- *O padrezinho santo* (inédita)
- *A sereia voadora* (inédita)

#### Crônica:

- *A donzela e a moura torta* (1948)
- *100 Crônicas escolhidas* (1958)
- *Um alpendre, uma rede, um açude: 100 crônicas escolhidas* (1958)

---

<sup>18</sup> Os dados sobre as obras de Rachel de Queiroz foram obtidos em livros de e sobre a autora, em sites da Internet, em jornais e em revistas de circulação nacional.

- *Mapinguari* (1964)
- *O brasileiro perplexo* (1964)
- *O caçador de tatu* (1967)
- *As meninas e outras crônicas* (1976)
- *O homem e o tempo: 74 crônicas escolhidas* (1976)
- *O jogador de sinuca e mais historinhas* (1980)
- *As terras ásperas* (1993)
- *A longa vida que já vivemos*
- *Cenas brasileiras*
- *Xerimbabo* (ilustrações de Graça Lima)
- *Falso mar, falso mundo: 89 crônicas escolhidas* (2002)

#### **Antologias:**

- Três romances (1948)
- Quatro romances (1960) (*O Quinze, João Miguel, Caminho de Pedras, As três Marias*)
- Seleta (1973) - organização de Paulo Rónai

#### **Livros em parceria:**

- *Brandão entre o mar e o amor* (romance - 1942) - com José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Jorge Amado.
- *O mistério dos MMM* (romance policial - 1962) - Com Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, Guimarães Rosa, Antônio Callado e Orígenes Lessa.
- *Luís e Maria* (cartilha de alfabetização de adultos - 1971) - Com Marion Vilas Boas Sá Rego.
- *Meu livro de Brasil* (Educação Moral e Cívica - 1º. Grau, Volumes 3, 4 e 5 - 1971) - Com Nilda Bethlem.
- *O nosso Ceará* (com sua irmã, Maria Luíza de Queiroz Salek), relato, 1994.
- *Tantos anos* (com sua irmã, Maria Luíza de Queiroz Salek), autobiografia, 1998.
- *O Não Me Deixes – Suas Histórias e Sua Cozinha* (com sua irmã, Maria Luíza de Queiroz Salek), 2000.

## Obras traduzidas pela escritora:

### Romances:

- AUSTEN, Jane. *Mansfield Pariz* (1942)
- BALZAC, Honoré de. *A mulher de trinta anos* (1948)
- BAUM, Vicki. *Helena Wilfuer* (1944)
- BELLAMANN, Henry. *A intrusa* (1945)
- BOTTONE, Phyllis. *Tempestade d'alma* (1943)
- BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes* (1947)
- BRUYÈRE, André. *Os Robinsons da montanha* (1948)
- BUCK, Pearl. *A promessa* (1946)
- BUTLER, Samuel. *Destino da carne* (1942)
- CHRISTIE, Agatha. *A mulher diabólica* (1971)
- CRONIN, A. J. *A família Brodie* (1940)
- CRONIN, A. J. *Anos de ternura* (1947)
- CRONIN, A. J. *Aventuras da maleta negra* (1948)
- DONAL, Mario. *O quarto misterioso e Congresso de bonecas* (1947)
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos* (1944)
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Recordações da casa dos mortos* (1945)
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios* (1951)
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamazov* (1952) 3.v
- DU MAURIER, Daphne. *O roteiro das gaivotas* (1943)
- FREMANTLE, Anne. *Idade da fé* (1970)
- GALSWORTHY, John. *A crônica dos Forsyte* (1946) 3.v
- GASKELL, Elisabeth. *Cranford* (1946)
- GAUTHIER, Théophile. *O romance da múmia* (1972)
- HEIDENSTAM, Verner von. *Os carolinos: crônica de Carlos XII* (1963)
- HILTON, James. *Fúria no céu* (1944)
- LA CONTRIE, M. D'Agon de. *Aventuras de Carlota* (1947)
- LOISEL, Y. *A casa dos cravos brancos* (1947)
- LONDON, Jack. *O lobo do mar* (1972)
- MAURIAC, François. *O deserto do amor* (1966)
- PROUTY, Oliver. *Stella Dallas* (1945)
- REMARQUE, Erich Maria. *Náufragos* (1942)

ROSAIRE, Forrest. *Os dois amores de Grey Manning* (1948)

ROSMER, Jean. *A afilhada do imperador* (1950)

SAILLY, Suzanne. *A deusa da tribo* (1950)

VERDAT, Germaine. *A conquista da torre misteriosa* (1948)

VERNE, Júlio. *Miguel Strogoff* (1972)

WHARTON, Edith. *Eu soube amar* (1940)

WILLEMS, Raphaelle. *A predileta* (1950)

### **Biografias e memórias:**

BUCK, Pearl. *A exilada: retrato de uma mãe americana* (1943)

CHAPLIN, Charles. *Minha vida* (1965)

DUMAS, Alexandre. *Memórias de Alexandre Dumas, pai* (1947)

TERESA DE JESUS, Santa. *Vida de Santa Teresa de Jesus* (1946)

STONE, Irwin. *Mulher imortal: biografia de Jessie Benton Fremont* (1947)

TOLSTÓI, Leon. *Memórias* (1944)

### **Teatro:**

CRONIN, A. J. *Os deuses riem* (1952)

**ANEXOS**

**ANEXO A**

**“Falso Mar, Falso Mundo” (05-11-1994)**

**ANEXO A – “Falso Mar, Falso Mundo” (05-11-1994)**

O mundo anda cada vez mais complicado, o que não é bom. O nosso frágil corpo humano não foi feito para competir com a máquina, conviver com a máquina e explorá-la. A cada adiantamento técnico-científico, o conflito fica mais duro para o nosso lado. A massificação da vida cotidiana, por exemplo. Há uns vinte anos, Oyama e eu nos hospedamos num hotel americano que tinha vinte e cinco andares; o nosso quarto ficava no segundo andar, e cada andar era a cópia fiel do outro, superpostos corredor sobre corredor, quarto sobre quarto. E, de noite, eu não conseguia dormir, pensando que, por cima de nós, empilhados em montes, estavam vinte e três quartos iguais, e as camas iguais, uma sobre a outra. E em cada cama um casal dormindo, roncando, brigando. E se de repente o hotel afundasse, os assoalhos afundassem... Lembrei aí que, embaixo de nós tinha um quarto igual, outro casal na cama; e a impressão era desagradabilíssima, não sei se me entendem, aquela espécie de promiscuidade invisível mas concreta, cada casal na sua alcova, como aqueles montes de caixas de ovos nas prateleiras dos supermercados...

Viajar de avião — quem não tem medo adora. Por mim, detesto. Não tenho medo, mas também não acho agradável a idéia de que estamos todos nós ali, arrumadinhos, em filas simétricas, dentro daquela lata voadora... Um menino que estudava ciências me explicou que o vôo dos aviões a jato era comandado pelas leis da balística: o motor funciona como uma pistola automática que constantemente estivesse disparando. O vôo é mantido pela explosão contínua de jato, como a bala é impulsionada pela explosão da pólvora. O avião não pode cair enquanto o jato estiver mandando o seu impulso. (Estaria o menino certo? Tinha só doze anos!) Mas, de qualquer forma, me senti segura e tranqüilizei os medrosos: todos sabemos que uma bala jamais cai a meio do caminho antes de chegar ao seu ponto de alcance. Só uma senhora gorda, que mantinha a mão enfiada na bolsa, debulhando secretamente o seu terço; essa ficou até pior, dizendo que a coisa de que tinha mais medo era de tiro, e a gente, então, era voada por tiro? Puxou pra fora o terço e eu nunca mais tentei tranqüilizar ninguém em avião.

Mas nesta semana vi na TV uma reportagem que me horrorizou como prova de que, a cada dia, mais renunciamos às nossas prerrogativas de seres

vivos e nos tornamos robotizados. Foi a “Praia Artificial” no Japão (logo no Japão, arquipélago penetrado e cercado de mar por todos os lados!). É um galpão imenso, maior do que qualquer aeroporto, coberto por uma espécie de cúpula oblonga, de plástico. E filas à entrada, lá dentro há um guichê, o pessoal paga a entrada, que é cara, e some. Deve entrar no vestiário, ou antes, no despiário, pois surgem já sem a roupa, convenientemente seminus, como se faz na praia. Pois que debaixo daquele imenso teto de plástico está um mar, com a sua praia. Mar que, na tela, aparece bem azul com ondas de verdade, coroadas de espuma branca; ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens atletas surfam e rebolam. E um falso sol, de luz e calor graduáveis; e a praia é de areia composta por pedrinhas de mármore, a cujo contato algumas moças de biquíni se queixavam de que doía um pouco. “Mas valia a pena.”

Não sei se pelo exotismo das feições ou se pelo perfeito comportamento dos figurantes, a gente tinha a impressão absoluta de que assistia a uma cena de animação figurada em computador, como aquelas mulheres afuniladas que fazem a abertura do *Fantástico*.

A única presença viva, destacando-se no elenco de bonecos, era a nossa querida, bela e intrépida repórter Gloria Maria, apresentadora do espetáculo “Mar artificial”. Já se viu? Se fosse uma honesta piscina de água morna, tudo bem. Mas fingir as ondas, falsificar um sol bronzeando, de trinta e cinco graus, e toda aquela gente se deitando com a simulação e depois voltando para a rua vestida nos seus casacos! Me deu pena, horror, sei lá.

Aquilo não pode deixar de ser pecado. Falsificar com tanta imprudência as criações da natureza, e pra quê? Cadê o Partido Verde, o Greenpeace, os naturebas de todos os gêneros, para clamarem contra o sacrilégio?

**ANEXO B****“De Armas na Mão pela Liberdade” (18-11-1995)**

**ANEXO B – “De Armas na Mão pela Liberdade” (18-11-1995)**

Não estou inventando: saiu no jornal: “Em Porto Alegre, senhora de 90 anos (90, sim) arma-se com dois (dois!) revólveres e abre caminho para a rua, garantindo o seu direito de ir e vir”. Não lhe dou o nome porque não sou dedo-duro; conta-se o milagre sem precisar dizer o nome do santo.

Os revólveres, no caso, eram dois trinta-e-oito. Ou, como se diz na gíria, dois trezoitãos. E tinham bala dentro, e a idosa dona, pelo jeito leve com que os empunhava, mostrava que sabia atirar.

Assim mesmo foi detida pelos policiais, tiraram-lhe as armas, sob os veementes protestos da anciã. E, mostrando-se as autoridades curiosas quanto à procedência dos revólveres, ela declarou que haviam pertencido ao seu falecido pai, e que os guardava num velho baú, no porão da “casa de idosos” onde mora. Recebendo uma pensão de uns dois salários mínimos, não podia, logicamente, pagar a mensalidade que lhe cobriam por um quarto normal, na “casa de idosos”. Deram-lhe então o tal porão, a preço módico, escuro, sem janelas — imagine o calor que não faz lá, nos meses de verão, principalmente janeiro, em Porto Alegre! E no inverno, no frio, como não deve ser escuro e mal arejado. Assim mesmo, parece que a diretoria da casa não lhe permitia saídas. E a repórter o confirma: a direção a proibia de sair, receando que, assim idosa, ela se perdesse na rua, sofresse algum acidente ou assalto. Na mentalidade da maioria das pessoas, velho é pra viver preso, na casa, no quarto; o ideal é uma cadeira de rodas, mas nem sempre a conseguem. E o infeliz do idoso quase nunca pode se defender da solícitude dos mais moços, filhos, parentes, guardiões; “Não coma esse doce, olha o diabetes!” (como se o doce fosse de arsênico). “Cuidado, não vá tropeçar.” “Calma, segure bem no corrimão.” “Olha o buraco na calçada, veja onde está pisando!” E os mais solícitos ou mais medrosos nos seguram com tanta força o braço que até parecem estar carregando às grades um preso renitente.

Imagine o grau de indignação, de constrangimento, de “cólera que espuma”, como dizia o soneto, que sufocava o coração da nossa heroína. A vontade louca de ver o céu, luz, rua, pessoas desconhecidas, e não as caras severas dos seus guardiões. No jornal de Porto Alegre diz-se que ela é solteira, ou ‘inupta’ (a que não convolou núpcias), segundo a fórmula legal. Fadada a viver sozinha, na nua solidão, sem nem ter a companhia de outro velho, de um companheiro ao seu lado,

que lhe fizesse massagens contra reumatismo, com quem dividisse a surdez, as deficiências visuais; ou, viúva que fosse, tivesse do companheiro as perenes lembranças de uma vida comum, até mesmo lembranças do amor. Digo isso timidamente, temendo risos, pois quem vai admitir que um velho ou velha, de 90 anos, tenha lembranças de amor?

Verdade que nessas campanhas caritativas em prol da “terceira idade” eles brincam carinhosamente com a idéia de dois velhos dançando (na televisão, os velhotes dançarinos sempre ensaiam um tango argentino e são vestidos à moda de 1925, ela já de saia meio curta de melindrosa e ele de colete e polainas!). Botam os velhos para estudar vestibular, ou pra fazer ioga, para treinar pintura a óleo (flores e paisagens rústicas), a cantar em coros etc. etc. Ninguém parece entender que a primeira condição para o velho não se sentir tão velho é deixá-lo sentir-se livre. Resolver seus problemas pessoais; ser ele próprio quem conte os seus sintomas ao médico, ser ele próprio quem decide se toma ou não os remédios prescritos — como faz todo mundo. Deixar que ele se liberte um instante ao menos da tutela dos “entes queridos” e não lhe ralhar se ele, liberado, der uma topada, um tropicão, no exercício dessa liberdade. Deixá-lo que durma só, que não lhe apareça ninguém no quarto à meia-noite, perguntando se ele está insone (está muito feliz, lendo), se esqueceu de tomar o Lexotan...

Ah, como a gente entende a velha pistoleira do Rio Grande do Sul! E fico preocupada — que estarão fazendo com ela, sem nem ao menos serem os filhos que a tiranizem, vítima da ácida vigilância dos estranhos. E agora, então, as coisas devem ter piorado. Já que a nossa nonagenária pistoleira e fujona confessou que guardava as armas num velho baú. Cuidado, velhos e velhas, meus colegas: vocês vão ver que, de hoje em diante, ninguém mais vai nos deixar possuir um baú!

**ANEXO C****“Não Aconselho Envelhecer” (18-03-1995)**

**ANEXO C – “Não Aconselho Envelhecer” (18-03-1995)**

Aos moços dou um conselho: não fiquem velhos. Verdade que as opções são poucas — morrer, ou lutar contra a velhice. E morrer não seria opção, mas entrega; e a luta? Bem, a luta resulta sempre numa batalha perdida e inglória.

Entre os processos cruéis da natureza, é a velhice o mais cruel. Implacável, insidiosa, ataca por todos os lados, abre a porta a todas as moléstias mortais. Pensando bem, é uma espécie de HIV a longo prazo. Te ataca o coração, o pulmão, todas as demais vísceras — a tripa, o fígado, o que nos abatedouros se chama o *arrasto*. E mais a fiação arterial e venosa; e a coluna! E não falei na atividade cerebral. E também esqueci os ossos, a infame osteoporose, que te rói os ossos pelo tutano, deixando-os como frágeis cascas de ovos. E então basta um pequeno escorregão na banheira para deixar um fêmur fraturado.

Os moços compadecidos, os quarentões assustados e os próprios velhos, apelando para tudo, inventaram ultimamente essas bobagens de “terceira idade”, clubes e associações que trabalham contra o isolamento e as tristezas da velhice. Mas não se iluda, velho, meu amigo e colega. Ninguém está acreditando naquilo. Você já viu na TV um quadro de propaganda dessa falsa recuperação de terceira idade? Um velho e uma velha, vestidos à moda dos anos 30, tentando dançar um tango argentino? É patético, embora a maioria dos moços apenas o considere docemente ridículo.

Diz-se que já se consegue muito na luta contra a velhice. Ginástica, dieta, malhação, corrida etc. Cirurgia plástica. Ah, já pensaram no tormento de uma bela mulher, atriz, dama do soçaito, cortesão, que viva da e para a sua beleza, ao descobrir as primeiras rugas, a flacidez do mento, daquela sutil rede de outras pequenas rugas que rodeiam os lábios? O dr. Pitanguy opera e os seus colegas de mérito variável também operam. Mas, por mais famosos, competentes e mágicos que sejam os cirurgiões plásticos, só fazem mágicas, não fazem milagres. Esticam a pele sobre os músculos flácidos, fazem um *peeling*, que é uma espécie de raladura na cútis, fica lindo a princípio, mas, como toda mágica, não dura muito. E aí tem que começar tudo outra vez, as cicatrizes já não se escondem tão bem atrás das orelhas ou no couro cabeludo, que, aparado, vai encurtando, deixando as pacientes com testas enormes, quase uma calvície. E nem falei em calvície que, mercê de Deus, ataca mais os homens que as mulheres!

Você contempla no espelho, vê as rugas do seu rosto, do seu pescoço, como se olhasse uma máscara que se desfaz. Vê bem, sabe como está velho, embora não sinta que está velho. Sua alma, seus sentimentos, sua cabeça, nada disso confirma a palavra ou a imagem do espelho. Mas os outros só vêem de você o que o espelho vê.

E a par disso as cãs, quer dizer, os cabelos brancos? Bem, os cabelos pintam-se. Mas vocês já descobriram que, por mais excelentes que sejam os cabeleireiros e as tinturas, o cabelo pintado fica sempre gritantemente diverso do natural? Pensei sobre isso e acabei descobrindo: o cabelo nosso, a natureza lhe dá cor de fio em fio, cada fio na sua tonalidade, uns mais claros, outros mais escuros: o conjunto toma esse colorido inimitável, que profissional nenhum pode obter, já que lhe é impossível tingir fio por fio. E, daí, essas senhoras de comas tão louras, tão ruivas, tão castanhas e negras, não iludirem nunca, darem mesmo a impressão de que usam perucas.

E, no final de tudo, vem o envelhecimento da cabeça, da inteligência, das idéias, da alma — da chamada psiquê. O velho tenta se equiparar às audácias dos jovens, até mesmo excedê-las — mas a si próprio não se convence. Sabe que as suas idéias são as do seu tempo, fruto do que leu, viu e acumulou; e isso pode ser camuflado, mas não pode ser modificado. Dizem que as células cerebrais não se renovam, como as demais células do corpo — será verdade? Até mesmo as idéias dos gênios mortos envelhecem; e diante das idéias de um Nietzsche, de um Freud, tem que se dar o desconto do tempo e das mudanças. Contudo, o pior mesmo é quando você, com honesta sinceridade, lamenta diante de alguém os estragos que lhe traz a velhice, e esse alguém protesta com veemência: “Eu queria, quando chegar à sua idade, ter essa sua lucidez!”

Lucidez? O que é que esse cara esperava? Que você já estivesse caduco?

**ANEXO D****“A Longa Vida que já Vivemos” (08-05-1992)**

**ANEXO D – “A Longa Vida que já Vivemos” (08-05-1992)**

A querida velha dama, que está a dois anos do centenário, olhou complacentemente os dedos da mão direita e comentou:

— E pensar que estes dedos têm 98 anos cada um! Enrugados, coitadinhos, e, neste maior-de-todos, um pouco de reumatismo na junta . Mas ainda dão muito bem para segurar a agulha de crochê, o jornal da leitura, as cartas para a canastra...

E assim falando, saiu em passo curto, mas firme, para tomar banho sozinha no chuveiro, e lavar o cabelo, e ela mesma arrumá-lo em discreto *mise-en-plis*, e vestir o terninho fresco de linho, e fazer a maquiagem (creme, pó-de-arroz, ruge e batom, em tons suaves, que ela é muito clara).

Depois virá sentar-se à mesa para enfrentar conosco, sem preocupações de dieta, o gordo cozido dos domingos.

E a gente fica pensando nessa máquina maravilhosa que é o corpo humano. Há 98 anos que bate aquele coração; ou seja, bate a 1 176 meses, 35 770 dias, 858 480 horas, ou, ainda, 51 508 800 minutos. E, se não me erra a maquininha, 5 195 290 000 segundos! E não acrescentamos o período da gestação, quando o valente coraçãozinho do feto já batia no ventre da mãe. Cada perna também tem 98 anos, como gosta ela de dizer; e cada órgão do corpo, cada volta do cérebro ou das vísceras, cada neurônio, cada músculo, cada osso! E tudo funciona nestes 98 anos, sem perda de um segundo sequer, pois bastaria uma pequeníssima parada para lhe decretar a morte.

Nos devaneios da ficção científica os autores gostam de imaginar máquinas auto-reparadoras, que funcionam indefinidamente e que, sem carecer de ajuda estranha, se consertam a si mesmas, narcisisticamente.

Mas essa máquina já existe — ela é você! Ou eu, ou seu pai, ou seu filho! Nós só damos o prego por interferência alheia, desastre, invasão de micróbios ou de células degeneradas; sempre por ação de inimigos — sejam outros seres ou máquinas, ou forças da natureza; seja o infinitamente pequeno e infinitamente letal.

A essas agressões externas, nem mesmo as usinas auto-reparadoras do Asimov resistiriam.

E ainda temos, nós e todos os demais seres vivos, a capacidade não apenas de sobreviver, mas de nos reproduzirmos. Fabricar novos seres que nos

substituam na hora em que perdermos a batalha. A gente então vai, mas vêm os outros. E esses outros a cada dia logram vida mais longa — graças ao mais importante dos nossos dons: a inteligência, que trabalha incessantemente para vencer os inimigos da carne (que não é apenas a luxúria, como reza o catecismo, mas tudo aquilo que ataque e ofenda o nosso precioso e inigualável corpo). A divina máquina que o Padre Eterno modelou no barro e depois animou com o seu sopro.

Li outro dia que, antes de Pasteur, a média da vida humana, entre os ricos, pouco passava dos 50 anos, e nas áreas de extrema pobreza ainda a média está entre os 30 e os 40. Mas nós vamos caminhando para sair dessa estatística, cada vez a passos mais largos. Todas as ciências se juntam para aumentar as chances de vida, a prolongar a velhice sem senilidade. Já estão por toda parte os nonagenários; mas na nossa mocidade, os de 90, como os temos tantos hoje, eram raríssimos. Uma coisa terrível como o cólera, capaz de exterminar quase toda a população da terra séculos atrás, é hoje apenas assunto de preocupação razoável, até mesmo no Terceiro Mundo.

E os nossos filhos já conviverão com centenários. E não dou mais nem um século, e estaremos (ou estarão pelo menos os ricos) vivendo tranqüilamente até a marca dos 900, como o patriarca Matusalém.

Eu disse *tranqüilamente*? Mas isso não posso garantir. E nem mesmo posso garantir que seja bom.

**ANEXO E**

**“A Menina que vai Crescer” (23-06-1989)**

**ANEXO E – “A Menina que vai Crescer” (23-06-1989)**

Ontem o doutor tomou as medidas de minha bisneta de dois anos, por nome Ana Teresa, e comunicou à mãe que a garota vai ter, quando adulta, 1,72 m de altura, será esbelta e longilínea. Então a gente fica pensando: que mistérios, que potencialidades se escondem dentro daquele corpinho, mulher miniatura, já tendo guardados consigo todos os componentes de uma futura mulher? Ora, direis, num ovo também já estão encerradas todas as potencialidades do pinto — bico, pena, osso, carne, tripa, até o piar do pinto que se projetará mais tarde no clarinar do galo. Mas um ovo é oval ou ovóide, branco, liso, fechado, burro. Mal comparando, é como o presidenciável desconhecido: ninguém pode ver o que está lá dentro. Não se sabe sequer se aquele ovo foi galado.

Já a pessoinha Ana Teresa é, de si, obra além de visível — visibilíssima! —, perfeita, que não carece de mudança nenhuma para melhorar. Anda, corre, dança, fala, canta, mente, acarinha, briga, reivindica, chora. Tem aqueles olhos luminosos, aquele sorriso irresistível. Até as caixas do supermercado sorriem para ela, o que é sinal de um carisma absoluto. Verdade que a fala ainda está irregular, faltam-lhe algumas consoantes mais fortes — e daí? A Brooke Shields, falando português, deve ser ainda pior, nem por isso deixa de ser a Brooke Shields.

O mal é que, embora sendo a menina essa perfeição já realizada, todos só falam em vê-la crescida. Os pais mandam medi-la, os doutores vivem a fazer antecipações sobre o seu futuro, ela própria deve sonhar em ser uma pessoa grande. Mas depois de se ver grande, adulta, duvido que ela queira ser velha, o que é afinal a lei natural das coisas e o destino de toda evolução. Acontece que a velhice é o mais indesejável de todos os progressos. E se em geral nós próprios, os velhos, não sonhamos em fazer a marcha inversa e regressar à mocidade, é porque recordamos como foi duro, desgastante e difícil o caminho que vai do estado de adulto à velhice. Aliás, mesmo o caminho que leva da infância à mocidade não se pode dizer que seja um tapete de rosas. Ou quando o é, tem muito espinho entre a folhagem, já que não há rosa sem espinho, como diz a voz do povo. E, então, a gente olha para Ana Teresa, esplendorosa, e pensa na loucura, na imprudência da natureza em substituir aquilo tudo que é só graça suave, combinação sábia de colorido — cabelo, olhos, pele, boca — e ir trocando os dentes, engrossando a seda do cabelo e a transparência da pele, pondo ângulos no desenho suave de braços,

pernas e ombros, estirando ossos... Mesmo que venha ela a ser uma moça linda, será de uma lindeza diferente. E para onde vai tudo aquilo que estava ali, na pessoinha inimitável, e se transformou? A gente é, de certa forma, como aquelas bonecas russas que contêm várias bonecas, uma dentro da outra, e que se vai descartando até chegar à mais bonita, que é a menor. Só que, no processo de crescimento, a mudança é inversa, vai-se do menor para o maior. Embora o modelo menor continue a ser, como nas bonecas, o mais bem-acabado e o mais bonito. Pelo menos o é, para o velho coração da bisavó, que gostaria de parar o tempo e o cenário de luz e flor em redor de Ana Teresa. Mas até a própria Ana só pensa no tempo em que vai “ser grande”. Ou “gande”, como ela diz.

**ANEXO F**  
**“A Arte de ser Avó” (agosto – 1958)**

**ANEXO F – “A Arte de ser Avó” (agosto – 1958)**

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais filho que o filho mesmo...

Quarenta anos, quarenta e cinco. Você sente, obscuramente, nos seus ossos, que o tempo passou mais depressa do que esperava. Não lhe incomoda envelhecer, é claro. A velhice tem as suas alegrias, as suas compensações — todos dizem isso, embora você, pessoalmente, ainda não as tenha descoberto — mas acredita.

Todavia, também obscuramente, também sentida nos seus ossos, às vezes lhe dá aquela nostalgia da mocidade. Não de amores nem de paixões: a doçura da meia-idade não lhe exige essas efervescências. A saudade é de alguma coisa que você tinha e lhe fugiu sutilmente junto com a mocidade. Bracinhos de criança no seu pescoço. Choro de criança, O tumulto da presença infantil ao seu redor. Meu Deus, para onde foram as suas crianças? Naqueles adultos cheios de problemas, que hoje são os seus filhos, que têm sogro e sogra, cônjuge, emprego, apartamento a prestações, você não encontra de modo nenhum as suas crianças perdidas. São homens e mulheres — não são mais aqueles que você recorda.

E então, um belo dia, sem que lhe fosse imposta nenhuma das agonias da gestação ou do parto, o doutor lhe põe nos braços um menino. Completamente grátis — nisso é que está a maravilha. Sem dores, sem choro, aquela criancinha da sua raça da qual você morria de saudades, símbolo ou penhor da mocidade perdida. Pois aquela criancinha, longe de ser um estranho, é um menino seu que lhe é “devolvido”. E o espantoso é que todos lhe reconhecem o seu direito sobre ele, ou pelo menos o seu direito de o amar com extravagância; ao contrário, causaria escândalo e decepção, se você não o acolhesse imediatamente com todo aquele amor recalcado que há anos se acumulava, desdenhado, no seu coração.

Sim, tenho a certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos,

profundos e felizes, que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis. Aliás, desconfio muito de que netos são melhores que namorados, pois que as violências da mocidade produzem mais lágrimas do que enlevos. Se o Doutor Fausto fosse avô, trocaria calmamente dez Margaridas por um neto...

No entanto — no entanto! — nem tudo são flores no caminho da avó. Há, acima de tudo, o entrave maior, a grande rival: a mãe. Não importa que ela, em si, seja sua filha. Não deixa por isso de ser a mãe do garoto. Não importa que ela, hipocritamente, ensine o menino a lhe dar beijos e a lhe chamar de “vovozinha” e lhe conte que de noite, às vezes, ele de repente acorda e pergunta por você. São lisonjas, nada mais. No fundo ela é rival mesmo. Rigorosamente, nas suas posições respectivas, a mãe e a avó representam, em relação ao neto, papéis muito semelhantes ao da esposa e da amante nos triângulos conjugais. A mãe tem todas as vantagens da domesticidade e da presença constante. Dorme com ele, dá-lhe de comer, dá-lhe banho, veste-o. Embala-o de noite. Contra si tem a fadiga da rotina, a obrigação de educar e o ônus de castigar.

Já a avó não tem direitos legais, mas oferece a sedução do romance e do imprevisto. Mora em outra casa. Traz presentes. Faz coisas não programadas. Leva a passear, “*não ralha nunca*”. Deixa lambuzar de pirulito. Não tem a menor pretensão pedagógica. É a confidente das horas de ressentimento, o último recurso dos momentos de opressão, a secreta aliada nas crises de rebeldia. Uma noite passada em sua casa é uma deliciosa fuga à rotina, tem todos os encantos de uma aventura. Lá não há linha divisória entre o proibido e o permitido, antes uma maravilhosa subversão da disciplina. Dormir sem lavar as mãos, recusar a sopa e comer croquetes, tomar café — café! —, mexer no armário da louça, fazer trem com as cadeiras da sala, destruir revistas, derramar a água do gato, acender e apagar a luz elétrica mil vezes se quiser — e até fingir que está discando o telefone. Riscar a parede com o lápis dizendo que foi sem querer — e ser acreditado! Fazer má-criação aos gritos e em vez de apanhar ir para os braços da avó, e de lá escutar os debates sobre os perigos e os erros da educação moderna...

Sabe-se que, no reino dos céus, o cristão defunto desfruta os mais requintados prazeres da alma. Porém não estarão muito acima da alegria de sair de mãos dadas com o seu neto, numa manhã de sol. E olhe que aqui embaixo você ainda tem o direito de sentir orgulho, que aos bem-aventurados será defeso. Meu Deus, o olhar das outras avós com os seus filhotes magricelas ou obesos, a

morrerem de inveja do seu maravilhoso neto!

E quando você vai embalar o menino e ele, tonto de sono, abre um olho, lhe reconhece, sorri e diz “Vó!”, seu coração estala de felicidade, como pão ao forno.

E o misterioso entendimento que há entre avó e neto, na hora em que a mãe o castiga, e ele olha para você, sabendo que, se você não ousa intervir abertamente, pelo menos lhe dá sua incondicional cumplicidade...

Até as coisas negativas se viram em alegrias quando se intrometem entre avó e neto: o bibelô de estimação que se quebrou porque o menininho — involuntariamente! — bateu com a bola nele. Está quebrado e remendado, mas enriquecido com preciosas recordações: os cacos na mãozinha, os olhos arregalados, o beijo pronto para o choro; e depois o sorriso malandro e aliviado porque “ninguém” se zangou, o culpado foi a bola mesma, não foi, vó? Era um simples boneco que custou caro. Hoje é relíquia: não tem dinheiro que pague...

**ANEXO G****“A Cobra que Morde o Rabo” (09-01-1999)**

**ANEXO G – “A Cobra que Morde o Rabo” (09-01-1999)**

Mais um ano que se passa. Quando eu era menina pensava na passagem do século e dizia comigo: ‘Vou estar muito velha. Quando acabar 1999, eu irei completar 89 anos!’ e esses 80 anos me pareciam tão distantes quanto o fim do mundo; e me imaginava como seria eu, então (se sobrevivesse até lá!) velhinha, apoiada no bastão, ralhando com os bisnetos.., e já cá estou, sem bastão, andando livremente (até de salto alto, às vezes!), enfrentando a vida e suas tristezas, com a velha resignação cearense, que a gente já traz na massa do sangue. Não sei muito bem como se comportam os outros ante a adversidade, mas creio que nós, cearenses, temos a alma elástica: a batida vem, mas a gente reage sempre e se levanta. Tiramos o exemplo da natureza — a nossa natureza, lá! Vá, por exemplo, ao sertão nordestino, nos meses de novembro e dezembro. O povo, lá não tira os olhos do céu, em procura dos prenúncios. Pequenas nuvens ao poente..., pequenas, claro, ainda não é tempo das grandes, mas se elas se juntam para o sul quer dizer uma coisa; se aparecem ao poente, a coisa muda. Só o que eles não dizem é que coisa será essa: como todos os adivinhos do mundo, gostam de se envolver em mistério. E aquelas nuvens inocentes são branquinhas como se fossem feitas só de gelo e neve, não têm nada a ver com chuva, são só enfeites do céu...

Aqui no Rio, chove e a gente se maldiz. Ousam os nativos dizer que a chuva “estragou” a exibição de fogos na passagem da meia-noite. Mas a velha Chiquinha Rufino é que sabia interpretar essas coisas: “fogo é coisa do diabo, e a chuva é coisa de Deus”.

Por mim, não gosto de passagem de ano. Cada ano que se acaba é como se o cortassem de mim. Era meu e não é mais. Eu dependo dele para fazer projetos, marcar viagens, dividi-lo em mínimas porções: “Semana que vem vou a São Paulo, faço isto e aquilo lá (divido as horas e até os minutos em variados compromissos), é como se eu tivesse comprado o tempo para o meu uso”.

E como a gente se engana! O tempo é que é o nosso dono, suscita o inesperado, valendo-se das coisas mais íntimas. Até um salto de sapato que se quebra pode impedir o encontro definitivo da sua vida: você não consegue chegar na hora, e a pessoa amada vai embora após a espera inútil, certa de que a sua ausência era a prova definitiva do rompimento. E quando você consegue chegar ao ponto marcado, com duas horas de atraso, a pessoa amada já foi embora, certa de

que tudo acabou.

O que estou querendo dizer é que a gente é muito mais joguete das circunstâncias do que se pode imaginar. E estava errada minha avó quando dizia: “Tudo que Deus manda é para o nosso bem”. Primeiro, é até um pecado acreditar que Deus Nosso Senhor, lá do seu trono, no Paraíso, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor. Na realidade, na sua maioria, os casos de amor são fora da lei, ou dos costumes, ou dos preconceitos. Deus Nosso Senhor não cuida deles; e, embora os veja se quiser, já que Ele pode ver tudo, deve sorrir paciente, diante das nossas vicissitudes sentimentais e esperar que passem. Ele, mais que ninguém, no céu e na terra, sabe que tudo passa. Aliás, tenho a impressão de que a grande sorte do ser humano, na sua passagem pela vida, é saber que tudo é transitório. A começar pela própria vida, a sua própria existência.

Além de tão curta, tão repartida: infância, mocidade, maturidade, velhice, cada capítulo tem sua sorte própria, seus risos, suas dores, seus mistérios.

Mas o curioso é que viver não é um aprendizado. Um velho de cabelos brancos é tão inexperiente e crédulo quanto um menino, diante da vida.

Cai nos mesmos tropeços, o menino ao aprender a andar, o velho que já não pode confiar nas pernas para cruzar os passos. E a gente acaba, na vida, no mesmo ponto em que começou. Como a cobra que morde o rabo.

**ANEXO H**  
**“Os Noventa” (25-11-2000)**

**ANEXO H – “Os Noventa” (25-11-2000)**

Por que as dezenas são importantes, a gente não sabe muito bem. Mas sempre procuro dar uma explicação a cada dezena de anos que completo. Desde os cinqüenta. Talvez seja uma maneira de fugir ao impulso natural de negar a idade quando ela nos parece excessiva. Talvez uma defesa também: se eu proclamo a minha idade ninguém se interessará em alegá-la contra mim. Cinqüenta, sessenta, setenta, oitenta e agora estes antipáticos noventa. Não estou achando a menor graça: e lá dentro do meu coração, eu sinto que estes noventa anos são uma injustiça imerecida.

A gente devia ter o direito de escolher a sua idade. Por exemplo, quando tenho no colo meu bisneto Pedro, que é um irreprimível aventureiro, sinto que o entendo, partilho das suas brincadeiras, me arrisco pelos caminhos que ele sugere. E realmente, com Pedro no colo, sinto que tenho quase a idade dele. Mas junto aos meus velhos amigos, já octogenários, ou mesmo nonagenários, sinto-me como se fosse o próprio Matusalém. Partilho dos problemas deles, das suas indignações, de suas cóleras contra o regime e o poder. Fazendo essas confissões ocorre-me, de repente, que sou uma pessoa de resistência muito frágil ao seu meio e às suas circunstâncias. Verdade que quase sempre sou do contra, embora um contra ameno, cordial, quase uma adesão.

Quando jovem, pregava revoluções e mudanças, me apaixonava contra os poderosos. Mas, à medida que fui envelhecendo, o meu grande amor pelo gênero humano sobrelevava todos os demais sentimentos. Quando jovem, a gente tem pelo próximo um interesse que é mais curiosidade, descoberta e até um pouco de ressentimento. À medida que o tempo passa, a gente abranda. Conhecendo melhor as próprias fraquezas, procura entender as fraquezas dos outros. E vê-los cometer atos de intolerância e hostilidade, a gente tira o desconto e, em vez de hostilizar, procura entender. Creio que a melhor qualidade da velhice é a compreensão, até mesmo a condescendência com o que nos pareça erro nos outros. E quando esses erros partem de uma pessoa amada, nossa tentativa de compreensão se duplica: o importante naquela pessoa, para nós, é o amor que lhe temos e não o seu comportamento.

O amor dos velhinhos por filhos e netos, às vezes detestáveis, se justifica precisamente pelo amor que lhes dedicamos. Amor que eles não fizeram

nada por conquistar, mas que nós lhes oferecemos às mãos cheias e, principalmente, vindo do fundo do coração. Engraçado é que as cóleras e os ressentimentos também se aliviam. Será que, ao envelhecermos, ficamos mais frágeis, nossos ombros já não agüentam o peso dos ressentimentos? E muitas vezes nos surpreendemos a descobrir numa pessoa de quem não gostávamos qualidades ou virtudes que, anos atrás, jamais lhe admitiríamos.

O esquecimento, o amadurecimento e, para dizer uma palavra bonita, o perdão. Poucos dias atrás nos cruzamos de novo. Eu ia com pressa, mas lhe fiz um gesto amistoso e ele correspondeu com tanta cortesia como o faria um amigo do peito.

A gente se pergunta se este alívio dos ressentimentos é efeito da memória desgastada ou de um abrandamento do coração. Talvez sejam as duas coisas: como o ressentimento se esvaiu com o passar do tempo, o coração não teve mais estímulo para reagir. Aliás, esse desgaste do tempo que se reflete também na face do seu ex-inimigo deve igualmente se refletir na própria face, aos olhos dele. E a cordialidade que mostra talvez derive da constatação dele: “Meu Deus, como a Rachel está velha e diferente! Coitada!”.

É assim que acontece. O seu coração só guarda aqueles ressentimentos gravíssimos, os que não têm perdão. O resto vai embora, lavado pelo tempo. Em compensação quanta coisa boa nos ocorre de repente, boiando à flor da memória. Um sorriso, um gesto, um carinho. Aquela pessoa que você imaginava hostil de repente se aproxima e lhe dá um beijo no rosto. De graça, sem provocação da sua parte. E aquela gratuidade lhe dá uma sensação de prêmio; é como se você, passando num jardim, visse na sua mão a mais bela flor. Os gestos espontâneos quase sempre são inesperados. E com esse elemento de surpresa é que nos conquistam a gratidão.

Há pessoas que sentem muita pena de não terem conhecimento dos segredos do futuro. Eu, não. Este mundo atual já é tão rico de promessas, mas também de ameaças, que chego a dar graças a Deus por estes noventa anos já cumpridos. Pela falta de tempo a decorrer depois destes noventa anos, as surpresas serão poucas, quer as boas, quer as más.